

XCLUSIVE

# FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO

# 20 anos



Ano 18  
nº 222  
Out/2025

**ENTREVISTA**  
MARCOS JANK ANALISA  
COMO TENSÕES  
GEOPOLÍTICAS  
DESAFIAM O FUTURO  
DAS PROTEÍNAS

**ESPECIAL**  
AURORA COOP TRAZ  
MODELO DE NEGÓCIOS  
QUE ALIA ESCALA,  
INOVAÇÃO E  
COMPROMISSO SOCIAL

# PECUÁRIA RESPONSÁVEL

BEM-ESTAR ANIMAL DEIXA DE SER CUSTO E SE TORNA DIFERENCIAL  
ESTRATÉGICO NAS CADEIAS PRODUTIVAS

# Não deixe o calor derrubar seus resultados



Freshup❄️

**A Solução Completa ADM**



Auxilia no combate aos  
efeitos do estresse calórico



Contribui para o aumento do  
ganho de peso em condições  
de altas temperaturas

## FUNDADOR

**Oswaldo Ciasulli (MtB. 32.517)**  
osvaldo@dc7comunica.com.br

## CEO

**Diogo Ciasulli**  
diogo@dc7comunica.com.br

## GERENTE DE COMUNICAÇÃO

**Camila Santos**  
(MTb 39.770)  
camila@dc7comunica.com.br

## REPÓRTERES

**Caroline Mendes**  
(MTb 0058900/SP)  
caroline@dc7comunica.com.br

**Marcelo Macaú**

## EDITOR DE ARTE

**Daniel Guedes**  
(MTb 33.657)  
daniel@dc7comunica.com.br

## SOCIAL MEDIA

**Brenno Fressatto**  
brenno@dc7comunica.com.br

## MARKETING

**Raiane Modesto**  
raiane@dc7comunica.com.br

## FINANCEIRO

**Jaqueline Ridolfi**  
jaqueline@dc7comunica.com.br

## ADM/TRAFEGO

**Carolina Baggini**  
carolina@dc7comunica.com.br

## COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, ABPA, ACNB, APCS, Altemir Gregolin, André Luís Penha de Sena, Ariel Antonio Mendes, Ariosto Mesquita (DRT/MG 3474), Ariovaldo Zani, Fabio Pereira, Fabio Pereira, José Luiz Tejon, Larissa Spriggo, Mayra Theis, Reginaldo Ferreira Rocha, Rodrigo Garófalo Garcia e Vivian Aparecida Rios de Castilho Heiss

## Portal de notícias:

[www.feedfood.com.br](http://www.feedfood.com.br)

## Revista on-line gratuita:

[www.revistafeedfood.com.br](http://www.revistafeedfood.com.br)

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



# AGRO EM MOVIMENTO

A nova edição da **Feed&Food** chega para celebrar os 20 anos da revista com conteúdos que refletem a energia, a inovação e a resiliência do agronegócio brasileiro. Da evolução do bem-estar animal à transformação digital nas cooperativas, passando pela integração dos sistemas produtivos e pelo crescimento da aquicultura, esta edição reforça nosso compromisso em levar informação estratégica de forma clara e próxima do leitor.

Na reportagem de capa, “Bem-estar evolui e entrega conforto e produtividade”, mostramos como inovação, manejo e conhecimento científico transformam o bem-estar em uma ferramenta produtiva indispensável. No especial “Agentes de Transformação”, destacamos a Aurora Coop, que une escala, inovação e compromisso social em um modelo cooperativo de impacto real.

Em entrevista exclusiva, Marcos Jank analisa com profundidade os impactos das tensões geopolíticas, da volatilidade de mercados internacionais e das novas exigências ambientais sobre o futuro das proteínas. Ele comenta como o Brasil pode se posicionar para aproveitar oportunidades de exportação, equilibrar sustentabilidade e produtividade e atender à demanda crescente por alimentos de origem animal. Jank também explora tendências como tecnologias digitais no campo, rastreabilidade de produtos e estratégias de mitigação de riscos globais, mostrando caminhos para que produtores e empresas se mantenham competitivos em um cenário cada vez mais desafiador.

Com circulação especial durante a Fenacam 2025, esta edição dedica atenção à aquicultura, com a reportagem “Sistema multifásico revoluciona a produção de camarão no Ceará” e a ABCC News, em que Diego Maia Rocha comenta a experiência vietnamita da Minh Phu Loc Ane Botanicals e as oportunidades de integração tecnológica entre Ásia e América Latina.

A **Feed&Food** segue conectando ciência, mercado e sustentabilidade, acompanhando de perto a evolução da proteína animal — da granja ao viveiro, do campo à mesa.

Boa leitura,

**Diogo Ciasulli**  
CEO da Feed&Food



# SUMÁRIO



# 18

**CAPA**

BEM-ESTAR  
EVOLUI E ENTREGA  
CONFORTO E  
PRODUTIVIDADE

## SOLUÇÕES PWC

**06** Agro Br e a transformação impulsionada pela digitalização e pela inteligência de dados

## QUALIFICANDO

**08** Beef on Dairy: ajuste de processos incrementa rentabilidade em mais de 20%

## ABPA

**10** Transmissão do vírus H5N1 via carne importada: uma análise crítica

## COLUNA FEED

**15** Brasil e um dilema crucial: ser vitrine de soluções sustentáveis ou tornar-se vidraça

## COLUNA ABIQUIFI

**16** Brasil fortalece presença regulatória e comercial na América Latina

## MKT - LARISSA

**35** Cultura empresarial é o primeiro espaço onde a marca se constrói

## ONE HEALTH

**36** Produção de proteína animal na linha de frente na proteção da saúde global

## GRÃOS

**42** Avanços no melhoramento genético impulsionam a oferta de grãos

## AVES

**44** Especialistas falam sobre como energia fotovoltaica está transformando o cenário avícola brasileiro

## SUÍNOS

**48** Setor de foodservice oferece oportunidades estratégicas para a suinocultura

# 12

## ENTREVISTA

MARCOS JANK  
ANALISA COMO  
TENSÕES GEOPOLÍTICAS  
DESAFIAM O FUTURO  
DAS PROTEÍNAS

# 32

## ESPECIAL

## AGENTES DE TRANS- FORMAÇÃO

AURORA COOP TRAZ  
MODELO DE NEGÓCIOS  
QUE ALIA ESCALA, INOVAÇÃO  
E COMPROMISSO SOCIAL



## COLUNA APCS

**51** Confira o comportamento do mercado de suínos do estado de São Paulo

## BOVINOS CORTE

**52** Gestão terceirizada como alternativa para as fazendas de gado

## COLUNA NELORE

**55** Victor Paulo Silva Miranda fala sobre a competitividade da raça

## FEEDLOT COBERTURA

**56** Feedlot Summit Brasil 2025 transforma Goiânia (GO) no epicentro da pecuária de corte nacional

## ASBRAM NEWS

**58** 14º Simpósio da Asbram destaca o protagonismo do Brasil em sustentabilidade

## COBERTURA DATAGRO

**60** Estratégias de diversificação de mercados foi tema do 5º Fórum Pecuária Brasil da Datagro

## COBERTURA IFC

**64** IFC Brasil 2025 evidencia protagonismo, sanidade e estratégia em meio à nova ordem global

## GREGOLIN

**66** IFC comemora mais uma edição de sucesso e mostra força do setor, apesar dos desafios

## ABCC NEWS

**68** Diego Maia Rocha fala sobre a "Minh Phu Loc Ane Otanics" - Vietnã

## CARCINOCULTURA

**72** Sistema multifásico revoluciona a produção de camarão no Ceará

## MKT DO AGRO - TEJON

**74** Propaganda e marketing, a alma do agrotropical brasileiro



Mayra Theis e Fabio Pereira

## O POTENCIAL DOS DADOS NO AGRONEGÓCIO

O agronegócio brasileiro está passando por uma transformação profunda, impulsionada pela digitalização e pela inteligência de dados. Em um cenário marcado por mudanças climáticas, aumento da demanda por alimentos, fibras, energia e exigência de práticas sustentáveis, o uso estratégico dos dados tornou-se essencial para garantir eficiência, produtividade e competitividade no campo.

A coleta e análise de dados agrícolas permitem decisões mais precisas em todas as etapas da produção, desde a escolha de sementes até o planejamento do plantio e o monitoramento climático. Esses dados oferecem aos produtores uma visão integrada e em tempo real de suas operações, permitindo ajustes rápidos e assertivos. A gestão de dados, por exemplo, pode auxiliar na seleção de sementes de alta qualidade com base em safras anteriores e nas condições climáticas atuais, além de otimizar o momento e o local do plantio.

Esse avanço tecnológico também tem impacto direto na pecuária. O uso de sensores, coleiras inteligentes e sistemas de monitoramento animal permite acompanhar em tempo real o comportamento, a saúde e o desempenho dos rebanhos. A chamada pecuária de precisão, baseada em dados, possibilita intervenções mais rápidas, reduz perdas, melhora o bem-estar animal e aumenta a rentabilidade das propriedades. A integração de dados zootécnicos com informações ambientais e nutricionais permite uma gestão mais eficiente dos recursos e maior previsibilidade nos resultados financeiros.

No entanto, para que todas essas tecnologias funcionem de forma eficiente, é essencial que haja conectividade no campo. Sem acesso à internet, muitos sistemas de coleta e análise de dados não conseguem operar em tempo real, o que limita o uso de ferramentas como inteligência artificial, monitoramento remoto e automação. Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária, apenas 23% do espaço agrícola brasileiro possuía algum nível de cobertura de internet em 2021. Em 2025, esse número subiu para 33,9%, graças a iniciativas como a ConectarAGRO e investimentos em redes móveis 4G e 5G.

Estudos da ESALQ/USP mostram que, com a expansão da conectividade rural, o Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária pode crescer

em até R\$ 100 bilhões. A instalação de novas torres de telecomunicação e o uso de tecnologias como satélites e fibra óptica são estratégias que podem elevar a cobertura para até 90% das áreas rurais, criando novos paradigmas para o setor.

A eficácia da inteligência artificial no agronegócio depende diretamente da qualidade dos dados que a alimentam. Dados incompletos, duplicados ou mal estruturados podem comprometer recomendações e gerar desperdícios. O saneamento de dados, que inclui a remoção de duplicidades, correção de erros e preenchimento de lacunas, é essencial para garantir que a IA gere valor real ao produtor. A agricultura e a pecuária modernas utilizam uma variedade de tecnologias para coletar dados: sensores de IoT, drones, satélites, telemetria de máquinas agrícolas e até registros manuais digitalizados. A integração dessas fontes em plataformas analíticas permite identificar padrões, prever tendências e tomar decisões estratégicas com maior segurança.

O avanço da ciência de dados, *big data* e inteligência artificial está revolucionando o setor agroalimentar. Ferramentas como machine learning, *analytics* e modelos preditivos estão sendo aplicadas para transformar dados brutos em *insights* acionáveis, desde o campo até o consumidor final. Essa revolução exige profissionais capacitados em alfabetização de dados e habilidades digitais para interpretar e aplicar essas informações de forma eficaz. Além de aumentar a produtividade, a inteligência de dados fortalece a resiliência da agricultura e da pecuária frente aos desafios climáticos. Tecnologias digitais ajudam a minimizar impactos ambientais, reduzir desperdícios e promover práticas sustentáveis. A inteligência de dados é a chave para uma produção rural mais eficiente e alinhada com os princípios da sustentabilidade.

Por fim, a utilização dos dados no agronegócio não é apenas uma tendência, mas uma necessidade estratégica. A integração de tecnologias digitais, saneamento de informações, conectividade rural e aplicação de inteligência artificial está moldando uma nova era no campo, mais produtiva, sustentável e inteligente. O investimento em dados e conectividade hoje será base para o futuro da agropecuária brasileira. ■



### Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness

### Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e especialista em Agribusiness



Esse é o jeito GRASP:

**EFICIÊNCIA QUE GERA RESULTADOS,  
INOVAÇÃO QUE MOVE O AGRO**




Acesse o nosso site:

 [www.grasp.ind.br](http://www.grasp.ind.br)

 **ativo** INOVAÇÕES EM EFICIÊNCIA ALIMENTAR

**mastorsorb** INOVAÇÕES EM PROTEÇÃO CONTRA TOXINAS

 **PROTE-N** INOVAÇÕES EM SUPLEMENTAÇÃO DE NNP

 **Globigen** INOVAÇÕES EM NUTRIÇÃO DE LEITÕES E PET

 **Zemos**  **Factor**  **Brewmax** INGREDIENTES FUNCIONAIS



Empresa certificada  
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

[www.grasp.ind.br](http://www.grasp.ind.br) |     /grasp.ltda





## NOVILHOS 2 DENTES COM 22 ARROBAS EM 13 MESES?! SIM, É POSSÍVEL!

**P**rodutividade que mostra a que veio quando se ajusta um processo, depois de funcionar por anos, agora incrementam ainda mais a rentabilidade em mais de 20% - O Beef on Dairy é isso! Produção de Bezerros precoces e de altíssima qualidade.

É tradicional do Brasil a prática da pecuária extensiva onde grandes áreas são disponibilizadas para pastagens e o manejo destes pastos, sorrateiramente dispendiosos e que silenciosamente podem fazer com que as terminações tidas como altamente “rentáveis” se traduzam ao final do processo realmente como menores que o esperado. O que sutilmente acontece é que o número de variáveis que interferem no processo produtivo é grande, destacando desde períodos secos que se estendem por um período maior até mesmo a condições de pastagens que precisam ser recompostas para que o resultado nutricional dos animais corresponda às expectativas projetadas inicialmente - o que nem sempre ocorre - Uma sucessão de altos e baixos em ganhos e uma ciclicidade de curso longo.

O projeto Beef on Dairy, como tratado nas últimas edições possui focos de gestão voltados à eficácia e eficiência onde embora sinalize um ligeiro aumento do custo diário com a nutrição, favorece um GMD mais elevado e de maior qualidade em um período significativamente mais curto e consequentemente com uma operação mais rentável - objetiva um GMD médio de 1,4Kg com potencial de aproveitamento de carcaça acima de 57% - duas referências que abrilhantam os olhos do produtor e impulsionam os aspectos de rentabilidade.

O Brasil tem conseguido aumentar sua produção de carne sem ampliação da área de pastagem. Ano a ano as áreas de pastagens tem sido menores, mais pecuaristas migram para processos de criação intensiva voltadas ao efetivo confinamento ou até mesmo semiconfinamento - segundo dados do CEPEA e IBGE, essa divisão no Brasil contabiliza aproximadamente 40% da pecuária sendo de forma Extensiva, aproximadamente 40% em regime de semiconfinamento e próximo de 20% (mais exatamente 19,86% registrado em 2024) como Confinamento ou Intensivo - números estes que têm uma tendência a sofrerem alterações, aumentando-se o número de confinados e diminuindo

do-se as áreas de extensivo. Segundo a ABIEC - Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne, a cadeia da carne bovina movimentou em 2024 cerca de R\$ 1 trilhão, o equivalente a 8,4% do PIB nacional. Esse desempenho é impulsionado por ganhos consistentes de produtividade onde atingimos o maior número de animais terminados em confinamento da nossa história, com 8,8 milhões de cabeças - 19,2% dos abates - o maior volume já registrado no país, com uma média nacional de quase 5 arrobas por hectare/ano, frente às 2,8 arrobas de duas décadas atrás.

Todos esses números e referências favorecem compreender o potencial de desenvolvimento existente na pecuária para os próximos anos no Brasil, o que podem ser ainda maiores em se implementando o Beef on Dairy de forma massiva e integrada. A ciclicidade no setor está relacionada ao ciclo da pecuária, e tem como base os princípios da oferta e da demanda, ou seja, quando há maior oferta, o preço cai, e vice-versa. Dessa forma, quando há um aumento da oferta de vacas para o abate, os preços dos bezerros caem, afetando as demais categorias (bois magros e matrizes), que também se desvalorizam. Quando o preço de bezerros sobe, a disponibilidade de vacas para o abate é reduzido, levando o preço do boi gordo a se elevar. Assim, o preço do boi é uma derivada das vacas disponíveis para o abate. Com o Beef on Dairy, considerando a utilização das vacas leiteiras para a geração de bezerros de alta performance, esse ciclo de variação tende a se atenuar e até mesmo reduzir a níveis muito inferiores correlacionando com a geração de bezerros machos com alto padrão genético de desenvolvimento e precocidade sem a dependência de matrizes de corte.

Podemos ser contribuição em seu processo de implementação. A Ecco2 possui competências multidisciplinares que integra esses projetos em seu ambiente produtivo, promovendo uma total integração entre a cadeia de profissionais atuantes em sua propriedade (Veterinários, Zootecnistas, Gerentes, dentre outros), ajustando o foco dos resultados para que seus ganhos alcancem patamares expressivos na terminação de sua propriedade - entre em contato conosco - reginaldo@ecco2.com.br. ■



### Reginaldo Ferreira Rocha

é consultor empresarial, palestrante, especialista em Beef on Dairy, Regularização e Gestão Fundiária pela Ecco2 Gestão de Negócios

# DESBLOQUEIE O PODER DOS FITOGÊNICOS



**PHYTOCEE™**  
Melhorador de Desempenho Natural



 [www.vidara.com](http://www.vidara.com)  
 +55 11 3109-2000

 Vidara

# TRANSMISSÃO DO VÍRUS H5N1 VIA CARNE IMPORTADA

UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O RISCO SANITÁRIO E IMPLICAÇÕES ECONÔMICAS-GLOBAIS

RICARDO SANTIN

O vírus H5N1 da Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) é um patógeno importante, oferecendo riscos especialmente para a saúde animal com impactos significativos na segurança alimentar e no comércio internacional. Apesar de sua capacidade de persistência em produtos avícolas crus, este artigo analisa criticamente a possibilidade de transmissão do vírus à produção avícola industrial local por meio de carne importada inspecionada por um serviço veterinário reconhecido. Com base em evidências de organizações intergovernamentais (WOAH/OIE, FAO, OMS, CDC, FDA), conclui-se que o risco é praticamente nulo. Defende-se, assim, a revisão de políticas comerciais baseadas em um princípio de precaução ultrapassado, propondo uma nova abordagem equilibrada que preserve tanto a saúde animal quanto o acesso a proteínas avícolas essenciais para populações vulneráveis.

**INTRODUÇÃO.** A influenza aviária causada pelo subtipo H5N1 tem sido objeto de crescente atenção desde sua emergência nos anos 2000, devido à sua letalidade em aves, capacidade zoonótica esporádica e impacto no comércio global de produtos avícolas. Embora a principal via de transmissão ocorra entre aves vivas por contato direto ou indireto com secreções respiratórias ou fezes, o temor de contaminação por produtos avícolas levou à imposição de barreiras comerciais muitas vezes desproporcionais, mesmo em cadeias de produção sob rigoroso controle sanitário.

**RESISTÊNCIA DO H5N1 AO CONGELAMENTO.** Estudos laboratoriais demonstram que o H5N1 pode manter-se viável em carne crua congelada por períodos superiores a 60 dias a -18 °C ou menos. Entretanto, a viabilidade viral não implica em risco efetivo de infecção, principalmente quando o produto:

- passa por inspeção veterinária ante morte e post morte;
- é submetido a processamento em

ambientes industriais controlados;

- é destinado ao consumo humano e, portanto, cozido a temperaturas  $\geq 74$  °C — condição suficiente para inativar o vírus antes de seu consumo ([CDC, 2024]; [FDA, 2024]; [FAO/WOAH, 2023]).

**ANÁLISE DE RISCO PARA A PRODUÇÃO INDUSTRIAL LOCAL.** Nos cenários em que os países importadores:

- utilizam exclusivamente ração industrial termicamente tratada (pelletizada ou extrusada);
- mantêm granjas isoladas, com biossegurança garantida;
- proíbem o uso de subprodutos crus na alimentação animal;
- asseguram o descarte controlado de resíduos;
- realizam inspeções sanitárias rotineiras;

O risco de introdução do H5N1 aos animais vivos a partir de carne importada é, segundo critérios epidemiológicos, próximo de zero. A WOAH classifica como seguro o comércio de carne de aves abatidas sob inspeção, mesmo oriundas de países com focos de IAAP, desde que os produtos não sejam do foco por isso, a consideração sobre o zoneamento proposto por essa mesma organização deve ser urgentemente avaliada por aqueles países que ainda não o praticam em suas relações comerciais.

**O PRINCÍPIO DA PRECAUÇÃO: QUANDO SE TORNA BARREIRA COMERCIAL.** A aplicação cega do princípio da precaução — especialmente em produtos que passaram por inspeção, sanitária e são destinados ao consumo humano — pode resultar em medidas comerciais desnecessárias, com impactos desproporcionais à ameaça real. O fechamento de mercados à importação de carne avícola sob tais circunstâncias:

- não reduz significativamente o risco sanitário;
- penaliza economicamente países exportadores;
- gera inflação de alimentos nos países importadores;
- afeta especialmente populações de

baixa renda, limitando o acesso a proteínas de alto valor biológico, ricas em aminoácidos essenciais.

**O PARADOXO DAS AVES MIGRATÓRIAS.**

Enquanto a importação de carne inspecionada é banida por precauções rígidas, aves migratórias continuam circulando livremente entre fronteiras, muitas vezes sendo vetores assintomáticos do vírus de influenza aviária de alta patogenicidade. Ignorar essa fonte natural de disseminação e supervalorizar o risco de alimentos industrializados revela uma incoerência nas políticas sanitárias internacionais, que devem ser urgentemente revisadas à luz de evidências técnicas e econômicas.

**CONCLUSÃO.** Em condições controladas de produção, abate e processamento, para consumo humano, os produtos avícolas não representam risco sanitário para rebanhos industriais de outros países, desde que não sejam redirecionados para uso na alimentação animal ou oferecidos às aves vivas. O risco de transmissão do vírus da IAAP por essa via é praticamente desprezível, sendo tecnicamente nulo.

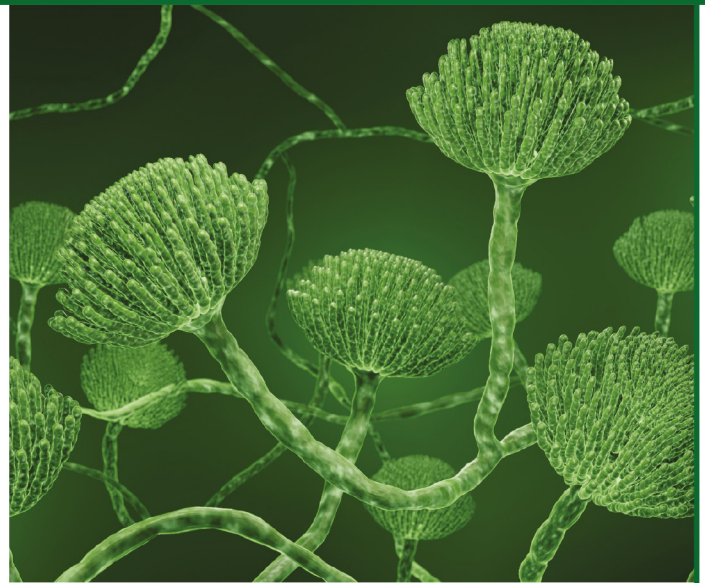
Neste sentido, o bloqueio comercial baseado em um princípio de precaução exagerado carece de fundamento técnico e prático. Além disso, prejudica a oferta de produtos avícolas globalmente, o equilíbrio de mercados e o bem-estar nutricional das populações mais vulneráveis. Propõe-se uma mudança de paradigma regulatório, baseada em risco real, ciência e proporcionalidade, reconhecendo a necessidade de conviver com um mundo onde zoonoses circulam naturalmente — inclusive por meios incontroláveis, como a migração de aves selvagens. Afinal, que risco maior os produtos avícolas representam que já não esteja sendo apresentado pelas aves silvestres e ou migratórias? ■

*Ricardo Santin, presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e presidente do Conselho Mundial da Avicultura (IPC)*

**ELITOX® é uma solução de amplo espectro que protege os animais contra toxinas alimentares.**



**Elitox®**  
Toxin management



ELITOX® combina quatro estratégias poderosas. Elimina toxinas, protege a parede intestinal, reforça a imunidade e aumenta a capacidade antioxidante do animal através de uma fórmula cuidadosamente elaborada.



- Fórmula cientificamente comprovada que protege contra uma ampla gama de toxinas.
- Fortalece a barreira intestinal, ajudando os animais a se manterem mais saudáveis e a absorverem nutrientes de forma mais eficaz.
- Minimiza a inflamação, transformando energia e nutrientes em desempenho e não em perdas nutricionais e econômicas.
- Mantém as células saudáveis, combatendo os danos oxidativos.



Para mais informações, entre em contato com nossa equipe : [www.impextraco.com.br](http://www.impextraco.com.br)

# CARNES BRASILEIRAS DIANTE DA NOVA DESORDEM INTERNACIONAL

EM ENTREVISTA À FEED&FOOD, O ESPECIALISTA **MARCOS JANK** ANALISA COMO TENSÕES GEOPOLÍTICAS, BARREIRAS COMERCIAIS E SANITÁRIAS DESAFIAM O FUTURO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PROTEÍNAS

**CAROLINE MENDES**

[caroline@dc7comunica.com.br](mailto:caroline@dc7comunica.com.br)

**R**econhecido como uma das principais vozes do agronegócio global, o economista agrícola Marcos Jank tem acompanhado de perto as transformações nas cadeias internacionais de alimentos. Professor e consultor, ele participou de negociações comerciais, acompanha de dentro os movimentos do setor e alerta: o mundo vive uma “desordem internacional”, em que as regras multilaterais de comércio foram abandonadas, abrindo espaço para tarifas arbitrárias, barreiras sanitárias e pressões políticas.

Nesta entrevista exclusiva à Feed&Food, Jank analisa o cenário global das carnes, aponta riscos de um comércio



“O NOME DO JOGO HOJE É PROTEÍNA – E A DÉCADA QUE VIVEMOS É A DA PECUÁRIA”

MARCOS JANK

cada vez mais administrado pela geopolítica e defende que o Brasil, apesar de sua competitividade, precisa construir novas estratégias para não perder espaço no tabuleiro global.

**Feed&Food: Como o senhor avalia o atual cenário internacional das carnes, considerando tarifas, barreiras sanitárias e tensões geopolíticas?**

*Marcos Jank:* O Brasil conquistou um lugar de destaque em todas as carnes. Já somos sólidos em bovinos, aves e suínos e começamos a enxergar boas perspectivas também para peixe. Muito disso se deve ao papel da China, especialmente após 2017, quando ultrapassamos os Estados Unidos como maiores exportadores globais. Mas hoje vivemos o que chamo de “desordem internacional”. As instituições que criaram regras, como a OMC, foram fundamentais para integrar cadeias globais de valor – e o agro brasileiro é justamente isso: soja sai do Mato Grosso, atravessa o mundo e alimenta suínos e aves na Ásia; carnes chegam a mais de cem países. Essa integração é a base do nosso crescimento. O problema é que, agora, tarifas e barreiras são impostas de forma arbitrária, sem regras claras, contaminando todo o comércio.

**Por que essas instituições multilaterais perderam tanta força?** Elas funcionaram bem no pós-guerra, mas o mundo mudou. Hoje temos internet, novas tecnologias, fluxos migratórios e uma polarização política inédita. O resultado é que líderes como Trump simplesmente não respeitam organismos como OMC, ONU ou mesmo fóruns mais recentes, como G7, G20 e BRICS. As negociações se tornaram diretas, bilaterais e profundamente assimétricas – pequenos países frente a potências. Isso abre um precedente perigoso: se os EUA podem agir assim, nada impede que a China ou outros também façam o mesmo.

**E onde o Brasil pode se encaixar nessa reestruturação do comércio internacional?** Pelo lado da produção, temos um diferencial enorme. Os sistemas integrados de agricultura, pecuária, florestas, energia e carbono nos dão uma vantagem que poucos países têm. O milho, por exemplo, virou segunda safra da soja e agora gera ►



etanol. O etanol, por sua vez, produz DDG, que pode revolucionar o confinamento de bovinos. Essa capacidade de integrar cadeias é um ativo brasileiro. Mas o cenário externo está mudando: crescemos por décadas sem depender de acordos comerciais. Hoje, não será mais assim. O mundo caminha para arranjos bilaterais, nacionalismos e estratégias de nearshoring e friendshoring. A Argentina, sob Milley, já sinaliza acordos com os EUA à margem do Mercosul, algo que pode nos prejudicar.

**Quando falamos de carnes, quais são os maiores desafios de acesso a mercados globais?** Carnes são o setor mais complicado de todos. Exportar café, soja ou açúcar é relativamente simples, mas em carnes lidamos com restrições sanitárias e técnicas muito maiores. Há barreiras relacionadas a antibióticos, promotores de crescimento, questões ambientais como a legislação europeia contra desmatamento, e, além disso, não existe acesso automático: é preciso habilitar plantas frigoríficas uma a uma. A China, por exemplo, não abre seu mercado para toda a carne brasileira, mas apenas para frigoríficos autorizados - e pode suspender habilitações de forma imediata diante de qualquer problema sanitário. Vimos isso com vaca louca e recentemente com influenza aviária. Portanto, é um setor extremamente vulnerável.

**Essas restrições acabam impactando também a segurança alimentar global?** Com certeza. Quando países fecham mercados de forma generalizada, sem base científica, o custo recai sobre os consumidores mais pobres, que veem os alimentos encarecerem. Muitas vezes, é puro protecionismo disfarçado. E o mais grave é que, sem uma OMC forte, perdemos instrumentos para contestar essas barreiras. Hoje ainda é possível questionar medidas arbitrárias, mas e no futuro? O agro brasileiro, responsável por metade das exportações nacionais, precisa se preparar para um cenário em que ciência e regras pesem menos que a geopolítica.

**Na sua visão, que políticas públicas ou reformas seriam essenciais para aumentar a resiliência do Brasil?** O pacote de crédito anunciado pelo governo não resolve, porque esse não é um pro-

blema conjuntural, mas estrutural. Precisamos mudar o disco: investir em inteligência, estratégia e organização de longo prazo. O setor privado terá papel central, mobilizando associações, cooperativas, sindicatos e frentes legislativas. A palavra-chave é negociação. O atual governo, ao que parece, está perdido, sem uma estratégia clara. Mas diante de líderes como Trump, que agem de forma transacional, só há um caminho: negociar, negociar, negociar.

**E quanto à integração entre cadeias de produção – aves, suínos, bovinos, leite, peixe –, qual a sua percepção?** Essa é uma das maiores forças do Brasil. Por séculos produzimos apenas commodities tropicais na faixa costeira. Depois, com a colonização agrícola no Sul e a expansão para o Centro-Oeste, vieram soja e boi. Hoje, temos sistemas tropicais integrados únicos: soja, milho, algodão, trigo, bovinos, aves, suínos, peixe, cana, celulose - tudo junto. É uma jabuticaba brasileira,

“ O RISCO É DE UM COMÉRCIO ADMINISTRADO PELA GEOPOLÍTICA, E NÃO PELA EFICIÊNCIA ”

assim como o etanol de cana para carros flex. Essa integração nos dá enorme potencial, sobretudo em proteínas. Suínos e aves já têm cadeias consolidadas, mas precisamos melhorar a produtividade do boi e expandir o peixe e o leite. O peixe, por exemplo, é a proteína mais consumida no mundo, com média global de 20 kg per capita. O Brasil consome menos de 10 kg. Só esse número já deveria nos fazer reagir.

**Para encerrar, qual a sua mensagem ao setor?** O Brasil vive uma revolução na pecuária, mas ela precisa se refletir também em mercados. Temos tido excelentes resultados, mas isso não garante o futuro. O risco é de um comércio administrado pela geopolítica, e não pela eficiência. O setor de carnes é o mais complexo em termos de acesso internacional e, se não estivermos preparados, podemos acabar do “outro lado da cerca”. O agro brasileiro precisa se organizar, planejar estrategicamente e assumir que o jogo global mudou. ■





# BRASIL: VITRINE OU VIDRAÇA?

O destino do nosso planeta exige que ciência, inovação, biologia e agricultura dialoguem em harmonia. O Brasil, potência agroambiental, encontra-se diante de um dilema crucial: ser VITRINE de soluções sustentáveis ou tornar-se VIDRAÇA, exposto a críticas e pressões internacionais.

Albert Einstein lembraria que “o mundo não será destruído por aqueles que fazem o mal, mas por aqueles que observam sem nada fazer”, ou seja, cada ação humana está interligada a uma teia maior, e nossa responsabilidade ética é garantir às próximas gerações o usufruto dos recursos que hoje possuímos.

Steve Jobs complementaria que “a inovação distingue um líder de um seguidor” e somente com criatividade e disrupção dos velhos padrões conseguiremos redesenhar sistemas produtivos e a inovação esteja a serviço não apenas da eficiência econômica, mas também da regeneração ambiental.

Charles Darwin nos recordaria que “não é a espécie mais forte que sobrevive, nem a mais inteligente, mas a que melhor se adapta às mudanças”, enfatizando que as espécies e as sociedades sobrevivem não pela força, mas pela capacidade de adaptação.

Finalmente, Norman Borlaug, pai da Revolução Verde, arremataria com realismo “não se constrói a paz com estômagos vazios”, explicitando que sem segurança alimentar, não há paz, justiça social ou sustentabilidade. Diante da crise climática, essas reflexões contextualizam o paradoxo de um Brasil bem ranqueado nos palanques da causa e da solução. Tal como indústrias, transportes e a matriz energética fóssil, a agricultura faz parte do conjunto de atividades antropogênicas que impulsionam o aquecimento global. Porém, diferentemente da caricatura negativa muitas vezes projetada, a agropecuária brasileira há tempo se engajou em práticas sustentáveis, tais como a produção de biocombustíveis renováveis, a recuperação de pastagens degradadas, a integração lavoura-pecuária-floresta, a regularização ambiental e o reflorestamento.

Esses avanços tornaram o país vitrine mundial de soluções agrícolas tropicais, conquanto o compromisso firmado na COP 26 de reduzir em 30% as emissões de metano até 2030 expõem a pecuária ao amplo escrutínio internacional.

A fermentação entérica dos ruminantes, fator relevante dessas emissões, tornou-se alvo de políticas de mitigação, mesmo diante da complexidade de sistemas produtivos diversos e da realidade socioeconômica de países em desenvolvimento. O risco é o Brasil transformar-se em vidraça, pressionado por regras que, em muitos casos, mascaram disputas comerciais e protecionismo e faz emergir o binômio mitigação e adaptação como chave da transição.

A mitigação implica, por exemplo, reduzir emissões por meio da nutrição balanceada, sistemas integrados de produção e aditivos que alteram a microbiota ruminal com potencial de cortar em até 30% a emissão relativa de metano, enquanto que a adaptação diante de estiagens severas, enchentes recorrentes e novas pressões sobre cultivos e rebanhos depende da adoção de práticas que aumentem a eficiência e reduzam vulnerabilidades climáticas.

A mitigação que cuida do futuro do planeta e a adaptação que assegura a sobrevivência da sociedade que o habitará formam um alicerce para que o Brasil mantenha seu protagonismo como fornecedor confiável de alimentos, fibras e energia limpa através de políticas climáticas descoladas dos erros da modelagem da transição energética global, abatida pela inflação e pelos choques de oferta.

Ao invés de se deixar submeter à pecha de exterminador ambiental, o Brasil detém legitimidade suficiente para transformar essas vantagens comparativas em liderança incontestável e mostrar suas soluções ao mundo durante a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas/COP30, a ser presidida pelo governo Brasileiro em Belém, no coração da Amazônia. Caberá, portanto, à nós brasileiros – governos, setor produtivo e sociedade civil – escolher ser inspiradora VITRINE protagonista ou apenas frágil VIDRAÇA vulnerável aos ataques e cobranças.

Tomara a ciência nos guie, a inovação nos inspire, a adaptação nos fortaleça e a agricultura nos sustente. Assim, poderemos legar às futuras gerações não apenas um planeta habitável, mas um mundo mais justo, resiliente e pleno de vida. ■



## Ariovaldo Zani

é médico-veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade e Bem-Estar Animal/ABPA; Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/Senai SP arizanni@uol.com.br

# BRASIL FORTALECE PRESENÇA REGULATÓRIA E COMERCIAL NA AMÉRICA LATINA COM MISSÃO AO PERU

**PRIMEIRA VIAGEM INTERNACIONAL DO NOVO DIRETOR-PRESIDENTE DA ANVISA MARCA ASSINATURA DE ACORDO HISTÓRICO COM A AGÊNCIA PERUANA DIGEMID E AMPLIA PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO PARA O SETOR FARMACÊUTICO BRASILEIRO**

**CAMILA SANTOS**  
camila@dc7comunica.com.br

A recente missão ao Peru, liderada pela Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi) em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), marcou um passo decisivo na consolidação do Brasil como referência regulatória e comercial na América Latina. A viagem, que contou com a participação do novo diretor-presidente da Anvisa, Leandro Pinheiro Safatle, em sua primeira agenda internacional, resultou na assinatura de um acordo entre a Anvisa e a Direção Geral de Me-

dicamentos, Insumos e Drogas (Digemid), do Peru — um marco esperado há anos pelo setor farmacêutico.

Simbolizando a convergência entre política regulatória e expansão de mercado, reforçando a imagem do Brasil como parceiro estratégico na área da saúde e ampliando as oportunidades de negócios para empresas brasileiras, o encontro marca uma nova fase de amadurecimento das relações regionais. "O principal objetivo da missão ao Peru foi ampliarmos as possibilidades de negócio entre o setor farmacêutico brasileiro e o mer-

cado peruano. E, como esse é um setor altamente regulado, nós aproveitamos o movimento para fortalecer o diálogo regulatório entre as agências sanitárias", explica Norberto Prestes, presidente executivo da Abiquifi. "Uma boa relação entre as agências precede qualquer avanço comercial."

Segundo ele, o aspecto técnico foi conduzido com o cuidado de integrar representantes da Anvisa e da Digemid, promovendo uma agenda que unisse o setor privado e o público. "Tivemos o cuidado de convidar técnicos e diretores da Digemid pa-

ra estreitar as relações e ampliar a participação mútua. O resultado foi extremamente positivo."

A missão também marcou a primeira viagem internacional do novo diretor-presidente da Anvisa, Leandro Pinheiro Safatle — um ponto que, segundo Norberto, trouxe ainda mais relevância à iniciativa. "Foi a primeira missão internacional do atual presidente da Anvisa e a participação dele foi fundamental. O acordo assinado entre as duas agências estava sendo desenhado há alguns anos, e sua concretização possibilita mais agilidade no registro de medicamentos entre Brasil e Peru. É um convênio extremamente importante e promissor para ambos os países."

Além da assinatura do acordo, os bastidores revelaram uma relação de profunda colaboração entre as autoridades sanitárias. "O que mais chamou atenção foi a possibilidade de troca de conhecimento entre os dois países, sempre de maneira muito amistosa e respeitosa. Apesar das diferenças de estrutura e tamanho, há um respeito mútuo muito grande. Essa postura colaborativa é um ponto forte da relação bilateral", destaca o presidente

A Anvisa, por sua vez, reafirmou seu papel de destaque como agência de referência mundial e liderança regulatória na América Latina. "A Anvisa tem um papel muito relevante na região. Seu protagonismo garante ao Brasil acesso a mercados latino-americanos e assegura também à população desses países produtos de qualidade. Para o setor farmacêutico brasileiro, esse protagonismo é estratégico", afirma.

Norberto também lembrou que o Brasil tem se posicionado como polo formador de conhecimento regulatório para a América Latina. "A Anvisa é membro do ICH (International Council for Harmonisation), o que confere credenciais para orientar outras agências da região. Existe um grande interesse das autoridades latino-americanas em cooperar com o Brasil, trocar informações e aprimorar suas práticas regulatórias."

Com os bons resultados da missão ao Peru, a Abiquifi já prepara duas novas agendas internacionais. "Estamos organizando uma missão ao México, nas próximas semanas, e outra à Colômbia, em novembro. São iniciativas em parceria com a ApexBrasil para ampliar o acesso do setor farmacêutico brasileiro a novos mercados. Nessas próximas ações, além da Anvisa, está prevista a participação do Ministério da Agricultura (Mapa), especialmente na Colômbia, onde teremos pautas como a cannabis medicinal — um tema de grande relevância neste momento", antecipa.

Ele reforça que o fortalecimento da diplomacia regulatória é a base para o crescimento internacional da indústria farmacêutica brasileira. "A expansão dos negócios do setor depende muito dessa articulação entre Anvisa e Ma-



“ A RELAÇÃO RESPEITOSA E A TROCA DE CONHECIMENTO ENTRE AS AGÊNCIAS SANITÁRIAS DOS DOIS PAÍSES FORAM PONTOS ALTOS DA MISSÃO. ESSE DIÁLOGO É O QUE VIABILIZA O AVANÇO DOS NEGÓCIOS NO SETOR FARMACÊUTICO ”

**NORBERTO PRESTES,**  
PRESIDENTE EXECUTIVO DA ABIQUIFI

pa. Sem essa convergência regulatória, é difícil avançar em novos mercados. Por isso, o reconhecimento da Anvisa como liderança regional nos dá uma vantagem estratégica", ressalta.

O saldo da missão, avalia Norberto, foi amplamente positivo. "Tivemos retornos muito promissores das empresas que participaram. O acordo entre as agências é um passo concreto, mas o mais importante é o ambiente de confiança e respeito mútuo que foi fortalecido. Isso abre portas não só para o comércio, mas para o desenvolvimento conjunto da regulação e da ciência na região."

Com uma atuação cada vez mais estruturada em diplomacia técnica e cooperação regulatória, o Brasil consolida sua presença como ator estratégico na integração sanitária da América Latina. A missão ao Peru pavimenta o caminho para novos negócios e reforça a imagem do país como referência em qualidade, inovação e confiabilidade no setor farmacêutico global. ■



# CONFORTO PRODUTIVO

BEM-ESTAR ANIMAL EVOLUI NAS ÚLTIMAS DUAS  
DÉCADAS E SE TORNA FERRAMENTA DE EFICIÊNCIA  
E SUSTENTABILIDADE

**CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br

**N**os últimos 20 anos, a produção de proteína animal no Brasil passou por uma verdadeira revolução. O que antes era tratado quase exclusivamente sob a ótica da produtividade, hoje envolve um tripé que conecta eficiência, qualidade e sustentabilidade — e o bem-estar animal deixou de ser visto como custo para se consolidar como investimento estratégico.

“O desafio sempre foi o mesmo: manter o animal em conforto térmico, com boa qualidade do ar e, ao mesmo tempo, permitir que expressem comportamentos naturais”, resume a Cristiane Titto, doutora em zootecnia e Professora Associada da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos/USP. “A diferença é que, ao longo dessas duas décadas, conseguimos integrar tecnologia, genética e manejo de baixo estresse de forma mais ampla e precisa.”

Essa transformação não aconteceu de maneira uniforme. Cada espécie trilhou seu próprio caminho, impulsionada por pressões de mercado, avanços científicos e demandas sociais. No caso das aves, o divisor de águas foi a adoção dos aviários climatizados em túnel e do sistema dark-house, tecnologias que elevaram os índices de produtividade sem abrir mão do bem-estar. “A pressão interna dos aviários e a automação dos processos operacionais mudaram tudo. Foi assim que o Brasil

conquistou o posto de maior exportador de frangos do mundo”, destaca Diomar Roberto Barro, médico-veterinário e especialista em avicultura.

Na suinocultura, as mudanças se aceleraram a partir do reconhecimento de que o bem-estar poderia reduzir perdas, melhorar a conversão alimentar e aumentar a longevidade das matrizes. “O manejo de baixo estresse deixou de ser discurso e se tornou prática, porque o retorno econômico é evidente. Quanto mais conforto e previsibilidade oferecemos aos animais, melhores são os resultados produtivos”, reforça Osmar Dalla Costa, doutor em zootecnia e gestor do Núcleo Temático de Produção de Suínos (NTPSA) da Embrapa Suínos e Aves.

Já na bovinocultura, os avanços mais recentes estão ligados a sistemas integrados e ao uso de tecnologias digitais. A integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), o sombreamento natural e a zootecnia de precisão permitiram criar microclimas que reduzem os impactos térmicos e elevam a sustentabilidade da pecuária. “Animais em conforto térmico apresentam maior ganho de peso, melhor conversão alimentar e menor incidência de doenças. Isso não é mais filosofia, é ciência aplicada e retorno direto ao produtor”, explica Cristiane.

Mas a evolução não foi apenas dentro das fazendas. Na comunicação, o tema ganhou protagonismo e deixou de ser restrito a círculos acadêmicos ou técnicos. “Se na década de 2000 o bem-estar animal era citado esporadicamente, hoje aparece de forma constante, associado não só à economia, ►

**FLÁVIA TONIN**  
É JORNALISTA E  
PESQUISADORA NA  
ÁREA DE BEA



mas também ao meio ambiente e às práticas sustentáveis”, analisa a jornalista e pesquisadora Flávia Tonin. “A consciência cresceu, e a pressão da sociedade também, influenciando produtores, indústrias e até legislações.”

Reunindo vozes da academia, do setor produtivo e da comunicação, este especial mostra que a trajetória do bem-estar animal é, ao mesmo tempo, um reflexo do avanço científico e da resposta a uma sociedade mais exigente. O próximo passo, segundo os especialistas, será integrar ainda mais big data, inteligência artificial e automação à rotina da produção.

Como resume Cristiane Titto, o futuro é claro: “A maior produtividade só será possível se vier acompanhada de maior bem-estar. Esse é o único caminho para uma produção que seja realmente eficiente, ética e sustentável.”



**CRISTIANE TITTO** É DOUTORA EM ZOOTECNIA E PROFESSORA ASSOCIADA DA FACULDADE DE ZOOTECNIA E ENGENHARIA DE ALIMENTOS/USP

## AVES DE CORTE

### DA AMBIÊNCIA PIONEIRA À ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

**SE HOJE** o Brasil é referência mundial na produção de frangos de corte, muito se deve ao investimento em ambiência, bem-estar animal e manejo zootécnico ao longo das últimas três décadas. A trajetória, que começou com iniciativas pioneiras nos anos 1970, mostra como a tecnologia, a genética e a gestão foram capazes de transformar os sistemas produtivos e consolidar o país como líder global em exportação de proteína avícola.

Segundo **Diomar Roberto Barro**, que é especialista em ambiência e bem-estar de aves, os primeiros experimentos com sistemas de ambiente controlado surgiram ainda nos anos 1970, quando empresas como Seara, Chapecó Avícola e Sadia importaram aviários completos dos Estados Unidos. “Eles já contavam com controle de temperatura, umidade e ventilação em túnel. A lotação era em torno de 20 aves por metro quadrado, equivalente a cerca de 30 kg/m<sup>2</sup>. Era uma tecnologia avan-

çada para a época, mas não conseguimos manter em funcionamento esse modelo por muito tempo”, lembra.

Foi apenas na década de 1990 que a avicultura brasileira voltou a apostar em sistemas de ambiente controlado, acompanhando a evolução genética das aves. “As aves de conformação já exigiam criação em zona de conforto para expressar seu potencial. A instalação dos primeiros aviários com ventilação em túnel permitiu alcançar lotações de até 39 kg/m<sup>2</sup> com sucesso”, explica Diomar.

O desafio, segundo ele, estava em adaptar os programas de acionamento dos equipamentos de ambiência. A busca pela padronização dos parâmetros ambientais inaugurou um período de intensas trans-



formações tecnológicas, incluindo o desenvolvimento de sistemas de vedação mais eficientes e o início da utilização do dark house, que proporcionou maior controle sobre a luminosidade e o comportamento das aves.

**TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE DE MÃOS DADAS.** As mudanças estruturais foram acompanhadas por inovações em eficiência energética. “O isolamento de teto e laterais passou a contribuir para a economia de energia elétrica. Mais recentemente, a instalação de painéis solares reduziu custos com energia, que chegam a ser o terceiro item mais importante na planilha do frango vivo”, destaca.

O atendimento a normativas nacionais e internacionais também impulsionou ajustes finos no manejo. A densidade estabelecida de 39 kg/m<sup>2</sup> exigiu revisões nos espaços de comedouro e bebedouro, além do monitoramento rigoroso do consumo de água. “A ave come porque bebe. Isso nos levou a investir em medidores de consumo, que diminuem desperdícios e impactam diretamente a sustentabilidade. Além do aspecto quantitativo, a qualidade microbiológica e físico-química da água mostrou retorno excelente com as novas tecnologias”, complementa.

**BEM-ESTAR ANIMAL COMO DIFERENCIAL COMPETITIVO.** Embora o termo “bem-estar animal” tenha ganhado força apenas nas últimas duas décadas, Diomar ressalta que o conceito já estava implícito na lógica da avicultura industrial. “O bem-estar sempre esteve presente. O que mudou foi a necessidade de comunicar o que já fazíamos. Foi isso que transformou o Brasil no maior exportador de frangos do mundo”, reforça.

A implementação de Procedimentos Operacionais Padrões (POPs) foi outro marco na consolidação da qualidade, aliando produtividade, sanidade e viabilidade econômica. “A visão deve ser holística, não individual. Sustentabilidade, qualidade e produtividade caminham juntas”, resume.

**O FUTURO DA AMBIÊNCIA NAS AVES DE CORTE.** Para os próximos anos, as tendências apontam para a digitalização total da cadeia produtiva. “Vamos evoluir para o uso de siste-

## DIVISORES DE ÁGUAS

ENTRE OS MARCOS QUE MUDARAM O SETOR, DIOMAR ELENCIA:

- 1 Adoção de aviários em túnel com pressão negativa;
- 2 Disseminação do sistema dark house;
- 3 Automação dos equipamentos de ambiência;
- 4 Definição de parâmetros ambientais claros, que permitiram elevar a produtividade sem comprometer a sanidade dos plantéis.

mas de informação online, com dados em tempo real associados à inteligência artificial para tomada de decisão. Isso permitirá o gerenciamento remoto e mais ágil”, projeta Diomar.

Outros pontos em desenvolvimento incluem a nutrição de precisão, a pesquisa em sistemas de resfriamento da água de bebida, além da revisão de lotações por comedouro e bebedouro, acompanhando o aumento constante do peso de abate. “Permanecer na busca de melhoria contínua significa, em última instância, investir em bem-estar animal e sustentabilidade”, conclui.

Ele ainda vislumbra soluções disruptivas, como a construção de aviários de dois andares para otimizar custos por metro quadrado. “A inovação sempre foi a força motriz da avicultura brasileira. E continuará sendo”, finaliza.

## BOVINOS

### BEA COMO ESTRATÉGIA DE PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE

**NAS ÚLTIMAS** duas décadas, a pecuária de corte brasileira passou por uma revolução silenciosa, marcada pela incorporação de práticas de manejo racional, avanços na legislação sobre transporte e abate, e, sobretudo, pela crescente consciência de que bem-estar animal não é custo, mas condição estratégica para competitividade e sustentabilidade.

Referência nesse debate, Carmen Perez, empresária rural e comunicadora do agro, ressalta que a transformação começou pela informação. “Antes de pensar em ambiência ou em tecnologia, foi essencial levar conhecimento para as equipes que lidam diariamente com os bovinos. A conscientização e os treinamentos consistentes foram o primeiro passo para que o bem-estar

se tornasse realidade”, afirma.

Ela observa que, diferentemente de aves e suínos, os bovinos possuem mais liberdade de espaço, o que torna o tema da ambiência mais complexo. “No confinamento, ainda vemos muitos desafios: lama, poeira, restrição de área — às vezes menos de 12 m<sup>2</sup> por animal —, o que gera problemas respiratórios e competição. Por outro lado, quando o bem-estar é priorizado, o retorno é claro: melhora a produtividade, aumenta a segurança das equipes e engaja os trabalhadores”, destaca Carmen.

A avaliação é compartilhada por Janaina Braga, médica-veterinária, doutora em comportamento e bem-estar animal e gerente da Divisão Bovinos de Corte da BE.Animal. Para ela, o maior salto dos últimos 25 anos veio ►



do curral, quando o professor Mateus Paranhos “cantou a bola” e trouxe avanços para o Brasil. “Foi nesse espaço que o manejo racional e de baixo estresse ganhou força, transformando a condução dos animais e impactando diretamente no bem-estar, segurança e produtividade”, explica.

Conceitos como ponto de equilíbrio, zona cega e distância de fuga passaram a integrar o vocabulário da pecuária graças ao trabalho pioneiro de Temple Grandin e Bud Williams. No Brasil, levantamentos liderados por Paranhos identificaram gargalos no pré-abate — como currais superlotados, agressões diretas e instalações inadequadas — e deram origem a programas de capacitação para vaqueiros e técnicos. “O resultado foi redução de hematomas, acidentes e prejuízos na carne, além de animais mais calmos e fluxos mais eficientes”, relata Janaina.



**JANAINA BRAGA**  
É MÉDICA-VETERINÁRIA, DOUTORA EM COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR ANIMAL, SÓCIA-FUNDADORA DA BE ANIMAL E GERENTE DA DIVISÃO BOVINOS DE CORTE BE ANIMAL



Segundo ela, práticas como conduzir um animal por vez no brete de contenção, utilizar bandeiras de manejo ou piquetes de espera próximos ao curral se consolidaram como rotina. “Outro aprendizado foi entender que o manejo começa cedo. Experiências negativas no nascimento marcam a memória do animal e resultam em maior reatividade. Já o bezerro que vivencia situações calmas tende a ser mais dócil ao longo da vida”, completa.

**A EVOLUÇÃO DA LEGISLAÇÃO E O IMPACTO NO TRANSPORTE.** Se no manejo houve avanço cultural e prático, no transporte de bovinos a mudança foi guiada por ciência e regulamentação. “Historicamente, essa é uma das etapas mais críticas para o bem-estar, com forte impacto na saúde e na qualidade da carne”, observa Janaina.

Ela lembra que, até 2017, os veículos de transporte sequer eram regulamentados. A Resolução CONTRAN nº 675 estabeleceu critérios mínimos como ventilação e pisos antiderrapantes. Já em 2019, a Deliberação nº 177 ampliou a altura máxima das carretas de 4,40 m para 4,70 m, após estudos mostrarem que mais de 60% dos bovinos avaliados tinham altura superior ao compartimento, o que explicava lesões frequentes no lombo e na anca. “Essas mudanças foram baseadas em pesquisas com câmeras em compartimentos de carga e medições a laser nos frigoríficos. São exemplos concretos de ciência aplicada influenciando a legislação e impactando o bem-estar”, reforça.



**CARMEN PEREZ**  
É EMPRESÁRIA RURAL E COMUNICADORA DO AGRO

Outro marco foi a capacitação de motoristas, exigida pela Portaria MAPA nº 365/2021, que tornou obrigatória a formação em bem-estar animal para todos os envolvidos no manejo pré-abate. Programas como o Transporte Legal ajudaram a elevar o padrão de profissionalização.

Além disso, a recente Portaria SDA/MAPA nº 1.280/2025 abriu consulta pública para novas regras de transporte sob GTA, em consonância com diretrizes da OIE (Organização Mundial de Saúde Animal). “Essas normas, junto com pressões de importadores e redes varejistas, trouxeram auditorias independentes e certificações, transformando o bem-estar em requisito de acesso a mercados”, analisa Janaina.

**ESTRATÉGIA PARA PRODUTIVIDADE E SUSTENTABILIDADE.** A associação entre bem-estar animal e produtividade, contudo, não é linear. “Uma fazenda altamente produtiva pode não garantir bons níveis de bem-estar, assim como rebanhos bem cuidados nem sempre expressam todo o seu potencial”, lembra Janaina.

Ela cita o conceito descrito por John McNerney, segundo o qual produtividade e bem-estar são complementares até certo ponto, mas o excesso em busca da máxima produção compromete necessidades básicas. “É nesse equilíbrio que a pecuária sustentável precisa atuar”, defende.

Na prática, evidências mostram

que investir em nutrição, sanidade, ambiência e na qualidade das interações humano-animal gera ganhos duplos: melhora o bem-estar e aumenta a eficiência. Esse raciocínio fortalece o conceito de “Um Bem-estar”, inspirado em “Uma Saúde”, que integra bem-estar animal, humano e ambiental.

“Já vimos casos em que vaqueiros relatam melhora não só na docilidade do gado, mas também em sua própria disposição física e qualidade de vida ao adotar boas práticas. É uma via de mão dupla”, ressalta a veterinária.

**AS TENDÊNCIAS DO FUTURO.** Para Carmen Perez, a próxima década será marcada pela exigência de transparência. “Ainda não temos na carne bovina a mesma rastreabilidade presente em frangos e ovos, mas é questão de tempo. As novas gerações querem saber como a carne foi produzida e vão cobrar isso”, prevê.

Janaina concorda e acrescenta que a chave está em indicadores confiáveis. “Não se gerencia o que não é medido. Precisamos de registros consistentes para evitar que quedas, hematomas ou falhas no manejo se tornem normais”, alerta.

Esse monitoramento já é realidade em frigoríficos, com protocolos de autocontrole auditados que medem escorregões, eficiência da insensibilização e sinais de inconsciência. Agora, o desafio é levar a mesma lógica para dentro das fazendas. “Projetos como o Cada Bezerro Importa mostram como medir indicadores desde o nascimento até a desmama permite capacitações mais específicas e evolução contínua”, afirma.

Em síntese, a pecuária de corte brasileira caminha para consolidar o bem-estar animal como elo entre ciência, mercado e sociedade. “Investir em bem-estar não é custo, é condição essencial para competitividade, sustentabilidade e reputação do setor”, reforça Janaina.

Carmen conclui com uma visão otimista: “Quando olhamos para trás, percebemos o quanto avançamos em informação, consciência e práticas. O desafio agora é comunicar melhor, mostrar ao consumidor urbano que pecuária e bem-estar caminham juntos. Só assim teremos um futuro sólido para o campo e para a cidade”.

# SUÍNOS

## DA RESISTÊNCIA INICIAL À CONSOLIDAÇÃO DO BEA COMO ESTRATÉGIA PRODUTIVA

**HÁ UNS** vinte e cinco anos atrás, falar em bem-estar animal na suinocultura brasileira era, para muitos, sinônimo de inviabilizar a produção de suínos no Brasil. Osmar Dalla Costa, pesquisador da Embrapa Suínos e Aves e referência no tema, lembra das reações que recebia nos primeiros debates. “Quando começávamos a falar de bem-estar, diziam que estávamos quebra a suinocultura Brasileira e que isto era apenas um modismo e que não era viável para a nossa suinocultura, que nossas ideias só encareceriam os custos de produção e poderiam inviabilizar a

nossa suinocultura”, recorda.

Segundo ele, o desafio inicial foi provar justamente o contrário: que investir em bem-estar animal resultaria em ganhos de produtividade em todas as fases do ciclo produtivo. “Tínhamos certeza de que o incremento do bem-estar refletiria em melhores índices zootécnicos, e nossa missão foi mostrar isso, na prática, para os produtores”, relata.

O primeiro campo de atuação foi o manejo pré-abate junto a uma cooperativa de Concórdia. Na época, embarques mal conduzidos, estruturas precárias dos embarcadouros, ►



## Desarrollado con bis-quelación

Sólo MINTREX® minerales bi-quelados ofrece la absorción proactiva que usted necesita

**MINTREX®**

Un producto NOVUS

[novusint.com/swineminerals](http://novusint.com/swineminerals)

© NOVUS y MINTREX son marcas registradas de Novus International, Inc. en los Estados Unidos y en otros países. ©2025 Novus International, Inc. Todos los derechos reservados.



mão de obra não qualificada e treinada e transporte deficientes resultavam em alta mortalidade, fraturas, animais exaustos e, consequentemente, perdas econômicas. “Mostramos que qualificar equipes de embarque e motoristas, melhorar embarcadores e adaptar carrocerias reduzia mortalidade, fraturas e perdas por animais cansados. Essa foi uma das primeiras vitórias que conquistamos junto à cadeia”, afirma Dalla Costa.

Esse trabalho incluiu a criação de programas de capacitação de condutores e motoristas, que, segundo ele, impactaram não apenas os índices de bem-estar, mas também a segurança e a autoestima dos profissionais envolvidos.

Outro divisor de águas foi a discussão sobre os sistemas de alojamento de matrizes em gestação. “Quando falávamos em sair dos boxes individuais para baias coletivas, muitos reagiam mal.”, lembra o especialista.

A virada aconteceu com a articulação entre o MAPA, a Embrapa, a Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) e outras instituições, que promoveram seminários e mostraram os benefícios da migração. “Não era modismo, era uma necessidade para atender às exigências internacionais e manter o Brasil no mercado exportador”, reforça.

O papel da legislação e da pressão internacional – Se os primeiros avanços vieram pela demonstração de resultados práticos, a consolidação do bem-estar animal na suinocultura se deveu à legislação e às demandas externas. A Instrução Normativa nº 113, do Ministério da Agricultura, foi considerada um marco. “A partir dela, produtores e empresas integradoras tiveram que se adequar. Essa normativa elevou o padrão da produção e abriu caminho para novas melhorias”, explica.

Pressões de importadores e consumidores estrangeiros também funcionaram como motor de transformação. “A exigência de certificações internacionais obrigou a cadeia a acelerar mudanças, especialmente em alojamento e manejo”, observa.

Outro eixo de transformação veio da genética e da automação. “Nos últimos anos, passamos de uma mão de obra braçal para uma mão de obra intelectual. Hoje, sensores controlam au-



**OSMAR DALLA COSTA**, DOUTOR EM ZOOTECNIA E GESTOR DO NÚCLEO TEMÁTICO DE PRODUÇÃO DE SUÍNOS (NTPSA) DA EMBRAPA SUÍNOS E AVES

tomaticamente cortinas e ventilação, sem depender do operador acordar de madrugada para abrir ou fechar instalações”, descreve.

O fornecimento de ração também foi revolucionado com sistemas robotizados que ajustam quantidade e horários conforme categoria, sexo e idade dos animais. “Isso reduziu desperdícios e melhorou a eficiência. Paralelamente, a genética evoluiu para atender às necessidades produtivas e de mercado, acompanhando essa modernização das granjas”, avalia.

**A IMPORTÂNCIA DO TREINAMENTO.** Para Dalla Costa, nenhum desses avanços seria possível sem a qualificação das pessoas. “Há 25 anos, quando dizíamos que produtores precisavam de treinamento, muitos resistiam. Argumentavam que já sabiam tudo porque aprenderam com os pais e avós. Mas mostramos que adotar novas tecnologias e capacitar equipes eleva significativamente os índices de produtividade”, afirma.

Hoje, programas de treinamento contínuo são prática consolidada em granjas e frigoríficos. “A conscientização dos trabalhadores foi um dos maiores avanços. Quando o colaborador entende a importância do seu trabalho e é valorizado, ele se torna agente ativo na promoção do bem-estar”, reforça.





# TILÁPIAS

## BEA AS FASES DA AQUICULTURA

### UM FUTURO DE OPORTUNIDADES.

Com uma trajetória marcada por resistência inicial e avanços consistentes, a suinocultura brasileira chega a 2025 em outro patamar. “O que no passado era visto como ameaça, hoje é reconhecido como diferencial competitivo. O bem-estar animal se tornou ferramenta de produtividade, sustentabilidade e acesso a mercados”, resume.

Olhando para o futuro, Dalla Costa aponta dois grandes desafios: a substituição das celas de parição por baias coletivas e a conclusão da migração dos sistemas de gestação. “Esse é o próximo passo inevitável. Precisamos oferecer às matrizes na maternidade condições que conciliem bem-estar e eficiência. Esse é, para mim, o maior desafio dos próximos anos”, afirma.

Outro ponto crítico é a definição de protocolos claros de eutanásia de animais doentes ou com problemas. “É fundamental qualificar pessoas para identificar o momento ideal e utilizar a tecnologia correta. Isso impacta não apenas o bem-estar, mas também a imagem da cadeia perante a sociedade”, alerta.

Ele conclui com uma visão de continuidade: “Ainda temos muito a avançar, especialmente na maternidade e na formação de pessoas. Mas se olharmos para trás, vemos que vencemos barreiras muito maiores. O futuro da suinocultura passa, inevitavelmente, pelo bem-estar animal”.

O SETOR de aquicultura também acompanhou essa tendência. Bem mais recente que as demais atividades, a tilapicultura ganhou, no início de 2025, a definição da norma Certified Humane para tilápias, estabelecendo padrões de bem-estar animal em todas as fases da produção, desde a alevinagem até o abate. Considerada a espécie de peixe mais cultivada no Brasil e uma das mais relevantes no cenário mundial, o peixe passa a contar com orientações técnicas auditáveis que reduzem o estresse, promovem saúde e garantem qualidade do produto final.

De acordo com a certificadora, a adoção de práticas de bem-estar melhora a qualidade de vida dos peixes e contribui para o equilíbrio ambiental, além de agregar valor ao produto, atendendo às exigências de consumidores e mercados cada vez mais atentos à origem dos alimentos.

Durante muito tempo, o bem-estar animal foi associado principalmente a aves, suínos e bovinos, mas a ciência já comprovou que peixes também sentem dor, estresse e desconforto fisiológico, condições que afetam diretamente o desempenho, saúde e qualidade da carne. A norma surge como uma ferramenta técnica, auditável e reconhecida internacionalmente, permitindo que o setor brasileiro alinhe-se a práticas éticas modernas de produção de proteína animal.

Desenvolvida com base em evidências científicas, recomendações veterinárias e experiência prática, a norma define diretrizes objetivas para toda a cadeia produtiva. Entre os principais pilares, destaca-se o controle ambiental, com monitoramento rigoroso de parâmetros da água, como oxigênio dissolvido, temperatura, pH e nitrito, essenciais para reduzir estresse e favorecer crescimento saudável.

A densidade de estocagem é outro ponto crítico: a norma estabe-

lece limites claros considerando o estágio de vida e a capacidade do sistema, prevenindo superlotação, que compromete bem-estar e sanidade. Na alimentação, os peixes devem receber dietas balanceadas, livres de promotores de crescimento e jejuns prolongados não justificados, garantindo nutrição adequada e consistência no desempenho.

O manejo também recebe atenção especial. Operações como captura, triagem, transporte e exames devem minimizar estresse e risco de ferimentos, enquanto as equipes são treinadas para identificar sinais de desconforto. A introdução de enriquecimento ambiental — variações de profundidade, sombreamento e elementos estruturais — visa estimular comportamentos naturais e favorecer o bem-estar fisiológico, adaptando práticas de outras espécies à aquicultura.

O transporte e o abate seguem protocolos que asseguram manutenção de parâmetros da água, limitação do tempo de deslocamento e métodos humanitários, com insensibilização prévia, garantindo que os peixes não sofram durante o processo. A norma se aplica a toda a cadeia produtiva — unidades de alevinagem, sistemas de engorda, transporte e frigoríficos — oferecendo uma base técnica para certificação e diferenciação de mercado.

Além de atender às expectativas de consumidores, a norma posiciona o setor brasileiro em sintonia com padrões internacionais de bem-estar animal, fortalecendo a competitividade e abrindo oportunidades comerciais. O documento é dinâmico, com revisões periódicas previstas para incorporar avanços científicos e práticas consolidadas, garantindo evolução contínua. Assim, a tilápia que chega à mesa do consumidor representa não apenas valor nutricional, mas também o compromisso da aquicultura com responsabilidade, transparência e respeito aos animais.

# BEA NA INDÚSTRIA

OUROFINO INVESTE EM INOVAÇÃO PARA IMPULSIONAR O AGRO BR

**NOS ÚLTIMOS 20** anos, a Ourofino Saúde Animal acompanhou e impulsionou transformações profundas na forma como o Brasil entende bem-estar animal nas cadeias produtivas de suínos, aves e bovinos. Para Kleber Gomes, CEO da empresa, a evolução é resultado de um esforço coordenado entre manejo, sanidade, genética e nutrição — pilares que, combinados, elevam tanto a produtividade quanto a sustentabilidade.

Segundo Kleber, “a melhoria da produtividade depende de três pilares: manejo, genética e nutrição”. Ao longo das últimas décadas, esses elementos passaram por avanços significativos. Na prática, isso se traduz em sistemas produtivos mais saudáveis, com redução de estresse, aumento da eficiência e melhor qualidade dos produtos. No caso da produção de leite, por exemplo, vacas em condições de bem-estar adequado permitem incremento de produtividade mesmo com rebanhos menores.

A empresa destaca que inovação tecnológica e pesquisa aplicada fo-

ram determinantes. “Temos estações experimentais acreditadas pelo MAPA e avaliadas por organismos internacionais, onde testamos novas vacinas e produtos em condições normais de manejo”, explica o executivo. A Ourofino desenvolveu vacinas de dose única, com menor reação e menor estresse para os animais, além de produtos específicos que reduzem comportamentos agressivos e diminuem os níveis de cortisol, promovendo saúde e produtividade.

Outro ponto de destaque é o amplo portfólio, que cobre bovinos, suínos, aves e animais de companhia, incluindo produtos com certificação de bem-estar animal — algo ainda raro no mercado. Para a empresa, integrar performance e bem-estar é essencial: “Muitos produtos no mercado promoviam bem-estar, mas não se pagavam. Hoje, nossos produtos entregam performance junto com bem-estar”, afirma o CEO.

A Ourofino também reforça o alinhamento com tendências globais e normas internacionais, adotando prá-

ticas de One Health, que integram saúde de animal, humana e ambiental. A racionalização do uso de antimicrobianos, adoção de vacinas preventivas e modernas estratégias nutricionais refletem esse compromisso, preparando a produção nacional para atender exigências de consumidores e mercados internacionais cada vez mais rigorosos.

Olhando para o futuro, a empresa antecipa que a legislação e as certificações internacionais continuarão a direcionar o setor. A tendência é consolidar práticas de produção ética e sustentável, alinhadas à crescente demanda por alimentos saudáveis e seguros. “O bem-estar está em tudo. Hoje, é regra de entrada, não mais uma tendência”, resume.

Com quase quatro décadas de experiência, investimento em P&D, capacitação técnica e governança corporativa de alto nível, a Ourofino Saúde Animal projeta um futuro de liderança sustentável. “Combinamos conhecimento técnico, inovação e proximidade com os produtores brasileiros para garantir que a produção nacional de proteína animal continue a crescer, mantendo padrões globais de qualidade, sanidade e bem-estar animal”, encerra Kleber.

**KLEBER GOMES** É CEO DA OUROFINO SAÚDE ANIMAL



# Safesui Glasser ONE

A primeira vacina no mundo de dose única  
com proteção heteróloga contra Glässer



# ÚNICA

## PROTEÇÃO HETERÓLOGA COMPROVADA



Dose única



4 sorovares na composição (SV1, SV4, SV5 e SV NT) | amplo espectro



Proteção heteróloga comprovada



Cepas nacionais



Sem necessidade de atualização da composição,  
o que permite maior segurança e tranquilidade

# BEA NO COOPERATIVISMO

O CAMINHO DA AURORA COOP NOS ÚLTIMOS 20 ANOS

**QUANDO** se fala em evolução do bem-estar animal (BEA) no Brasil, a Aurora Coop é um exemplo emblemático de como a agenda deixou de ser tratada como custo para se consolidar como estratégia corporativa. Nas palavras de Eliana Renúncio, gerente Corporativo de Apoio Agropecuário da cooperativa, “a percepção mudou porque evidências científicas e econômicas mostraram que animais com melhor ambiência apresentam menor mortalidade, melhor conversão alimentar, menos uso de antimicrobianos e mais qualidade no produto final”.

Nos anos 2000, o cenário era marcado por superlotação, instalações pouco climatizadas e com ventilação precária, alojamentos restritivos e ausência de protocolos padronizados de bem-estar. Faltava formação técnica dos colaboradores, e práticas de manejo em transporte e abate ainda eram frequentemente estressantes. “Naquele momento, produtividade era a prioridade absoluta, e não havia métricas confiáveis para avaliar o bem-estar. O projeto europeu Welfare Quality, iniciado em 2004, foi um divisor de águas ao criar



**ELIANA RENÚNCIO**, GERENTE CORPORATIVO DE APOIO AGROPECUARIO DA AURORA COOP

indicadores validados para avaliação em granja e fazenda”, recorda Eliana.

O salto de qualidade ocorreu a partir da adoção de sistemas modernos de climatização, automação e Precision Livestock Farming (PLF). Hoje, sensores, câmeras e análise de som permitem monitorar continuamente peso, ingestão e comportamento dos animais, garantindo respostas rápidas e assertivas. “A ambiência deixou de ser vista como gasto e passou a ser variável controlável, diretamente ligada à eficiência e à sustentabilidade”, reforça a executiva. Além disso, avanços no design das instalações — influenciados por es-

pecialistas como Temple Grandin — reduziram lesões e perdas por estresse, melhorando a qualidade da carne.

Outro vetor determinante foi a pressão regulatória e de mercado. Protocolos internacionais da WOA (antiga OIE) e exigências de grandes compradores globais forçaram cadeias produtivas a se adequarem. “As redes varejistas passaram a condicionar suas compras à adoção de programas de bem-estar. Isso levou empresas a criarem sistemas de auditoria, certificação e transparência. Quem investiu cedo, como a Aurora, conseguiu alinhar reputação e acesso a mercados estratégicos”, pontua Eliana.

## BEM-ESTAR COMO VALOR ESTRATÉGICO.

Com base em evidências econômicas e sociais, o bem-estar deixou de ser compliance para tornar-se um diferencial competitivo. Segundo Eliana, a Aurora Coop traduziu essa visão em programas públicos de investimento em infraestrutura, treinamento de cooperados e comunicação transparente com o mercado. “Investir em bem-estar significa mitigar riscos, atender às metas ESG e garantir a confiança do consumidor. Hoje, é parte inseparável da nossa estratégia de sustentabilidade”, afirma.

Olhando adiante, a Aurora Coop aposta em tecnologias de monitoramento em tempo real, inteligência artificial para análise de comportamento, genética voltada à resiliência climática e maior integração do bem-estar às metas ESG. “O futuro aponta para certificações digitais, rastreabilidade e adaptação às mudanças climáticas. Bem-estar será cada vez mais mensurável e conectado às decisões de negócio”, projeta Eliana.

Além da tecnologia, o diferencial da Aurora está no modelo de integração com milhares de famílias cooperadas, que recebem orientação técnica e protocolos padronizados. Essa estrutura garante que os avanços cheguem de forma uniforme a toda a cadeia produtiva. “O nosso compromisso é triplo: responsabilidade socioambiental, integração com o cooperado e confiança do consumidor. Isso posiciona a Aurora como uma cooperativa que traduz ciência e inovação em valor agregado para toda a sociedade”, conclui Eliana Renúncio. ■

## MARCOS DA TRANSFORMAÇÃO

ENTRE OS MARCOS DOS ÚLTIMOS 20 ANOS, ELIANA DESTACA:

- 1 Criação dos protocolos do Welfare Quality (2004-2009), que possibilitaram mensuração padronizada do BEA.
- 2 Inclusão de capítulos específicos no Terrestrial Animal Health Code (WOAH), que elevaram a régua internacional.
- 3 Difusão da Precision Livestock Farming, com sensores e monitoramento contínuo.
- 4 Adoção em larga escala das recomendações de Temple Grandin, transformando transporte e manejo em abatedouros.
- 5 Pressão do varejo global e das certificações privadas, que condicionaram compras a práticas verificáveis de bem-estar.

# SUINOCULTURA DE PRECISÃO.



## Mais produtividade e eficiência para sua granja!

A Plasson oferece soluções completas para suinocultura, desenvolvidas para integrar cada etapa da criação. Sistemas de alimentação, climatização inteligentes garantem redução de perdas e Tudo pensado para produtividade e facilitar tecnologia e confiança



etapa da criação. Sistemas e controladores mais eficiência, bem-estar animal. elevar a o manejo, unindo para o produtor.



[www.plasson.com.br](http://www.plasson.com.br)



Presença Global – Atendimento Personalizado.

**PLASSON**<sup>®</sup>  
Livestock

# BAIAS DE MATERNIDADE PLASSON: TECNOLOGIA, BEM-ESTAR E PRODUTIVIDADE EM CADA DETALHE

POR DIEGO PALOMBO

**N**a suinocultura moderna, a fase de maternidade é decisiva para o sucesso da produção. Pensando nisso, a **Plasson do Brasil** desenvolveu soluções completas que unem tecnologia, bem-estar animal e alto desempenho, com destaque para suas **baías de maternidade** – projetadas para proteger os leitões, oferecer conforto à matriz e facilitar o manejo.

## SEGURANÇA PARA OS LEITÕES, CONFORTO PARA A MATRIZ

Cada baía foi pensada com foco nas **boas práticas de manejo**. O sistema de **salva-vidas duplo** minimiza os riscos de esmagamento, um dos maiores desafios da fase neonatal, garantindo maior uniformidade na desmama. O espaço ajustável e as portas funcionais respeitam o comportamento natural da matriz e facilitam a rotina do produtor.

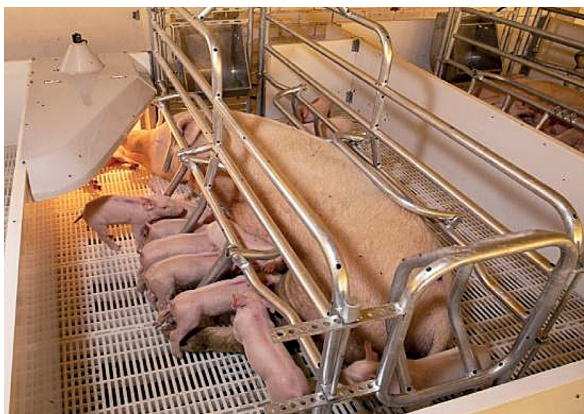
## MATERIAIS DURÁVEIS E DE FÁCIL HIGIENIZAÇÃO

Produzidas em **tubulação galvanizada a fogo** e com **comedouros em aço inox 304**, as baías de maternidade da Plasson oferecem **alta durabilidade, facilidade de limpeza e resistência**, atendendo às exigências de biossegurança e reduzindo custos com manutenção.

## CONFORTO TÉRMICO NOS PRIMEIROS DIAS DE VIDA

As opções de **escamoteadores semiabertos** e os sistemas de aquecimento ajudam a manter os leitões na faixa ideal de temperatura. Essa estabilidade térmica é essencial para reduzir a mortalidade e estimular o ganho de peso, favorecendo um crescimento saudável desde o nascimento.



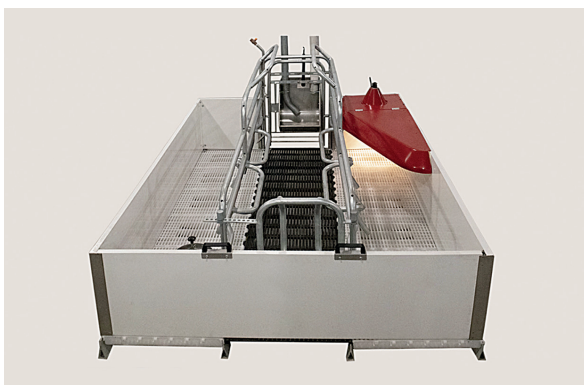


### ALIMENTAÇÃO INTELIGENTE COM O SISTEMA SOWTEK 5000

A Plasson também oferece o **Sowtek 5000 Maternidade**, um sistema automatizado de alimentação que proporciona:

- Controle individual da ingestão da matriz;
- Ajuste de dieta conforme ordem de parto, genética e produtividade;
- Distribuição fracionada da ração, reduzindo desperdício;
- Monitoramento em tempo real com histórico por animal.

Essa tecnologia garante **fêmeas mais saudáveis, menor intervalo entre partos e leitões mais pesados ao desmame**.



### BOAS PRÁTICAS DE MANEJO: BASE PARA A SUSTENTABILIDADE E EFICIÊNCIA

A eficiência produtiva e o bem-estar animal caminham juntos. A adoção de práticas adequadas melhora os índices zootécnicos e garante sustentabilidade nas granjas.

### AMBIÊNCIA E CLIMATIZAÇÃO EQUILIBRADAS

Temperatura, umidade e ventilação precisam estar sob controle. Sistemas eficientes garantem o **conforto térmico**, fundamental para a saúde respiratória e o comportamento adequado dos animais.

### ALIMENTAÇÃO E ÁGUA DE QUALIDADE

Acesso contínuo a **ração balanceada e água limpa** reduz competição e estresse. Comedouros e bebedouros devem ser projetados para permitir acesso equitativo a todos os suínos.



### ESPAÇO, HIGIENE E CONFORTO

O espaço adequado por animal permite a expressão de comportamentos naturais. Pisos antiderrapantes e drenantes, aliados à limpeza constante, reduzem lesões e favorecem a sanidade.

### SAÚDE PREVENTIVA E BIOSSEGURIDADE

Programas de **biossegurança, vacinação e monitoramento clínico** são essenciais para prevenir doenças. O manejo deve incluir práticas como o cuidado com cascos, dentes e caudas – sempre por pessoal treinado.

### ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL E ROTINA CONSISTENTE

Objetos manipuláveis, palha e materiais escaváveis promovem comportamentos naturais, reduzindo mordeduras e agressividade. Rotinas bem definidas reduzem estresse e melhoram o desempenho.



### RESULTADOS CONCRETOS PARA O PRODUTOR

Ao investir nas **baías de maternidade Plasson** e em práticas de manejo bem estruturadas, o produtor garante:

- Redução das perdas por esmagamento e mortalidade neonatal;
- Maior uniformidade dos lotes e desempenho produtivo;
- Ambiente mais seguro, conforme os princípios de bem-estar animal;
- Otimização de mão de obra com equipamentos funcionais;
- Retorno econômico visível com maior produtividade.

Mais do que equipamentos, a **Plasson entrega soluções completas** que transformam a maternidade em uma das fases mais rentáveis da suinocultura. ■

*Diego Palombo, engenheiro mecânico e gerente comercial suinocultura da Plasson do Brasil*

# TAKE 7: INOVAÇÃO E UNIÃO QUE SUSTENTAM O CAMPO

**AURORA COOP** APOSTA EM INOVAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E PROFISSIONALIZAÇÃO  
DOS PRODUTORES PARA SUSTENTAR PROTAGONISMO NO MERCADO

**CAROLINE MENDES, DE CHAPECÓ (SC)**  
caroline@dc7comunica.com.br



Fundada em 1969, a Cooperativa Central Aurora Alimentos (Aurora Coop) nasceu da união de pequenas cooperativas do Oeste catarinense que buscavam força para industrializar a produção agropecuária. Passadas mais de cinco décadas, a cooperativa se tornou um dos maiores conglomerados de proteína animal do Brasil, ocupando a terceira posição nacional no setor de carnes.

Sob a liderança do presidente Neivor Canton, ao lado do vice-presidente Marcos Antonio Zordan, do secretário Romeo Bet e de conselheiros representando diferentes filiadas, a Aurora Coop reúne 14 cooperativas agropecuárias e mais de 85,6 mil famílias rurais, responsáveis por sustentar um modelo de negócios que alia escala, inovação e compromisso social. O sistema é também uma das maiores fontes de geração de emprego da agroindústria brasileira, com cerca de 48 mil colaboradores diretos.

“O empreendimento existe para servir ao produtor. Nosso papel é garantir que ele continue ativo, mesmo diante de crises de mercado, assegurando o suprimento das plantas industriais e a competitividade do setor”, resume Neivor Canton.

#### POTÊNCIA INDUSTRIAL E DE MERCADO.

A Aurora Coop opera com oito plantas frigoríficas de suínos, nove unidades de aves, uma planta de lácteos, além de 27 unidades comerciais, 12 distribuidores regionais, nove incubatórios e dez fábricas de rações. Essa estrutura permite o processamento diário de 1,6 milhão de aves, 32 mil suínos e 1,5 milhão de litros de leite, transformados em um portfólio diversificado com mais de 850 produtos — que vão de carnes e derivados a massas e vegetais.

Em 2024, a cooperativa registrou

## AURORA COOP EM NÚMEROS (2024)

RECEITA  
OPERACIONAL BRUTA

**R\$ 24,9 BI**

**14** COOPERATIVAS  
FILIADAS

**85,6 MIL**  
FAMÍLIAS COOPERADAS

**48 MIL**  
COLABORADORES  
DIRETOS

PROCESSAMENTO DIÁRIO

**1,6 MI AVES**  
**32 MIL SUÍNOS**  
**1,5 MI LITROS DE LEITE**

PRESENÇA EM  
**MAIS DE 80 PAÍSES**

**MAIS DE 850**  
PRODUTOS NO PORTFÓLIO

uma receita operacional bruta de R\$ 24,9 bilhões, crescimento expressivo frente aos R\$ 21,7 bilhões de 2023. O mercado interno respondeu por 63,6% da receita, enquanto o externo contribuiu com 36,4%, com embarques para mais de 80 países. O desempenho industrial no mesmo período somou o abate de 8 milhões de suínos, 343 milhões de aves e o processamento de 449 milhões de litros de leite.

**INOVAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO NO CAMPO.** Além da pujança industrial, a Aurora Coop tem no campo a base de sua solidez. Há 26 anos, a cooperativa implantou o programa de Encadecamento Produtivo, em parceria com Sebrae e Senar, que já transformou mais de 35 mil propriedades familiares em empresas rurais profissionalizadas.

“O produtor que participa chega a falar em DRE, ativo e passivo como um contador. Isso é profissionalizar o campo e garantir que o jovem queira permanecer na atividade”, explica Canton.

O incentivo à inovação tecnológica também permeia a cadeia: genética de ponta, nutrição de qualidade, bem-estar animal e moderniza- ▶



“AURORA É MAIS QUE UMA MARCA: É UM SISTEMA QUE GARANTE ESPAÇO PARA O PRODUTOR E ASSEGURA O SUPRIMENTO AS INDÚSTRIAS.” **NEIVOR CANTON,** PRESIDENTE DA AURORA



ção fabril colocam a Aurora em sintonia com os principais parques industriais da Europa e dos Estados Unidos.

**CRESCIMENTO SUSTENTADO.** O histórico de investimentos reforça a capacidade de expansão e modernização do sistema. Desde 2019, foram aplicados mais de R\$ 3,5 bilhões, com previsão de alcançar R\$ 1 bilhão em 2025. As obras incluem ampliações em plantas de aves e suínos no Paraná, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Rio

Grande do Sul, além da duplicação e modernização de unidades existentes.

A diversificação também ganha espaço, com a recente aquisição da Gramestre, tradicional indústria de queijos finos, e a expansão de parcerias para o processamento de peixes, consolidando a estratégia de ampliar o portfólio de proteínas.

**FUTURO EM MOVIMENTO.** Para Canton, os próximos anos serão marcados pela consolidação da aquicultura co-

mo quarto eixo de proteínas, pelo fortalecimento da presença internacional e pela modernização contínua do parque fabril. “Aurora é mais que uma marca: é um sistema que garante espaço para o produtor e assegura o suprimento às indústrias. É essa solidez que nos mantém firmes diante dos desafios e nos dá confiança para seguir crescendo”, afirma. ■

**MAIS DE 85 MIL**  
FAMILIAS RURAIS  
SUSTENTAM  
A FORÇA E A  
SOLIDEZ DO  
SISTEMA AURORA

## LINHA DO TEMPO

# 1969



**Fundação e Primeiros Passos**  
Dezoito homens representantes de oito cooperativas, liderados por Aury Luiz Bodanese, fundaram a Cooperativa Central Aurora Alimentos, com o objetivo de industrializar a produção de suínos na região Oeste de Santa Catarina.



# 1980

**Expansão e Consolidação**  
A cooperativa expandiu suas operações, consolidando-se como referência no setor agroindustrial brasileiro.

# 1990

**Internacionalização e Diversificação**  
Início da internacionalização da marca Aurora e diversificação do portfólio de produtos, incluindo carnes suínas, aves e lácteos.

# 2000

**Crescimento Sustentável**  
A Aurora Coop continuou seu crescimento sustentável, ampliando sua presença no mercado interno e externo.

# 2010

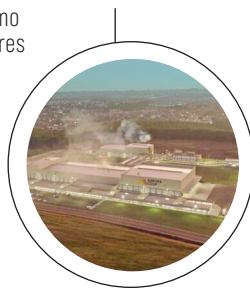
**Inovação e Sustentabilidade**  
Investimentos em inovação tecnológica e práticas sustentáveis fortaleceram a posição da cooperativa no mercado global.

# 2020

**Expansão e Reconhecimento**  
A Aurora Coop expandiu suas operações para o Centro-Oeste brasileiro e consolidou-se como uma das maiores cooperativas de alimentos do país.

# 2021

**Investimentos Estratégicos**  
Investimentos superaram R\$ 1 bilhão, com ampliações em plantas de aves e suínos.



# 2024

**Recorde de Receita e Estrutura**  
Receita operacional bruta chega a R\$ 24,9 bilhões; Aurora Coop se torna o terceiro maior conglomerado industrial de carnes do Brasil, com 14 cooperativas filiatas e 85,6 mil famílias no campo.

# 2025

**Futuro e Inovação**  
Previsão de investir R\$ 1 bilhão em modernização e expansão, consolidando a aquicultura como o quarto eixo de proteínas.



# CULTURA É A MARCA QUE SE VIVE

Uma marca não se define pela embalagem do seu produto, pela propaganda em revistas ou pelos estandes em feiras. Ela se revela no cotidiano da empresa, no jeito como as pessoas trabalham, se relacionam e acreditam no que fazem. A cultura é o primeiro espaço onde a marca se constrói. Se for sólida, cria consistência e confiança. Se for frágil, nenhum investimento em comunicação consegue sustentá-la.

A força de uma empresa no campo não está apenas no portfólio que oferece, mas na clareza com que sua equipe acredita no propósito e nos valores que a guiam. Quando há alinhamento interno, cada colaborador se torna extensão viva da marca: o téc-

nico que leva conhecimento até o produtor, o vendedor que só promete o que pode entregar, o gestor que toma decisões pensando no longo prazo. Esse engajamento dá credibilidade a cada encontro, cada entrega, cada resultado.

Engajamento não nasce de slogans internos. Ele nasce da clareza de propósito, de coerência nas atitudes da liderança, de um ambiente em que todos percebem que sua contribuição importa. Equipes motivadas se tornam embaixadoras espontâneas da marca, e essa força se espalha sem precisar de microfone.

No setor agropecuário, onde cada decisão impacta produção, bem-estar animal, segurança alimentar e economia, cultura não é detalhe: é reputação. Ela aparece em como se lida com crises, na transparência diante de falhas, no respeito dado a cada parceiro. É essa postura, repetida todos os dias, que sustenta a marca mais do que qualquer campanha publicitária.

Porque, no fim, a comunicação externa só ecoa o que já existe dentro. Uma empresa com cultura forte não precisa forçar sua imagem: ela a vive. E quando se vive, o mercado reconhece. ■

QUANDO HÁ ALINHAMENTO INTERNO, **CADA COLABORADOR SE TORNA EXTENSÃO VIVA DA MARCA: O TÉCNICO QUE LEVA CONHECIMENTO ATÉ O PRODUTOR, O VENDEDOR QUE SÓ PROMETE O QUE PODE ENTREGAR, O GESTOR QUE TOMA DECISÕES PENSANDO NO LONGO PRAZO**



**Larissa Spricigo**

Médica veterinária, especialista em marketing estratégico para o agronegócio, com atuação em branding, comunicação e posicionamento de marcas



# PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL NA LINHA DE FRENTE NA PROTEÇÃO DA SAÚDE GLOBAL

EM UM CENÁRIO PÓS-PANDEMIA, O BRASIL SE DESTACA AO **INTEGRAR VIGILÂNCIA SANITÁRIA E NUTRIÇÃO AVANÇADA**, TRANSFORMANDO GRANJAS EM SENTINELAS CONTRA NOVAS AMEAÇAS E CONSOLIDANDO O CONCEITO DE SAÚDE ÚNICA

**CAROLINE MENDES**

caroline@dc7comunica.com.br

A memória da Covid-19 ainda está fresca, e a pergunta que assombra cientistas e governos é: de onde virá a próxima pandemia? Grande parte das apostas aponta para vírus de origem animal, as chamadas zoonoses, como as gripes aviária e suína. O que poucos sabem é que, silenciosamente, as granjas de produção de proteína animal do Brasil se tornaram um dos campos de batalha mais cruciais para a saúde global. Longe de ser apenas um fornecedor de alimentos, o agronegócio brasileiro emerge como um agente estratégico na defesa da saúde mundial, através de uma abordagem integrada que materializa o conceito de Saúde Única.

Neste sentido o Brasil aposta em uma estratégia de defesa em duas camadas. De um lado, um escudo exter-


no de vigilância ativa, capaz de identificar e conter ameaças virais antes que se espalhem. De outro, uma fortaleza interna, construída a partir da nutrição e da ciência da saúde animal, que fortalece os próprios animais, tornando-os mais resilientes a infecções. Juntas, essas frentes posicionam o país na vanguarda da biossegurança e da prevenção de crises sanitárias globais.

**VIGILÂNCIA ATIVA: OLHOS ATENTOS PARA O INIMIGO INVISÍVEL.** Para evitar que um vírus animal se torne a próxima crise humana, a primeira regra é: enxergá-lo antes que ele se espalhe. É um trabalho de detetive minucioso, e a ciência brasileira, com o apoio de políticas regulatórias estratégicas, está na liderança dessa missão.

No coração dessa vigilância está o trabalho da Embrapa Suínos e Aves,

que atua como uma verdadeira sentinela contra ameaças invisíveis. A pesquisadora Dra. Janice Zanela, à frente do projeto de vigilância de novas doenças virais em suínos, explica a urgência: “A pandemia de influenza em animais ou da COVID-19 em humanos mostrou como a circulação silenciosa de vírus em populações, seja de animais ou mesmo na humana, pode representar risco global.” Em espécies criadas em larga escala, como suínos e aves, com cadeias produtivas interligadas e contato estreito com pessoas, a vigilância precoce é crucial para identificar patógenos endêmicos, emergentes ou com potencial de rápida disseminação.

O suíno, em particular, é um ponto de atenção estratégico. Dra. Janice o descreve como um verdadeiro “misturador biológico”, capaz de ser infec-



tado tanto por vírus de aves quanto por vírus humanos, criando oportunidades para recombinações genéticas. Essa característica coloca a espécie em uma posição central na vigilância de saúde global. Além disso, com o Brasil sendo um dos maiores produtores e exportadores mundiais de carne suína, manter a saúde dos rebanhos não é apenas uma questão de produtividade, mas de segurança sanitária internacional e de cumprimento das exigências de mercado.

Na prática, o trabalho da Embrapa envolve uma parceria com laboratórios de diagnóstico veterinário, como o Cedisa, analisando milhares de amostras de granjas de todo o país. Utilizando ferramentas como o PCR em tempo real, os pesquisadores detectam patógenos específicos e monitoram padrões epidemiológicos. As “pistas” são mudanças nessas curvas: aumento de positividade, sazonalidade, surgimento em novos estados ou em populações antes negativas. “É um trabalho de inteligência epidemiológica que transforma dados laboratoriais em informação estratégica”, ressalta a Dra. Zanela.

Os resultados já são palpáveis. Em um piloto com o agente da pneumonia enzoótica dos suínos (*Mycoplasma hyopneumoniae*), foram analisadas mais de 230 mil amostras, revelando tendências claras e picos de casos. Esse tipo de dado permite que produtores e veterinários tomem decisões rápidas de prevenção e controle. Ao antecipar riscos, o trabalho da Embrapa protege não só a saúde do plantel, mas também a credibilidade do Brasil como exportador confiável de proteína animal, prevenindo futuras crises sanitárias.

### RESPOSTA GLOBAL E A REGULAÇÃO NACIONAL, UM ESFORÇO COORDENADO.

O esforço brasileiro de vigilância se alinha a uma preocupação global. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) destaca que a gripe aviária, por exemplo, representa uma ameaça significativa à segurança alimentar, aos meios de subsistência e à saúde pública e animal. A disseminação do vírus por aves aquáticas migratórias e sua evolução viral exigem uma abordagem de Saúde Única coordena-

da para prevenção e controle eficazes. A capacidade do vírus de cruzar barreiras de espécies, com transmissões recentes para mamíferos e gado, eleva o risco pandêmico, reforçando a necessidade de ações integradas.

Desde 2004, a FAO tem liderado esforços colaborativos, trabalhando com parceiros como a Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias de Animais Silvestres (CMS) e a Aliança Quadripartite (FAO, OMS, OMSA, PNUMA) para desenvolver sistemas de vigilância e resposta abrangentes. Ferramentas inovadoras, como plataformas geoespaciais de alerta precoce, são desenvolvidas para prevenir surtos e acelerar respostas, mostrando que a prevenção é um investimento que evita perdas catastróficas.

No cenário nacional, a regulamentação do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) complementa essa estratégia de defesa. Agenor Fontoura Marquez, fiscal do MAPA, enfatiza que a restrição aos aditivos antimicrobianos melhoradores de desempenho é uma política de Saúde Única de grande relevância. “Hoje se fala muito sobre a questão da saúde única, integrando a saúde humana, a saúde animal e o meio ambiente. Eu acho que nós temos a parte de produção animal, tem uma contribuição na questão da resistência antimicrobiana, principalmente devido ao uso de aditivos melhoradores de desempenho antimicrobianos, de formas subterapêuticas, dosagens menores, mas que levou uma resistência de bactérias, que causa um efeito, que traz um prejuízo para a saúde humana”, ex-

plica Marquez. Ele destaca que as estimativas de mortes em humanos devido à resistência antimicrobiana são alarmantes, tornando a ação do MAPA uma medida crucial de saúde pública.

Essa política regulatória se conecta diretamente com o Movimento Uso Consciente, Futuro Sustentável, da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). A iniciativa reforça o compromisso do setor de aves, suínos e ovos com o uso responsável de antimicrobianos, alinhado ao conceito de One Health e às melhores práticas internacionais. A ABPA mobiliza empresas, produtores e técnicos para incentivar o uso prudente de antimicrobianos, preservando sua eficácia e evitando riscos de resistência, valorizando a imagem do setor como referência mundial em responsabilidade produtiva.

### SAÚDE INTESTINAL: CONSTRUINDO ANIMAIS RESILIENTES.

Mas monitorar o inimigo não é suficiente. É preciso ter defesas robustas. Se a vigilância é o sistema de alarme, a saúde do próprio animal é a muralha. E essa muralha, segundo a ciência moderna, é construída de dentro para fora, a partir do intestino. A restrição no uso de antimicrobianos melhoradores de desempenho, imposta por órgãos reguladores como o MAPA, impulsionou a busca por alternativas inovadoras, transformando a nutrição animal em uma ferramenta estratégica de biossegurança.

A saúde intestinal e a microbiota – o ecossistema de trilhões de microrganismos que habita o trato digestório – são fundamentais pa- ►

DRA. JANICE ZANELA, DA EMBRAPA SUÍNOS E AVES, E AGENOR FONTOURA MARQUEZ, DO MAPA



ra a resiliência animal. Uma microbiota equilibrada é a primeira linha de defesa contra patógenos, melhora a absorção de nutrientes e fortalece o sistema imunológico. Com a crescente pressão para reduzir o uso de antibióticos, a indústria de nutrição animal tem se reinventado, desenvolvendo soluções que modulam essa microbiota de forma positiva.

Agenor Marquez, do MAPA, destaca essa transição: “A gente estará tendo alguns movimentos de banuições, de proibições de moléculas. Tem uma consulta pública que está vigente agora de importantes moléculas que são utilizadas na alimentação animal. E a gente percebe que tem um movimento, sim, do setor, do setor produtivo, das indústrias de alimentação animal, buscando alternativas.” Ele complementa, com otimismo, que já é possível enxergar o futuro: “A gente já consegue enxergar possibilidades de uso, como você comentou, de probióticos ou outras substâncias, ingredientes, aditivos, que vão manter o desempenho zootécnico, sem trazer resistência, aliados a bem-estar animal, sustentabilidade.”

**ESSA BUSCA** por alternativas tem levado ao desenvolvimento e à aplicação de tecnologias como probióticos, prebióticos, pós-bióticos e aditivos fitogênicos. Essas inovações modulam a microbiota, fortalecem o sistema imunológico dos animais e melhoram a eficiência alimentar, resultando em:



**Redução da necessidade de antibióticos:** Diminuindo a pressão seletiva para o surgimento de bactérias resistentes.



**Melhoria da produtividade:** Animais mais saudáveis e com melhor aproveitamento dos nutrientes.



**Bem-estar animal:** Contribuindo para um ambiente intestinal equilibrado e menos estresse.



**Sustentabilidade:** Com menor impacto ambiental e produtos mais seguros para o consumidor.

O Brasil, sendo um grande ator no mercado global de proteína animal, tem tudo para ser pioneiro nesse campo. “A gente tem tudo para ser pioneiro, sair na frente, usar alternativas que sejam viáveis”, afirma Marquez, reforçando o potencial do país em liderar a produção de alimentos de forma mais responsável e sustentável.

## MÉDICOS-VETERINÁRIOS E ZOOTECNISTAS: AGENTES DE SAÚDE GLOBAL.

Essa estratégia de duas camadas — vigilância e fortalecimento interno — não é por acaso. Ela é a aplicação prática do conceito de Saúde Única, e quem a executa são os profissionais que atuam no campo e na pesquisa, transformando-se em verdadeiros agentes de saúde global.

O papel do médico-veterinário e do zootecnista transcendeu o cuidado individual com o animal. Hoje, eles são peças-chave na intrínca rede de proteção da saúde pública e ambiental. A Dra. Janice Zanela enfatiza a importância dessa atuação: “É fundamental. O médico-veterinário está na linha de frente, pois tem um papel-chave na identificação de doenças e comunicação às autoridades de saúde e na pesquisa. O veterinário não cuida apenas de animais (sendo companhia, produção ou silvestres): ele atua na vigilância de zoonoses, no controle de doenças emergentes, educação sanitária e na proteção de alimentos seguros para consumo humano.”

Comunicar esse papel é crucial para a sociedade. “Mostrar que a saúde animal está intrinsecamente ligada à saúde das pessoas e ao equilíbrio ambiental. O pesquisador da área veterinária hoje é, sim, um agente de saúde global, trabalhando na prevenção de futuras crises sanitárias”, completa a Dra. Zanela, destacando a valorização e a expansão da área de atuação desses profissionais.

Agenor Marquez, do MAPA, reforça a necessidade de conscientização contínua no campo. “Eu acho que o grande papel é levar essa conscientização ao campo. A gente precisa de essa educação continuada, mostrar para o produtor a importância, de respeitar a carência de produto, a forma adequada de uso, a dosagem correta, usar produtos sob prescrição de

médico veterinário, as indústrias também usarem da forma correta aqueles medicamentos, os aditivos.” Para ele, é uma questão de educação: “Então, eu acho que é mais a questão da conscientização, mostrar que isso realmente existe e que é um grande problema em termos de saúde pública.”

Essa atuação multifacetada — desde a pesquisa de ponta e a regulamentação até a aplicação de tecnologias de nutrição e a orientação no campo — demonstra o protagonismo do médico-veterinário e do zootecnista na prática da Saúde Única. Eles são os elos essenciais que conectam a ciência, a produção e a saúde, garantindo que o alimento que chega à mesa seja seguro e que o planeta seja protegido.

## BRASIL NA VANGUARDA DA SAÚDE GLOBAL.

A produção de proteína animal brasileira, longe de ser apenas uma atividade econômica, consolidou-se como um modelo exemplar de aplicação da Saúde Única. Através da combinação estratégica de uma vigilância ativa e de um fortalecimento contínuo da saúde animal, o país se posiciona como uma verdadeira linha de frente na proteção da saúde global.

Os projetos de vigilância da Embrapa, as políticas regulatórias do MAPA e o compromisso da indústria com a inovação em nutrição e o uso responsável de antimicrobianos são pilares que sustentam essa posição. Eles demonstram que o investimento em biossegurança, pesquisa e tecnologias avançadas não é um custo, mas um investimento estratégico que gera segurança alimentar, protege a saúde pública e garante a sustentabilidade do agronegócio brasileiro no cenário mundial.

A Dra. Janice Zanela resume o sentimento de orgulho e responsabilidade que permeia o setor: “Minha mensagem é de reconhecimento e de orgulho. Cada produtor, cada veterinário, cada técnico que participa do diagnóstico e da vigilância é parte essencial de uma rede que protege não apenas a suinocultura, mas a saúde global. Estar nessa linha de frente é uma responsabilidade enorme, mas também um privilégio, porque mostra que o Brasil pode liderar soluções em sanidade animal que impactam positivamente todo o planeta.” ■

# Treinado para ser imbatível em desempenho e rentabilidade



Maior Índice de  
**Eficiência  
Produtiva**



Aumento no  
**Ganho  
de Peso**



Melhora na  
**Conversão  
Alimentar**



Seu negócio está  
preparado para o treino?  
Escaneie e veja  
o Neopigg em ação.



# FEEDIS AMPLIA INVESTIMENTOS E FORTALECE PRESENÇA NOS PRINCIPAIS EVENTOS DO SETOR

*COM FOCO EM CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL, INOVAÇÃO TÉCNICA E MAIOR APROXIMAÇÃO COM OS CLIENTES, A EMPRESA AVANÇA NA EXPANSÃO DE SUAS UNIDADES E REFORÇA SEU PROTAGONISMO NO MERCADO*

**A** Feedis, empresa 100% brasileira especializada em aditivos para nutrição animal, vive um momento de crescimento consistente e de expansão planejada. Em 2025, já devidamente instalados em sua nova sede administrativa em Indaiatuba (SP), um prédio amplo e moderno, a Feedis se prepara para novos passos.

Com presença ativa em diferentes eventos ao longo do ano, reafirma o posicionamento da marca em levar soluções técnicas e inovadoras aos setores de produção animal. No Simpósio Brasil Sul de Suinocultura, por exemplo, a Feedis apresentou um estande inovador e interativo, que chamou atenção pela dinâmica

da “árvore Feedis” – um símbolo da empresa, com frutos representando as soluções em seu portfólio. O espaço se tornou um ponto de encontro para boas conversas, troca de experiências e explicações técnicas, aproximando ainda mais a equipe comercial e técnica dos clientes.

“O simpósio foi uma oportunidade valiosa de estarmos mais próximos do mercado, ouvir as necessidades dos nossos clientes e reforçar a essência da Feedis: oferecer soluções práticas, seguras e tecnicamente consistentes. Esse contato direto é fundamental para continuarmos evoluindo junto com o setor”, destaca Mariane Marques, do Departamento Técnico da empresa.

Além dos investimentos re-



**Fernando Toledano**, CEO da Feedis, **Mariane Marques**, Coordenadora Técnica Comercial da Feedis, e **Silvano Bünzen**, Diretor Técnico da Feedis

lacionados à unidade de Indaítuba, a Feedis mantém o fortalecimento das operações em Campinas (SP) e avança no projeto de uma nova planta no Paraná, já em estágio avançado de desenvolvimento. Essa unidade terá foco na produção da linha de fibras, em especial o FiberPlus, a fibra eubiótica que é referência no mercado e atua de forma inovadora na produtividade e no bem-estar dos animais. A nova planta permitirá ampliar a capacidade produtiva e aproximar ainda mais a empresa dos grandes produtores de proteína animal da região do Sul do Brasil e da América Latina.

“Nosso planejamento é sólido e

de longo prazo. Estamos investindo em tecnologia e expansão para estarmos preparados para um mercado cada vez mais exigente, inclusive no contexto de exportação. O Paraná será um polo estratégico, especialmente para produtos à base de fibras, enquanto nossas unidades de São Paulo permanecem dedicadas à produção de aditivos como glicérides e fitogênicos”, afirma Fernando Toledano, CEO da Feedis.

Para Silvano Bünzen, Diretor Técnico da empresa, os investimentos refletem a visão de manter a técnica como alicerce para soluções realmente eficazes: “Mais do que expandir, nosso objetivo é man-

ter a essência técnica da Feedis. Cada novo investimento é planejado para que possamos continuar desenvolvendo tecnologias aplicáveis, que geram valor real para a produção e que se encaixam no desafio de ser uma alternativa eficiente na melhoria da produtividade e alternativa ao uso tradicional de antibióticos promotores de crescimento.”

Com visão estratégica clara, estrutura fortalecida e um time técnico – comercial alinhado com as necessidades do campo, a Feedis segue firme em seu propósito de crescer com consistência, inovação e proximidade com o cliente, consolidando-se cada vez mais como uma parceira confiável para os desafios atuais e futuros da produção animal. ■



# MILHO: GENÉTICA COLABORA PARA COMPETITIVIDADE GLOBAL

AVANÇOS NO MELHORAMENTO GENÉTICO **IMPULSIONAM A OFERTA DE GRÃOS**, FORTALECEM CADEIAS DE PROTEÍNA ANIMAL E CONSOLIDAM O BRASIL COMO PLAYER GLOBAL DE ALIMENTOS E ENERGIA

**CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br

O milho é uma das principais culturas brasileiras, e os avanços em melhoramento genético têm sido decisivos para o aumento da produtividade e estabilidade, refletindo diretamente na economia do setor. Segundo José Flávio Silva, engenheiro agrônomo, pecuarista e pesquisador, a evolução foi impressionante.

“Eu diria que o aumento da produtividade associada à estabilidade produtiva foram os principais avanços que o melhoramento genético trouxe, não somente para a cultura do milho, mas para todas as consideradas ‘grandes culturas’. No caso específico do milho, saímos de uma produtividade média de pouco mais de 2.000 kg/ha em 1990 para 6.000 kg/ha em 2025 e em alguns casos produtores atingindo produtividade média acima de 10.000 kg/ha. Isso se deve aos avanços nas áreas de manejo, biotecnologia e melhoramento genético. Quando comparamos a área plantada, saímos de 12 milhões de ha para algo próximo a 22 milhões de ha, sendo que a ‘safrinha’ era de apenas 300 mil ha em Paraná e Mato Grosso do Sul.”

O impacto desses avanços vai além da produção. A maior produtividade dos novos híbridos influencia os preços internos e a competitividade do Brasil no mercado internacional de grãos. “O aumento da produtividade e, conseqüentemente, da oferta, pressiona os preços para baixo internamente. Porém, com o crescimento das exportações e a inauguração de novas usinas de etanol, há uma tendência de estabilização dos preços internos. Além disso, a expansão das exportações brasileiras têm um papel relevante na formação dos preços globais.

Devemos também considerar a recuperação de pastagens degradadas, demanda por biocombustíveis e proteína, e expansão da indústria de alimentos, que ampliam as áreas plantadas.”

Outro ponto destacado por José Flávio é a integração entre grãos, etanol e nutrição animal, um verdadeiro “círculo virtuoso” para o setor agropecuário. “No passado, o milho era utilizado apenas como commodity, fonte de energia e silagem para alimentação animal. Hoje, ele é usado também na produção de etanol e proteína animal através de DDG e WDG, criando uma simbiose regional entre agricultores, usinas e pecuaristas. Mais milho gera mais etanol, mais DDG/WDG, aumentando a pecuária intensiva e elevando a demanda por mais grãos.”

Esse efeito se reflete diretamente no desempenho econômico das cadeias de carne, leite e ovos, elevando a eficiência e a sustentabilidade. “O aumento da produtividade do milho, aliado a biotecnologia e manejo, aumenta o número de usinas e a disponibilidade de fontes de energia e proteína para a alimentação animal, permitindo uma pecuária mais intensiva. A suplementação de bezerros a pasto aumenta a eficiência de kg produzidos; a recria intensiva reduz pela metade o tempo da recria; e a terminação intensiva expande a produção de arrobas por hectare, tornando a atividade mais eficiente e sustentável.”

Além disso, o melhoramento genético atua como ferramenta de mitigação de riscos climá-

ticos e biológicos, oferecendo maior previsibilidade ao mercado. “Vivemos em um país tropical, com desafios como seca, excesso de chuva, pragas e doenças. O melhoramento genético, a biotecnologia e boas práticas de manejo contribuem para a estabilidade produtiva dos híbridos, garantindo maior resiliência da cultura, produtividade e previsibilidade. Isso beneficia produtores, pecuaristas, usinas e fortalece a posição do Brasil como fornecedor confiável de grãos no cenário global, tudo com foco em sustentabilidade e eficiência.”

Para o pesquisador, “essa estratégia reforça o Brasil como referência mundial em alimentos, energia limpa e preservação ambiental, mostrando que a inovação genética é um pilar fundamental para o agro do futuro”, encerra. ■



**JOSÉ FLÁVIO SILVA:** “A INOVAÇÃO GENÉTICA TRANSFORMA O MILHO EM UMA CULTURA MAIS PRODUTIVA, RESILIENTE E ESTRATÉGICA PARA MERCADOS INTERNO E EXTERNO”

# OVOS DE ALTA QUALIDADE EM TEMPOS DE DESAFIOS AMBIENTAIS: A SOLUÇÃO NATURAL COM PHYTOCEE®

*DESBLOQUEIE O PODER DOS FITOGÊNICOS – COMO O PHYTOCEE® FORTALECE A PRODUÇÃO DE OVOS FRENTE AO ESTRESSE TÉRMICO E AOS DESAFIOS DA POSTURA COMERCIAL*

POR ÁGATA CLÉCIA DA SILVA

Comemora-se no dia 10 de outubro, o Dia do Ovo, símbolo universal de nutrição, saúde e versatilidade alimentar. Mas por trás de cada ovo de qualidade, há um sistema produtivo que enfrenta desafios crescentes – especialmente em épocas de altas temperaturas, como as que se aproximam. A avicultura de postura, sensível às variações ambientais, exige soluções que vão além da nutrição básica.

O estresse térmico é um dos principais inimigos silenciosos da produtividade avícola. Estudos indicam que ele pode reduzir em até 30% o desempenho das aves, comprometendo a imunidade, a digestibilidade e, consequentemente, a qualidade dos ovos. Esses fatores, não afetam apenas a qualidade do produto final, mas também resultam em perdas econômicas significativas para os produtores devido ao descarte e a redução do shelf life dos ovos.

A resposta fisiológica ao estresse – mediada pelo eixo hipotálamo-pituitária-adrenal (HPA) – leva ao aumento de corticosterona, que afeta diretamente a produção de proteínas essenciais, como anticorpos e enzimas. O resultado? Ovos com casca mais frágil, menor frescor e maior vulnerabilidade a perdas durante o transporte.

É nesse cenário que o Phytocee® se destaca como um aliado estratégico para promover o bem estar

das aves e a qualidade dos ovos.

O Phytocee® foi desenvolvido com base em adaptógenos naturais proveniente de extratos botânicos cuidadosamente selecionados, atua justamente nesse ponto crítico. Ele promove uma resposta avançada ao estresse chamada heterostase, que vai além da simples homeostase. Ao bloquear receptores de estresse e modular enzimas envolvidas na ativação do cortisol, o Phytocee® reduz os níveis de corticosterona, protegendo o eixo intestino-cérebro e fortalecendo a imunidade das aves.

Os resultados práticos são expressivos. Ensaio realizados em diferentes condições e linhagens demonstraram que o uso do Phytocee®:

- Pode favorecer o aumento da espessura da casca dos ovos;
- Tende a melhorar a Unidade Haugh;
- Estimula uma maior produção de ovos por ave/dia;
- Pode contribuir para a redução da mortalidade;
- Favorece o aumento da proporção de ovos de categoria superiores, valorizando comercialmente o produto final.

Além disso, o Phytocee® otimiza parâmetros imunológicos como atividade de lisozima, proliferação de linfócitos e níveis de neopterina – biomarcador da ativação imunoló-

gica – mesmo sob estresse térmico. Isso significa que as aves não apenas produzem mais, mas também se mantêm mais saudáveis e resilientes.

Em um momento em que os efeitos das mudanças climáticas se tornam cada vez mais evidentes na produção animal, investir em soluções naturais e cientificamente validadas é uma decisão estratégica. O Phytocee® já conta com mais de 45 estudos científicos, incluindo ensaios de campo, in vivo e in vitro, publicados por universidades globais, que atestam sua eficácia e segurança em diversas condições e linhagens de aves ao redor do mundo.

Neste Dia do Ovo, celebramos não apenas o alimento, mas também a ciência e a inovação que tornam possível sua produção sustentável e de alta qualidade. O Phytocee® representa essa nova era da avicultura – onde saúde, produtividade e bem-estar caminham juntos, mesmo diante dos desafios ambientais.

**Phytocee® – da folha à vida, da ciência à produção. Para saber mais, consulte o nosso departamento técnico. ■**

*Ágata Clécia da Silva,  
Coordenadora  
Técnica  
Comercial Jr.  
– Nutrição  
Animal*



# SUSTENTABILIDADE E LUCRATIVIDADE: A ENERGIA FOTOVOLTAICA REDEFININDO O CENÁRIO AVÍCOLA

RODRIGO GARÓFALO GARCIA,  
VIVIAN APARECIDA RIOS DE CASTILHO HEISS  
E ARIEL ANTONIO MENDES

A avicultura brasileira consolidou-se como um dos pilares mais dinâmicos e estratégicos do agronegócio mundial, reconhecida por sua eficiência e pela capacidade de atender à crescente demanda global por proteína animal. Contudo, essa intensificação produtiva e a busca por sistemas de controle ambiental cada vez mais sofisticados em aviários de frangos de corte trouxeram um desafio inerente: o expressivo consumo energético. Sistemas de climatização, ventilação, iluminação programada e automação operam continuamente, gerando custos operacionais substanciais e uma pegada de carbono que exige atenção no atual cenário de conscientização ambiental. Nesse contexto, a energia fotovoltaica emerge não apenas como uma tendência global, mas como uma solução disruptiva e estratégica para a sustentabilidade econômica e ambiental do setor.

A energia fotovoltaica consiste na conversão direta da luz solar em eletricidade por meio de células semicon-





dutoras presentes nos painéis solares. Esses painéis geram corrente contínua (CC), que é então convertida em corrente alternada (CA) por inversores, tornando-a compatível com a rede elétrica da propriedade e os equipamentos dos aviários. A sinergia entre a demanda energética dos aviários e o ciclo de geração solar é notável. Equipamentos como exaustores, ventiladores e sistemas de resfriamento demandam mais energia durante o dia, período de máxima irradiação solar e, consequentemente, de maior produção elétrica fotovoltaica. Essa correspondência de perfis de consumo e geração maximiza a autossuficiência energética da propriedade. Os sistemas podem ser conectados à rede elétrica (on-grid), permitindo que o excedente de energia gerado seja injetado na rede e convertido em créditos que podem ser utilizados posteriormente, inclusive em horários noturnos ou em dias de menor insolação. Alternativamente, podem ser sistemas autônomos (off-grid), que incluem baterias para armazenamento, ideais para locais com acesso precário à rede ou para quem busca total independência.

Embora o investimento inicial em um sistema fotovoltaico possa parecer significativo, a análise de longo prazo revela uma notável e incontestável viabilidade econômica para operações com alta demanda energética. A instalação de sistemas fotovoltaicos em aviários pode reduzir drasticamente os custos com energia elétrica, chegando a uma economia de 90% a 95%. Esse benefício financeiro, aliado à redução da pegada de carbono, configura um forte argumento econômico e ambiental.

O retorno do investimento é atrativo, com prazos de payback que variam de três a seis anos, dependendo da tarifa de energia local e da irradiação solar. Especificamente, para investimentos realizados com recursos próprios, o período de retorno pode ser de aproximadamente três anos e meio a quatro anos, estendendo-se para quatro a cinco anos quando há financiamento. Considerando que a vida útil dos painéis solares é de 25 a 30 anos com degradação mínima de desempenho, isso garante décadas de energia praticamente gratuita, tornando a propriedade mais resiliente a crises energéticas e valorizando sig-

nificativamente o patrimônio rural.

A adoção da energia fotovoltaica na avicultura transcende a mera otimização de custos, representando um salto qualitativo em termos de sustentabilidade e responsabilidade ambiental. Ao substituir a energia convencional por eletricidade gerada a partir do sol, o avicultor contribui diretamente para a redução das emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), um dos principais gases de efeito estufa. Um sistema fotovoltaico típico para um aviário de médio porte pode evitar a emissão de várias toneladas de CO<sub>2</sub> por ano, o que equivale ao plantio de centenas de árvores. A produção de energia solar é inerentemente limpa: não gera resíduos poluentes, não demanda grandes quantidades de água para operação (contrário de hidrelétricas ou termelétricas) e minimiza a necessidade de grandes impactos ambientais associados à construção de novas infraestruturas de geração e transmissão de energia em larga escala. Essa iniciativa está em perfeita consonância com diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, alinhando-se diretamente com o ODS 7 (Energia Limpa e Acessível) e o ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima).

A energia solar confere à avicultura uma importante dimensão de sustentabilidade ambiental e agrega valor ao produto final, diferenciando o frango brasileiro no mercado global. Frangos produzidos com energia solar podem ser comercializados com selos de “produção limpa” ou “carbono neutro”, o que melhora a percepção de qualidade e ética por parte do consumidor. Este fator é particularmente relevante em mercados exigentes, que estão cada vez mais atentos às práticas sustentáveis nas cadeias de suprimentos e que, por meio de iniciativas como o “Acordo Verde Europeu”, preveem barreiras não-tarifárias para produtos com alta pegada de carbono. A carne de frango brasileira, já líder em exportações, pode consolidar sua posição ao demonstrar compromisso com a produção sustentável de ponta a ponta, oferecendo um argumento poderoso para distribuidores e compradores internacionais que buscam fornecedores alinhados com suas metas ESG (Ambiental, Social e Governança).

A implementação de sistemas ►

fotovoltaicos requer considerações cruciais para garantir sua máxima eficiência e longevidade. O dimensionamento técnico especializado é vital, exigindo uma análise aprofundada do consumo médio mensal da propriedade, da idade de abate do lote, das características dos aviários, do tipo de equipamentos de climatização, alimentação e iluminação, e da demanda de outras estruturas da granja. A escolha do local de instalação dos painéis solares é outro fator crítico. Existem duas modalidades principais: a instalação em telhados e a instalação em solo. Para aviários novos ou em fase de construção, a integração dos painéis nos telhados pode ser planejada desde o projeto, garantindo que a estrutura do telhado seja dimensionada para suportar o peso adicional e as cargas de vento, otimizando o uso do espaço e proporcionando uma solução esteticamente integrada. Em estados como São Paulo, onde a disponibilidade de áreas adjacentes às granjas é frequentemente menor, esta tem sido a opção predominante. Por outro lado, para aviários mais antigos, a instalação no telhado pode apresentar riscos significativos devido à potencial inadequação estrutural. Nesses casos, a instalação em solo, em uma área adjacente à granja, é fortemente recomendada. Embora possa representar um custo inicial de implantação ligeiramente superior, essa modalidade facilita substancialmente as atividades de manutenção e, principalmente, a limpeza periódica dos painéis, aspecto crucial para a otimização da geração. Em regiões com maior disponibilidade de áreas ao redor dos aviários, como é o caso de Mato Grosso do Sul, tem-se dado prioridade a esta modalidade.

A manutenção da eficiência do sistema fotovoltaico está diretamente ligada à limpeza regular dos painéis. O acúmulo de poeira, sujidade ou dejetos de aves pode reduzir significativamente a capacidade de geração de energia das placas, comprometendo o desempenho do sistema e o retorno financeiro esperado. A facilidade de acesso para limpeza é, portanto, de suma importância. É fundamental ressaltar que já existem equipamentos que realizam essa limpeza de forma automatizada, eliminando a necessidade de o avicultor subir no telhado e, as-

sim, mitigando sérios riscos de queda. Além disso, a aquisição de painéis com certificação INMETRO é fundamental para garantir a qualidade e a segurança do equipamento, e a escolha de um fornecedor que ofereça um suporte técnico de pós-venda robusto é crucial para a durabilidade e o bom funcionamento do sistema ao longo de sua vida útil.

Apesar dos benefícios claros, a implantação de sistemas fotovoltaicos em aviários enfrenta desafios. O processo de homologação junto às concessionárias, embora tenha melhorado, ainda pode ser um gargalo. Em algumas regiões, concessionárias de energia podem não estar plenamente adaptadas para a recepção do excesso de energia gerada, podendo gerar picos de voltagem e riscos aos equipamentos da granja, ou até mesmo restrições para novos projetos. A escassez de mão de obra especializada no interior também pode ser um fator limitante. Contudo, esses desafios são superados pelas vastas oportunidades.

O Brasil oferece diversas linhas de crédito e programas de incentivo à energia renovável, especialmente para o setor rural, como as oferecidas por instituições como Banco do Brasil e Scred, e programas como FCO (Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste) e Pronaf Eco. Ainda há o sistema de compensação de energia elétrica regulamentado pela ANEEL, que permite que a energia excedente gerada seja injetada na rede e transformada em créditos que podem ser utilizados em até 60 meses. O avanço tecnológico na área de energia solar, aliado a esses incentivos, torna a energia solar uma solução cada vez mais acessível e viável para o setor avícola.

Em última análise, a integração da

energia fotovoltaica nos aviários de frangos de corte vai muito além da simples substituição de uma fonte de energia convencional por uma alternativa renovável. Trata-se de uma transformação estratégica que não apenas impulsiona a sustentabilidade ambiental, mas também otimiza a eficiência operacional e fortalece a competitividade do setor avícola brasileiro no cenário global. O Brasil, com sua abundante radiação solar e um setor avícola de vanguarda, está em uma posição privilegiada para liderar essa revolução energética.

A utilização de energia solar pode não apenas garantir uma maior autossuficiência energética para as propriedades rurais, mas também abrir portas para novos mercados, ampliando as exportações e consolidando a imagem do frango brasileiro como produto de alta qualidade e responsabilidade ambiental. Para que esse futuro se materialize de forma plena, é necessário enfrentar os desafios estruturais e operacionais do setor com planejamento robusto, adoção de tecnologias avançadas e a integração de soluções complementares, como a automação inteligente.

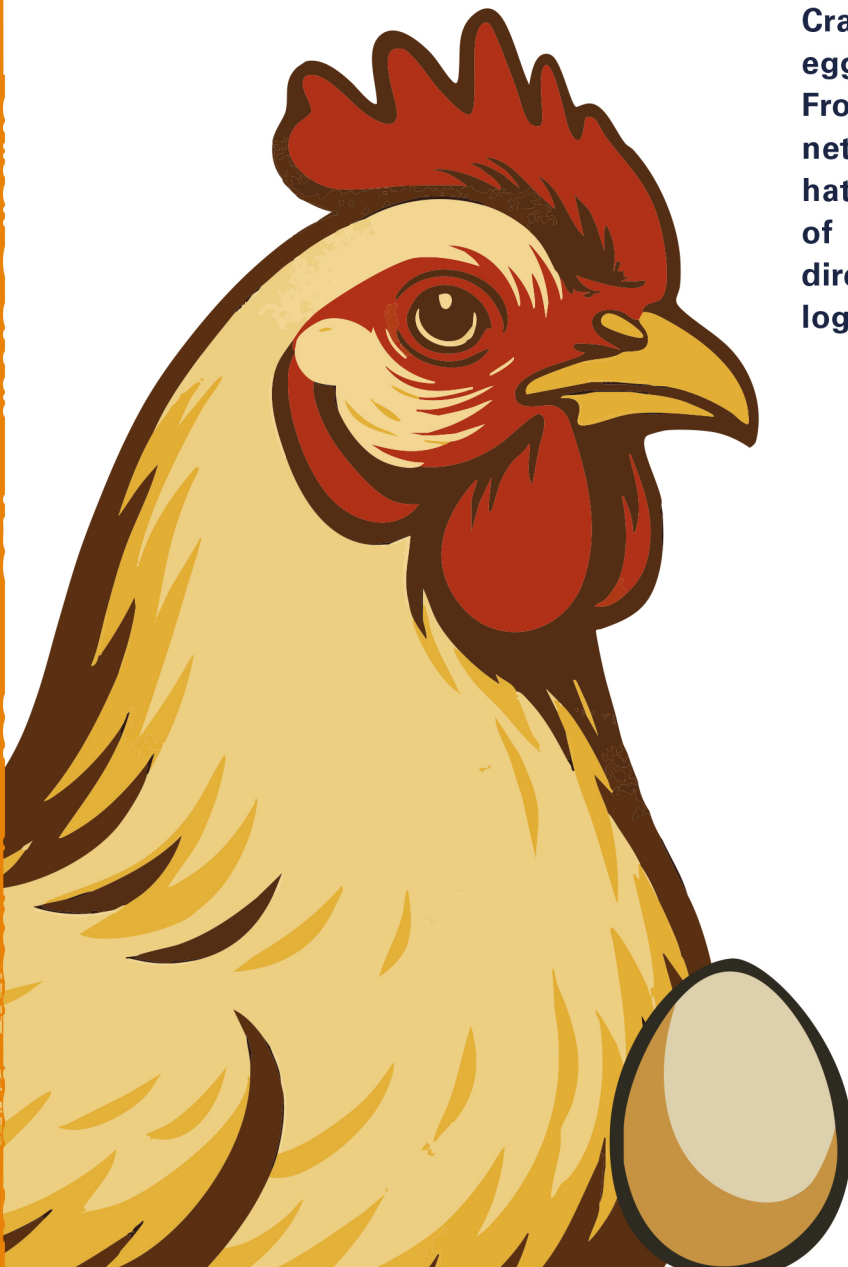
A energia fotovoltaica representa um investimento estratégico que moderniza a infraestrutura avícola, proporciona maior autonomia energética, protege o produtor das flutuações tarifárias e eleva o patamar de sustentabilidade e competitividade da produção de frangos de corte no Brasil, assegurando sua resiliência a longo prazo. O futuro da avicultura não é apenas movido a energia solar, ele é, de fato, movido pela visão de um agronegócio mais eficiente, mais sustentável e, inegavelmente, mais competitivo. ■



**RODRIGO GARÓFALLO GARCIA** E **VIVIAN APARECIDA RIOS DE CASTILHO HEISS**, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD). **ARIEL ANTONIO MENDES**, DA FUNDAÇÃO DE APOIO À CIÊNCIA E TECNOLOGIA ANIMAL (FACTA)

# DRIVEN BY GENETICS

**IPPE LAYS SOLUTIONS AT YOUR FEET**



Crack open the future of poultry, egg, feed and meat innovation! From game-changing tech to global networking, this is where ideas hatch and you discover thousands of innovations for your business directed at bird health, housing, logistics, packaging and more.



**Jan. 27 - 29, 2026**  
ATLANTA, GA

**MAKE PLANS & JOIN US**

**BE SURE TO REGISTER AT  
[IPPEXPO.ORG](http://IPPEXPO.ORG)**

SUÍNOS

# FOODSERVICE: O PRÓXIMO GRANDE SALTO PARA A CARNE SUÍNA

## SETOR DE FOODSERVICE OFERECE OPORTUNIDADES ESTRATÉGICAS PARA A SUINOCULTURA, QUE PRECISA SE ADAPTAR A NOVAS DEMANDAS DE **EFICIÊNCIA, PADRONIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA DO CONSUMIDOR**

**CAMILA SANTOS, DE BENTO GONÇALVES (RS)**  
camila@dc7comunica.com.br

O setor de foodservice é, para especialistas, um verdadeiro campo de oportunidades para a suinocultura. Com demanda crescente por produtos de qualidade, previsibilidade e rastreabilidade, grandes redes e restaurantes têm se tornado parceiros estratégicos de produtores que conseguem alinhar produção, sustentabilidade e atendimento aos padrões internacionais.

De acordo com Romeu Bellon, especialista em compras e supply chain, compreender as tendências do setor e as expectativas do consumidor é essencial para que a suinocultura se adapte e aproveite oportunidades estratégicas. “Foodservice no Brasil movimentou R\$ 166 bilhões em 2023, com crescimento mesmo em um cenário pós-pandemia. É um mercado que representa entre 2,3% e 2,7% do PIB nacional, com cerca de 6 milhões de empregos diretos. E estamos falando de oportunidades reais para a cadeia suína”, explica Romeu.

Ele destaca que a pandemia acelerou a digitalização, reforçando a importância de operações multicanais e a integração entre lojas físicas e plataformas digitais. “O delivery cresceu significativamente, mas trouxe desafios de margem. Para atender às demandas, foi necessário reinventar processos, reduzir custos e manter a qualidade do produto”, afirma.

O especialista ressalta a relevância da experiência do consumidor, que vai além do sabor. “A geração Z, por exemplo, busca conveniência, personalização e rapidez. Mas também valoriza aspectos nutricionais e sustentabilidade, como mostram pesquisas do Instituto de Nutricionismo de Brasília:

78% se preocupam com a saúde e 65% com a sustentabilidade hídrica”.

No caso específico da suinocultura, ele aponta que a adaptação passa pelo desenvolvimento de produtos padronizados, seguros e com rastreabilidade, capazes de atender grandes redes. “A carne suína precisa se alinhar com requisitos de qualidade, embalagem, conservação e distribuição. Só assim é possível integrar esse alimento a menus diversificados e manter consistência em todos os pontos de venda”, observa.

Outro ponto destacado é a importância da inovação. “Criar novos modelos de negócios, como cozinhas centrais para distribuição de produtos prontos ou saudáveis, permite atender nichos específicos e expandir canais de venda. A suinocultura deve pensar assim, de forma estratégica e adaptativa”, completa.

Além de eficiência e tecnologia, Romeu reforça o papel das pessoas. “Sem equipes treinadas e engajadas, nenhuma estratégia funciona. A gestão de talentos, capacitação e cultura organizacional são fatores-chave para entregar a experiência que o consumidor espera”, acrescenta.

O especialista também ressalta a importância de construir cadeias resilientes e até “antifrágil”, ou seja, capazes de se fortalecer frente a crises e mudanças de mercado. “Não basta resistir aos problemas; é preciso aprender com eles e evoluir continuamente. Isso vale para toda a cadeia, da produção à entrega no ponto de venda”.

Para o setor de suinocultura, o caminho está claro: integrar eficiência operacional, tecnologia, qualidade padronizada e experiência do consumidor. O foodservice oferece um ambiente estratégico de crescimento, des- ▶



**ROMEUBELLON** É ESPECIALISTA EM COMPRAS E SUPPLY CHAIN

de que as empresas estejam preparadas para inovar, adaptar-se rapidamente e garantir a consistência de seus produtos em todas as etapas da cadeia. “É um mercado dinâmico, exigente e repleto de oportunidades. Quem entender os novos hábitos de consumo, investir em tecnologia e fortalecer a cadeia de suprimentos estará à frente. Para a suinocultura, é o momento de se posicionar com inteligência, qualidade e inovação”, conclui Romeu

**UM CAMPO REPLETO DE OPORTUNIDADES.** O foodservice — entendido como toda a alimentação fora do lar — é um campo estratégico com particularidades entre grandes redes e pequenos estabelecimentos. “As grandes redes, como o McDonald’s, são muito mais exigentes. Elas possuem compromissos com bem-estar animal, desmatamento e sustentabilidade. Lideram as tendências do mercado e é melhor estar com o líder do que ser liderado”, afirma Daniel Boer, expert global em proteína animal e agronegócio sustentável.

Para ele, o diferencial competitivo dos fornecedores brasileiros está justamente na complexidade do mercado interno. “É um mercado difícil de entrar, mas quem consegue liderar, se destaca globalmente. E isso se aplica ao fornecimento de carne suína”, reforça. Entre os fatores valorizados pelas grandes redes estão a previsibilidade de preço, a padronização do produto e a fidelidade do fornecedor. “Você pode ter o melhor preço, mas se não houver previsibilidade e padronização, você não entra nesse jogo”, explica.

Apesar de ter enfrentado desafios, o profissional compartilha seu sonho de inserir carne suína brasileira no sistema global do McDonald’s. “Desenvolvemos o pork sausage usado no café da manhã nos Estados Unidos, mas quase conseguimos colocar carne suína brasileira. É uma oportunidade enorme ainda não explorada”, revela.

Ele também chama atenção para a importância do consumidor na construção do mercado. Diferentes gerações enxergam valor de forma distinta: “Meu filho compra um pote de melancia de 400 gramas por 18,80 reais. Para meu pai, era impensável. Isso mostra como o consumidor moderno valoriza conveniência,



**DANIEL BOER** É EXPERT GLOBAL EM PROTEÍNA ANIMAL E AGRONEGÓCIO SUSTENTÁVEL

enquanto os mais velhos privilegiam custo. Precisamos entender essas tendências para oferecer produtos que conversem com o público”, comenta.

Boer reforça que ESG (ambiental, social e governança) e rastreabilidade se tornaram exigências estratégicas no foodservice. Ele cita experiências de desmatamento e uso de antibióticos, destacando que a comunicação clara sobre práticas responsáveis é essencial. “Se não contarmos nossa história, alguém contará de forma errada. Rastreabilidade é sobre aproximar o consumidor do campo, mostrando sanidade, bem-estar e qualidade”, alerta.

O especialista também aponta desafios logísticos. A produção de hambúrguer suíno, por exemplo, exige plantas processadoras capazes de atender padrões internacionais de validade e qualidade. “Nos Estados Unidos, plantas de cozido garantem até quatro meses de shelf life, algo que ainda precisa avançar no Brasil”, observa.

Eventos como a Churrascada, em São Paulo, mostram a abertura do mercado brasileiro para a carne suína. “Vi estações inteiras com produtos suínos,

de farofa de torresmo a matambrito. É uma demonstração de como a carne suína pode ser valorizada no consumo direto e no foodservice”, comenta.

Com ampla experiência em exportação, Boer ressalta a complexidade do mercado global, mas também as oportunidades. “O Japão compra burger suíno dos Estados Unidos, e há espaço para produtos brasileiros, desde que haja qualidade, rastreabilidade e comunicação eficiente”, explica.

Para ele, a conexão entre produtor e consumidor final é fundamental para expandir a presença da carne suína no foodservice. “Cada vez o consumidor sabe menos do campo. Precisamos contar nossa história, desde a produção responsável até o prato no restaurante, para construir confiança e valor agregado”.

Assim, segundo Daniel Boer, o foodservice representa um canal de vendas e uma oportunidade estratégica para posicionar a carne suína brasileira como produto de excelência no mercado global, alinhado a tendências de sustentabilidade, rastreabilidade e experiência do consumidor. ■

# MERCADO DE SUÍNOS CONTINUA INSTÁVEL NOS PREÇOS

O mercado de suínos no Estado de São Paulo segue apresentando instabilidade nos preços. Essa oscilação tem alimentado um ambiente de especulação, resultando em variações que nem sempre refletem os fundamentos reais de mercado.

Nos últimos meses, observa-se uma escassez de animais vivos para atender à demanda do mercado de abate. Apesar disso, o peso médio dos suínos que compõem a Bolsa de Suínos de São Paulo tem se mantido constante, variando entre 117 e 120 kg de peso vivo.

No cenário externo, as exportações brasileiras de carne suína vêm apresentando desempenho recorde em 2025, tanto em volume quanto em valor, superando os números do mesmo período do ano anterior.

Diante desse quadro, surge o questionamento: por que os preços do suíno vivo seguem pressionados, mesmo com fundamentos positivos? Entre as possíveis explicações estão:



Uma redução momentânea no consumo interno;



Preços domésticos menos competitivos frente ao mercado externo;



Ou ainda uma "guerra comercial" entre frigoríficos, atacadistas e varejistas, que buscam margens menores e preços mais atrativos ao consumidor final.

As próximas semanas serão decisivas para entender se a pressão sobre os preços será passageira ou se reflete uma tendência de ajuste mais duradoura no setor.

# TERCEIRIZAR A GESTÃO DA FAZENDA DE PECUÁRIA É VIÁVEL?

FEED&FOOD MOSTRA DOIS *CASES* BEM-SUCEDIDOS. **MODELO, NO ENTANTO, EXIGE CONFIANÇA** E PARTICIPAÇÃO DO PROPRIETÁRIO NAS DECISÕES

**ARIOSTO MESQUITA, DE CAMPO GRANDE (MS)**

Especial para a Feed&Food - ariostomesquita@gmail.com

**T**er a fazenda “na mão” era coisa rara na pecuária brasileira e hoje passou a ser exigência diante dos novos desafios para se manter na atividade. No entanto, trilhar o caminho para o estabelecimento de processos de administração corporativa, planejamento estratégico e controle sobre indicadores de desempenho, quase sempre ficou longe da expertise dos pecuaristas. Uma das alternativas que ganhou corpo nas últimas décadas é a contratação de serviços de consultoria técnica. No entanto, alguns proprietários estão apos-

tando em uma gestão terceirizada total, seja por falta de mão-de-obra especializada no campo, pelo aumento da complexidade da atividade (fortes exigências ambientais, tecnológicas, sanitárias e de mercado, por exemplo) ou por decisão de herdeiros, muitos com outras atividades nas cidades.

Esta terceirização administrativa foi o caminho adotado, por exemplo, pelo Grupo FA Agro, com sede em Naviraí (MS) e fazendas no Paraguai e Brasil. “A decisão veio a partir de uma necessidade que a gente tinha em ter acesso a métodos e controle sobre números e indicadores. Para isso, decidi-

mos profissionalizar o negócio”, conta o proprietário José Henrique Fabris Albuquerque, hoje aos 34 anos. A contratação de uma gestão externa total teve início em 2020 com quatro fazendas. Atualmente são seis, sendo três no país vizinho. Por questões de segurança, ele não revela as localizações e os nomes. “Nem placas de identificação coloco nos acessos”, avisa.

Atualmente, as propriedades do Grupo estão inseridas no Programa de Recuperação Gerencial (PRG), modelo de terceirização da gestão de fazendas construído pela Terra Desenvolvimento Agropecuário, empresa com



atuação no Brasil, Paraguai e Bolívia.

“Partimos de uma situação complicada financeiramente, com déficit de caixa e endividamento. Trabalhamos na reorganização da gestão, no fortalecimento dos processos e na estruturação administrativa. A diretoria participa ativamente das decisões, e cada etapa é definida em conjunto com a família, garantindo alinhamento e continuidade. A terceirização da gestão só alcança qualidade e sucesso com a participação do dono”, observa Rodrigo Patussi, sócio-diretor da Terra, que mantém, junto ao Grupo FA, um líder de projeto (Sidney de Souza), um gerente de operação (Laércio Guimarães) e um assessor de gestão (Ramon Dall’Agnol).

Nestes cinco anos, segundo informações da Terra, a evolução foi consistente. O rebanho total saiu de 15.778 para 20.750 cabeças (+31,5%), a produção (@/ha) evoluiu de 2,90 para 3,58 (+ 23,4%) e os animais comercializados saltaram de 3.161 para 6.851 bovinos (+ 116,7%). Considerando que boa parte das terras estão no Pantanal e no Chaco (ambientes com vários limitantes para a atividade), alguns números, ainda que aparentemente de baixo desempenho, não devem ser desconsiderados. É o caso da taxa de desmame que aumentou de 50,4% para 61,9% (+ 22,8%).

“Hoje o José Henrique está muito mais dentro do negócio da pecuária graças aos números que ele têm disponível. Estas informações permitem a ele projetar e planejar novos investimentos. Considero que, produtivamente, houve um avanço significativo, apesar do período pecuário ruim nos últimos três anos, com baixa no preço da arroba e desafios climáticos. Apesar disso, percebo que o Grupo FA está disposto a avançar, possivelmente concentrando sua expansão no Brasil”, avalia Patussi.

O proprietário, por sua vez, dá sinais de que não vai mudar o time gestor: “Por enquanto não há perspectiva de mudança no modelo administrativo. Vamos manter esta terceirização que nos permite continuar lá dentro do negócio, supervisionando e tomando a decisão final. Nada é feito à nossa revelia”, observa.

Segundo ele, as grandes mudanças aconteceram a partir da profissionali-



zação de sistemas: “No meio rural isso é muito difícil pois exige um rígido acompanhamento. Mas a gestão conseguiu avançar em protocolos de trabalho, como em qualquer empresa. Alguns foram criados, outros já existiam mas não funcionavam adequadamente. Creio que este modelo possa crescer em adoção. Na medida em que as margens tendem a ser cada vez menores e ajustadas há uma forte demanda por expertise e controle”.

**RECONSTRUÇÃO.** Quem também optou pela terceirização foi o Grupo Virginia, com sede em Maringá, PR, cuja atividade principal é a distribuição de bebidas e alimentos atendendo mais de 150 cidades paranaenses. Até 2021 mantinha, sob arrendamento, a Fazenda Estância Nova, em Rio Verde de Mato Grosso, em Mato Grosso do sul (hoje com atividade prioritariamente de cria com compras, produzindo animais Nelore e meio sangue Angus/Nelore). Com o final do contrato, o grupo, capitaneado pelo empresário Waldeimar Buosi, resolveu avaliar que rumo dar ao ativo de 10.700 hectares, com grande parte das terras dentro do bioma Pantanal (região peripantaneira).

“A propriedade tinha como propósito gerar dinheiro, mas estava estagnada, com boa parte das terras em processo de degradação. Primeiramente a empresa nos procurou para que apresentássemos um plano de negócio. Demos as opções de venda, arrendamento e investimento/trabalho, sendo esta última a escolhida. No decorrer do processo, o grupo decidiu terceirizar a gestão co-

**RODRIGO PATUSSI:**  
“RESPEITO DA EQUIPE ADMINISTRATIVA EM RELAÇÃO AOS OBJETIVOS E CULTURA DOS PROPRIETÁRIOS”



**GUILHERME MALAFAIA:**  
“MODELO EXIGE ESCOLHA CRITERIOSA DA EMPRESA PARCEIRA”

nosco”, conta Patussi, que destinou Sidney de Souza como líder de projeto e Ramon Dall’Agnol na assessoria de gestão (os

mesmos do Grupo FA Agro), além de Raphael Viotti como gerente de operação.

O trabalho, segundo ele, foi bastante intenso e de forte amplitude: “Fizemos praticamente um processo de construção, com a recuperação/formação de áreas e obras de instalações como curral, casas para funcionários, refeitório, alojamentos, aeródromo e novas cercas”.

De lá pra cá, os investimentos do grupo na propriedade, segundo a Terra Desenvolvimento, somaram R\$ 18,5 milhões em ampliação do rebanho (compra de 8.795 cabeças) e R\$ 12 milhões em infraestrutura, incluindo a formação de pastos. Junto ao processo gerencial, o aporte permitiu avanços significativos entre 2021 e 2025 considerando alguns dos principais indicativos: a taxa de desmame subiu de 49,10% para 70,20% (+ 43%); a produtividade (@/ha) avançou de 1,32 para 3,19 (+ 141,7%) e o resultado operacional cresceu de R\$ 179,52/ha para R\$ 273,81/ha (+ 52,5%).

Além da nova dinâmica traduzida pelos indicadores, tanto o grupo quanto a empresa gestora comemoram a evolução do valor patrimonial da propriedade. A Terra calcula uma valorização de 190,1% em quatro anos (considerando terra, rebanho e maquinário). “Além do ganho produtivo houve uma forte elevação do valor do ativo. Nenhuma aplicação financeira daria esta mesma resposta”, avalia Patussi.

O proprietário, Waldemar Buosi, faz uma leitura ainda mais otimista. ►

ta: “No Brasil, as propriedades rurais tiveram uma valorização média de cerca de 115% no período entre 2021 e 2025. A Estância Nova, no entanto, apresentou um desempenho muito acima da média, alcançando uma valorização de aproximadamente 285% no mesmo intervalo”. Ele também considera a que a terceirização permite que o grupo se dedique a outros trabalhos ao mesmo tempo em que mantém uma atividade rentável no campo: “Conseguimos otimizar tempo e energia para focar em outros negócios sem perder a tranquilidade e com a certeza de que a propriedade está sendo bem conduzida”.

Além de elevar a rentabilidade e valorizar o ativo, Buosi cita como vantagens da terceirização bem-sucedida a profissionalização da gestão, o domínio sobre dados e números além da adoção de novas tecnologias e de boas práticas de manejo. Por outro lado, faz um alerta a quem pretende seguir o mesmo caminho: “O produtor precisa confiar na equipe de gestão terceirizada, manter alinhamento de expectativas e acompanhar resultados periodicamente. Não funciona simplesmente entregando a chave para outro. O processo exige parceria, confiança e transparência”.

Buosi considera que a decisão foi acertada: “Nosso principal foco ao terceirizar a gestão foi profissionalizar a administração da propriedade rural, trazendo mais eficiência técnica, organização de processos e visão estratégica de médio e longo prazo. Paralelo a isso, buscamos aumentar a produtividade, valorizar o ativo e garantir uma condução alinhada às melhores práticas de mercado. Esses objetivos foram conquistados”.

Por enquanto, o proprietário pretende manter a gestão terceirizada, mas não descarta novos rumos mais à frente: “Naturalmente, como em qualquer ativo relevante, permanecemos atentos às condições de mercado e às melhores oportunidades que possam surgir. Até o momento, a continuidade do projeto é a opção mais racional, mas mantemos abertura para avaliar alternativas que fortaleçam a valorização construída até aqui”.

**COMO FUNCIONA.** Os modelos de gestão terceirizada variam muito em função dos mecanismos oferecidos pelas empresas especializadas e a realidade de

## EVOLUÇÃO DE INDICADORES DA FAZENDA ESTÂNCIA NOVA 2021/2025

Informações produtivas	Inicial	Atual	Variação	
Rebanho total em cabeças	1.727	6.054	4.327	250,6%
Rebanho de matrizes cabeças	1.003	2.998	1.995	198,9%
Taxa de desmame %	49,10%	70,20%	21,10%	43,0%
Área de pastagem formada (ha)	3.420	4.633	1.213	35,5%
Capacidade de suporte UA/ha	0,40	0,79	0,39	97,5%
Produção @/hectare	1,32	3,19	1,87	141,7%
Resultado R\$/ha	R\$ 179,52	R\$ 273,81	R\$ 94,29	52,5%



VISTA AÉREA EM 2021 E EM 2025 – FAZENDA ESTÂNCIA NOVA

## EVOLUÇÃO DE INDICADORES DAS PROPRIEDADES DO GRUPO FA AGRO 2020/2025

Informações produtivas	Inicial	Atual	Variação	
Total de fazendas	4	6	2	50,0%
Rebanho total em cabeças: Brasil + Paraguai	15.778	20.750	4.972	31,5%
Taxa de desmame %	50,4%	61,9%	11,5%	22,8%
Produção @/hectare	2,90	3,58	0,68	23,4%
Cabeças comercializadas/safra	3.161	6.851	3.690	116,7%

cada propriedade. O PRG da Terra Desenvolvimento, por exemplo, trabalha com três frentes gerenciais: equipe na fazenda, um líder e equipe de suporte (controle, orçamento, planejamento, etc.). Todos remunerados pela empresa gestora. Um dos diferenciais é a compreensão e respeito da equipe administrativa em relação aos objetivos e cultura dos proprietários.

O processo de gestão, de acordo com Patussi, envolve “rituais gerenciais periódicos - mensais e trimestrais -, revisões baseadas em dados e acompanhamento dos resultados, inclusive com conciliação bancária mensal feita via extratos disponibilizados aos proprietários”.

Por outro lado, é natural que aquele que faz a opção por repassar a gestão do seu negócio terá de abrir mão de parte da sua eventual margem de lucro para a remuneração da empresa contratada. A Terra não dá detalhes completos sobre seu modelo por “questões estratégicas e de sigilo con-

tratual”, mas adianta que ele envolve, por quem terceiriza, o pagamento de uma taxa mensal fixa (corrigida pela inflação) mais um percentual sobre o resultado operacional que pode variar entre 8% e 12,5%. “Melhorando para o produtor a gente ganha junto. Conforme avançam os resultados, esta fatia aumenta”, explica Patussi. Segundo ele, os contratos, em geral, são de três anos de duração, renováveis por igual período.

Para o administrador, pesquisador da Embrapa Gado de Corte e coordenador do Centro de Inteligência da Carne (CiCarne), Guilherme Malaifa, a terceirização da gestão de uma propriedade de gado de corte pode ser uma alternativa a considerar mediante condições específicas: “É uma estratégia viável para produtores que buscam profissionalização, eficiência e melhor uso dos recursos, desde que haja uma escolha criteriosa da empresa parceira e acompanhamento rigoroso dos resultados.” ■

# NELORE, A RAÇA FÓRMULA 1 DA PECUÁRIA

VICTOR PAULO SILVA MIRANDA

Muito da tecnologia embarcada nos veículos comerciais que adquirimos, ou vemos circulando pelas ruas, é fruto dos investimentos e desenvolvimentos conduzidos no ambiente da Fórmula 1. É neste sentido que rotineiramente se compara o trabalho feito nesta categoria do automobilismo, com o trabalho realizado por criadores, na seleção dos animais da raça Nelore que participam das exposições oficiais e do Ranking Nacional da ACNB - Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. Os investimentos feitos pelos criadores em tecnologias reprodutivas, nutrição, sanidade, manejo e bem-estar animal, aliado ao uso de ferramentas de análise genômica, sem deixar de lado a avaliação fenotípica pelos afiados olhos dos próprios criadores e de profissionais experientes, conduzem a raça Nelore ao melhoramento genético contínuo, e ao seu desempenho máximo. A Expoinel 2025, que acontece de 13 a 19 de outubro em Uberaba (MG), é uma grande vitrine do status deste avanço, reunindo criadores de todas as regiões do país e até de países vizinhos, do Nelore, Nelore Mocho e Nelore Pelagens.

Nos recintos de avaliações, nas exposições oficiais, os animais são submetidos à comparação entre si, e os jurados, com muito conhecimento e rigor, avaliam suas características corporais que indicam funcionalidade, eficiência reprodutiva, fertilidade, capacidade de produção de carne, entre outras. Os animais que ali estão, são avaliados não somente pelas suas qualidades, mas também na condição de progênies de matrizes e reprodutores conhecidos, de forma que, a avaliação de tal genética se estenda ao logo de gerações.

Em reconhecimento a este trabalho, os animais que se destacam nas exposições e no Ranking, se valorizam imediatamente! Especialmente aqueles, que após acumularem bons resultados individuais, provam que seus descendentes têm a mesma qualidade, passam a ter seu material genético muito desejado, tendendo a atingir valorizações históricas. Por isso, o Nelore é um excelente investimento.

A Expoinel, promovida pela ACNB com o apoio da Matsuda Sementes e Nutrição Animal, Geneal Diagnósticos e da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), é o grande momen-

to do ano, seja pelo fato de ser a maior exposição Nelore do país, mas especialmente por encerrar o ano calendário do Ranking Nacional. Ali são conhecidos os Grandes Campeões Nacionais. É um momento de conhecer o que há de melhor na raça Nelore, fortalecer vínculos e adquirir o top da genética, nos leilões oficiais da exposição. Este investimento e dedicação ao melhoramento genético é que mantém o Nelore como a “raça mãe” da pecuária brasileira.

O Nelore, e os anelados, representam mais de 80% do rebanho comercial brasileiro, ou seja, mais de 150 milhões de cabeças. Assim, é certo afirmar que o Nelore é o principal responsável pela produção de carne do Brasil. A tecnologia e a genética desenvolvidas no ambiente das exposições, são os alicerces para o contínuo aumento da produtividade da pecuária nacional, responsável pela oferta anual de cerca de 9 milhões de toneladas de carne, em grande parte consumidas no país e exportadas para mais de 150 países. ■

VICTOR PAULO SILVA MIRANDA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE NELORE DO BRASIL (ACNB)



# FEEDLOT SUMMIT BRASIL REALIZA EDIÇÃO HISTÓRICA

EVENTO EM GOIÂNIA CONSOLIDA-SE COMO FÓRUM DE INOVAÇÃO, REUNINDO QUASE 2.000 PARTICIPANTES PARA DISCUTIR ESTRATÉGIAS DE MERCADO, GESTÃO E TECNOLOGIA NO SETOR

CAMILA SANTOS, DE GOIÂNIA (GO)

camila@dc7comunica.com.br

2.000 participantes. Este foi o saldo do Feedlot Summit Brasil 2025, que transformou Goiânia (GO) no epicentro da pecuária de corte nacional. O evento, promovido pela Coan Consultoria no Espaço Dois Ipês, que ocorreu entre os dias 10 e 12 de setembro, bateu recorde de público e reafirmou sua posição como um dos encontros mais importantes para a inovação e o desenvolvimento estratégico do setor de confinamento e se destacou pelos debates aprofundados sobre produtividade, gestão de risco, manejo e o papel fundamental do capital humano.

A troca de experiências e a construção de estratégias para o futuro marcou o encontro. Para o zootecnista Rogério Coan, diretor técnico da Coan Consultoria e idealizador do encontro, o momento vivido pela cadeia foi relevante. “Essa edição atraiu milhares

de pessoas e eu digo que está subindo. Em 2024, tivemos 1.712 inscritos. Esse crescimento está muito ancorado no momento da virada de ciclo pecuário e em uma preocupação muito grande do pecuarista em garantir produtividade, taxa de desfrute e ganho médio diário. Isso faz toda a diferença na pecuária, seja na cria, recria, engorda ou no ciclo completo”, afirma.

Segundo Coan, a programação foi cuidadosamente desenhada para entregar uma visão estratégica de toda a cadeia produtiva, abordando temas de mercado, gestão de risco, manejo, custos e pessoas. “Preparamos um conteúdo muito, mas muito completo. Vamos passar por estratégias de mercado, mercado de reposição, mercado de gestão de risco — ou seja, ferramentas que o pecuarista pode utilizar para blindar preço de compra e de venda. São variáveis que im-

pactam diretamente no resultado e que só quem participa do Feedlot Summit terá a oportunidade de conhecer de forma tão estruturada”, destaca.

O organizador ressaltou ainda o diferencial temático da edição. Entre assuntos de mercado, temas técnicos relacionados a cria, recria, engorda a pasto e confinamento e painéis sobre tecnologia aplicada, o foco na gestão de pessoas, valorizando o papel do capital humano em uma atividade cada vez mais intensiva em inovação, também foi pauta. “Sem pessoas, não conseguimos fazer acontecer nenhuma atividade industrial, muito menos uma atividade de pecuária de alta tecnologia”, reforça.

**CENÁRIO GLOBAL E OPORTUNIDADES PARA O BRASIL.** Entre os destaques da programação, a palestra de Thiago Bernardino de Carvalho, pesquisador do CEPEA - ESALQ/USP, ofereceu



uma análise detalhada das perspectivas econômicas e agrícolas para 2025 e 2026. Sob o tema “*Cenário Agrícola 2025-2026: Incertezas Globais e Oportunidades para o Brasil*”, Thiago trouxe à tona fatores estruturais que devem impactar diretamente a produção de alimentos e o mercado pecuário.

“Vivemos um momento de incertezas, insegurança e imigrações, com o crescimento e envelhecimento populacional, urbanização e desafios em segurança alimentar e energética. Questões como a concentração de riqueza, exclusão social, a gestão de recursos naturais como a água e as mudanças climáticas são pautas que exigem atenção imediata”, afirma.

O especialista lembrou que as tensões comerciais, como a imposição de tarifas pelos Estados Unidos a parceiros estratégicos, têm efeito direto sobre as commodities agrícolas e, por consequência, sobre a pecuária. No caso brasileiro, a dependência de importações de fertilizantes é um fator de alerta. “Nossas importações de fertilizantes dependem significativamente da Rússia (30%) e da China (14%), o que nos expõe a custos elevados e à necessidade de diversificação”, explica.

Outro ponto crítico abordado foi a escassez de água em grandes potências agrícolas, enquanto a América do Sul detém relativa abundância hídrica. Com projeções de 9,2 bilhões de habitantes até 2050 e demanda crescente por proteína animal, Carvalho provocou a plateia: “Menos de 1% da água doce do planeta está disponível para uso humano. Quem irá atender a essa demanda global?”.

Em relação às projeções de grãos, o especialista apontou que a soja deve apresentar aumento de produção e estoques, com a China desempenhando papel-chave nos preços internacionais. Para o milho, a tendência é de crescimento da produção, mas redução dos estoques finais.

No setor pecuário, Thiago ressaltou a evolução do confinamento no Brasil. A participação de animais confinados no abate total subiu de 12,03% em 2018 para 24,42% em 2024, consolidando o modelo como vetor de produtividade. “A pecuária vem mudando, e o confinamento ganha cada vez mais relevância”, analisa.

Para ele, três pilares são funda-



ROGÉRIO COAN, ZOOTECNISTA, DIRETOR TÉCNICO DA COAN CONSULTORIA E IDEALIZADOR DO ENCONTRO

mentais para garantir competitividade: investimentos em capital humano, infraestrutura e tecnologia. “Esses são os caminhos para o Brasil seguir crescendo em um cenário global tão desafiador”, conclui.

### BOAS PRÁTICAS EM CONFINAMENTO: O CASO DA AGROPECUÁRIA GRANDE LAGO.

Outra palestra que atraiu o público foi a experiência prática da Agropecuária Grande Lago, apresentada por seu gerente de operações, Júnior Caetano. Com duas unidades em Jussara (GO) e Igaratinga (MG), capacidade estática de 85 mil animais e potencial para confinar 200 mil cabeças por ano, a empresa se tornou referência em gestão operacional e resultados consistentes.

Segundo Júnior, o sucesso da operação é sustentado por quatro pilares: Pessoas, Finanças, Gestão e Resultado. “A operação é de ponta a ponta, desde a compra do boitel e recria, passando pela engorda, até o abate”, explica.

Entre as estratégias adotadas, destacam-se o gerenciamento nutricional, a sanidade animal, a adoção de tecnologias de monitoramento e o gerenciamento ambiental. O palestrante detalhou, por exemplo, o processo de floculação a vapor, que melhora o aproveitamento energético dos grãos e a eficiência alimentar dos bovinos.

Na área de sanidade, a empresa segue protocolos rigorosos, levando em conta origem dos animais, condições de transporte, raça e período do ano. “Trabalhamos com protocolo sanitário, controle de parasitas, biossegurança, tratamento de animais doentes e consultoria veterinária. Tudo is-

so integrado a um processo de gestão à vista, com metas claras e indicadores de desempenho”, destaca.

O uso de tecnologia é outro diferencial. Todos os animais são rastreados, e a tomada de decisão é orientada por dados, relatórios e softwares de controle, seguindo o ciclo PDCA (Planejar, Executar, Checar, Agir).

Ele também frisou os desafios de lidar com equipes. “Mexer com gente é difícil demais. Não tem mão de obra disponível no mercado. Mas liderança é fundamental: delegar não é delargar. Comunicação eficiente é essencial, porque em uma organização o óbvio não existe”, resume.

Os resultados sustentam a metodologia: indicadores de ganho médio diário, rendimento de carcaça e conversão alimentar demonstram a consistência da operação. A empresa ainda ostenta a certificação QIMA WQS em Bem-Estar Animal, nível Gold, validando suas práticas.

**CONEXÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.** A combinação de temas e as experiências práticas evidenciam a proposta central do Feedlot Summit: integrar conhecimento estratégico e gestão de campo.

Com recorde de público, painéis técnicos e a presença de especialistas renomados, o evento reafirma sua vocação como hub de inovação para a pecuária de corte. “O evento abordou tecnologia, estratégia, foco em gestão, custos e pessoas. Nossa missão é ser um hub de conhecimento e inovação para o pecuarista que quer estar preparado para os desafios do mercado”, resume Rogério Coan. ■

# PRODUZIR E PRESERVAR: O AGRO BRASILEIRO RUMO À PECUÁRIA DE BAIXO CARBONO

NO 14º SIMPÓSIO DA ASBRAM, ESPECIALISTAS DESTACAM O PROTAGONISMO DO BRASIL EM SUSTENTABILIDADE E O PAPEL ESTRATÉGICO DOS CRÉDITOS DE CARBONO PARA TRANSFORMAR PRÁTICAS EM OPORTUNIDADES CONCRETAS

CAROLINE MENDES

caroline@dc7comunica.com.br

**S**ó se cuida o que se ama, e só se ama o que se conhece.” A frase da advogada ambientalista Samantha Pineda — resumiu o espírito do painel *Sustentabilidade e Créditos de Carbono*, um dos destaques do 14º Simpósio ASBRAM. Mediado por Renata Fernandes Theuer, líder de Sustentabilidade para Produção Animal na Elanco Saúde Animal, o

debate reuniu Gustavo Spadotti, chefe-geral da Embrapa Territorial, e Luiz Fernando Laranja, fundador e CEO da Caaporã Agrosilvopastoril, empresa pioneira em pecuária de baixo carbono.

Com diferentes trajetórias, os três convergiram em um ponto essencial: a sustentabilidade deixou de ser discurso e se tornou ativo econômico para o campo brasileiro.

**CIÊNCIA E DADOS COMO BASE DA SUSTENTABILIDADE.** Para Spadotti, a comunicação e a mensuração são hoje os maiores desafios do agro quando o tema é carbono. “Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma — inclusive o carbono”, destacou o pesquisador da Embrapa, ao explicar que o setor agropecuário brasileiro atua dentro de um ciclo natural, sem introduzir novos ele-





mentos na atmosfera, como ocorre com os combustíveis fósseis.

Segundo ele, o país precisa “tropicalizar” suas métricas de emissão e sequestro de carbono, uma vez que os cálculos internacionais ainda se baseiam em realidades de clima temperado. “Sem dados locais, continuamos sendo avaliados por padrões que não refletem nossa produção tropical e conservacionista”, afirmou.

Spadotti destacou ainda o Plano Nacional de Conversão de Pastagens Degradadas, batizado de *Caminho Verde*, como uma política pública que une produtividade e conservação. “São cerca de 40 milhões de hectares com potencial de recuperação. Isso é oportunidade de ouro para produzir mais, emitir menos e gerar crédito ambiental.”

Spadotti destacou ainda o Plano Nacional de Conversão de Pastagens Degradadas, batizado de *Caminho Verde*, como uma política pública que une produtividade e conservação. “São cerca de 40 milhões de hectares com potencial de recuperação. Isso é oportunidade de ouro para produzir mais, emitir menos e gerar crédito ambiental.”

**DA FLORESTA AO BOI DE BAIXO CARBONO.** Com humor e experiência prática, Luiz Fernando Laranja trouxe um olhar empresarial para a transição verde. Ex-professor da USP e empreendedor na Amazônia, ele criou a Caaporã Agrosilvopastoril, voltada à pecuária de baixo carbono em sistemas silvopastoris, e a CarbonPack, empresa especializada em projetos de crédito de carbono.

“Temos de dançar conforme a música — e hoje o ritmo é o da sustentabilidade”, afirmou. Para Laranja, o mercado de carbono é real e já começa a gerar receita. Ele citou o exemplo de uma fazenda no Tocantins onde o reflorestamento com árvores nativas e a intensificação da pecuária resultaram em créditos certificados.

**RENATA FERNANDES THEUER,** LÍDER DE SUSTENTABILIDADE PARA PRODUÇÃO ANIMAL NA ELANCO SAÚDE ANIMAL



“Estamos vendendo carbono das árvores plantadas no pasto. É simples: sombra para o boi e renda para o produtor.”

O empresário aposta que o Brasil tem o maior potencial do mundo para liderar a pecuária de baixo carbono, ao combinar desmatamento zero, intensificação produtiva, tecnologias nutricionais e sistemas integrados. “Não há outro lugar com 170 milhões de hectares de pastagens e chance real de multiplicar por quatro a produtividade. Esse é o nosso rock’n’roll”, disse, arrancando risos e aplausos da plateia.

**ENTRE A TEORIA E O CAMPO.** Durante o debate, Renata Fernandes reforçou o papel das empresas na promoção de práticas concretas e lembrou que os créditos de carbono não devem ser vistos como uma fonte de enriquecimento, mas como um incentivo adicional à eficiência produtiva. “Ninguém vai ficar milionário com crédito de carbono. O ganho está em produzir mais, melhor e com menor impacto. O crédito é o empurrão para o lugar certo”, afirmou.

A executiva também destacou o movimento crescente de grandes indústrias globais de carne e laticínios que firmam metas de neutralidade de carbono até 2040 ou 2050. “Essas metas são reais e vão gerar uma demanda enorme por créditos de carbono. E o campo brasileiro está preparado para oferecer isso.”

**SEGURANÇA JURÍDICA E UNIÃO DE ELOS.** Apesar do entusiasmo, os painelistas foram unânimes ao reconhecer que o ambiente regulatório ainda carece de

**GUSTAVO SPADOTTI,** CHEFE-GERAL DA EMBRAPA TERRITORIAL



**LUIZ FERNANDO LARANJA,** FUNDADOR E CEO DA CAAPORÃ AGRO-SILVOPASTORIL

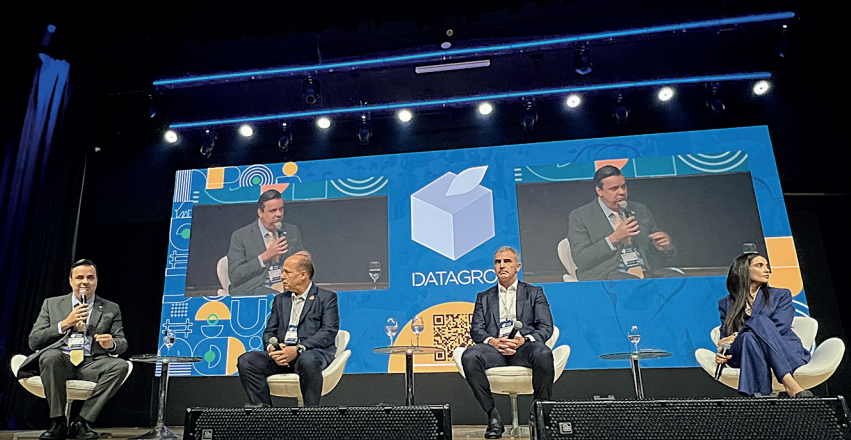
amadurecimento. O país aguarda a consolidação do mercado regulado de carbono, enquanto hoje opera majoritariamente no mercado voluntário — com certificadoras internacionais como a Verra e a Gold Standard.

“É preciso clareza, simplicidade e retorno para o produtor”, sintetizou Spadotti. “Clareza sobre as práticas que geram crédito; simplicidade nas regras; e retorno financeiro que justifique o investimento em sustentabilidade.”

Para que a agenda avance, o pesquisador defende a articulação entre empresas inovadoras, entidades de classe e produtores rurais. “Quando inovação, representatividade e boas práticas caminham juntas, o resultado é produtividade e reputação. Mas é essencial comunicar bem, mostrar que nossa carne, leite e grãos não vêm do desmatamento, e sim da ciência e da gestão.”

**BRASIL, DE CELEIRO A SUPERMERCADO DO MUNDO.** Ao encerrar o painel, Renata resgatou o sentido da frase de Samantha Pineda e o espírito do evento. “Só se cuida do que se ama e só se ama o que se conhece. O Brasil conhece o agro como ninguém. Cabe a nós cuidar dele com a responsabilidade e o orgulho de quem sabe o valor que tem.”

Entre dados, reflexões e humor, o consenso foi claro: a sustentabilidade não é mais uma tendência — é a nova lógica de mercado. E, nesse cenário, o agro brasileiro tem o potencial de ser não apenas o celeiro, mas o supermercado sustentável do mundo. ■



# DATAGRO TRAZ FRIGORÍFICOS PARA DEBATER DESAFIOS E OPORTUNIDADES

ESTRATÉGIAS DE DIVERSIFICAÇÃO DE MERCADOS, LOGÍSTICA E VALORIZAÇÃO DA CARNE FORAM TEMAS DO 5º FÓRUM PECUÁRIA BRASIL

**CAMILA SANTOS, DE SÃO PAULO (SP)**  
camila@dc7comunica.com.br

Os frigoríficos brasileiros estão cada vez mais voltados para a expansão internacional, buscando conciliar eficiência produtiva, diversificação de mercados e agregação de valor à carne bovina exportada. Empresas como Marfrig, Ramax e Frigorífico Estrela detalharam estratégias para atender a demanda global crescente, superar gargalos logísticos e explorar novas frentes de negócios, como o Sudeste Asiático, Oriente Médio e mercados secundários na África.

O debate ocorreu no contexto do 5º Fórum Pecuária Brasil, realizado em São Paulo (SP), organizado pela Datagro, com foco central nas discussões do setor exportador e as decisões estratégicas das empresas para manter a competitividade e

aproveitar oportunidades globais.

Moderado por Roberto Perosa, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), o debate destacou a relevância do mercado interno e a expansão global das exportações brasileiras. “Embora as exportações ganhem destaque, cerca de 70% da produção de carne do país permanece no mercado doméstico, que atua como principal balizador de preços e estratégias da indústria. Atualmente, o Brasil possui acesso a mais de 150 países, com oportunidades ainda em negociação com Japão, Turquia e Coreia do Sul, mercados relevantes que importam grandes volumes de carne bovina, como os 700 mil toneladas anuais do Japão. Além disso, existem mercados complementares sen-

do abertos, como Indonésia, Filipinas e, possivelmente, África do Sul, consumindo quase 100 mil toneladas anuais de carne bovina”, aponta Perosa.

Um dos convidados para a mesa foi Alisson Navarro, diretor de Exportação da Marfrig Global Foods, que detalhou a estratégia da empresa para o mercado internacional. “O mercado externo funciona baseado em preço, em volume. Margem. Temos uma plataforma e um processo de pricing (precificação) muito bem elaborado, juntamente com inteligência de mercado, para destinar os volumes de acordo com demanda e margem, maximizando resultados.” Ele destacou a importância de China, Sudeste Asiático e Oriente Médio, além de outros mercados, como Europa e México, para a diversificação do portfólio de export-

tações. “Hoje, vemos uma pulverização em outros mercados. O mexicano, por exemplo, vem crescendo muito não apenas pelo tema Estados Unidos, mas pela demanda interna, reconhecendo a qualidade da carne brasileira.”

O diretor também ressaltou o avanço da produção nacional, citando cortes nobres e animais de genética selecionada, que colocam o Brasil em concorrência direta com Uruguai, Argentina e Austrália. “A China foi o grande propulsor de tudo isso. A limitação dos 30 meses no abate impulsionou o melhoramento genético, antecipou o abate e resultou em carne de melhor qualidade. Hoje, temos Angus e Hereford produzidos no Sul do Brasil, ampliando nossa competitividade global.”

Mariana Inocente, International Trader da Ramax, trouxe a perspectiva de um grupo novo, em rápido crescimento, com foco prioritário nas exportações. “Hoje, 70% do nosso volume é destinado ao mercado externo. Nosso objetivo foi alcançar frigoríficos com dificuldades financeiras, em regiões estressadas, desenvolver as áreas e estruturar a produção para exportação”, explica.

Já Pedro Bordon, CEO do Frigorífico Estrela, apresentou a visão de um grupo tradicional que combina experiência com inovação. “O Grupo Estrela é um grupo com mais de 45 anos, trabalhando com carne bovina e suína, além de uma linha de industrializados. Estamos passando por um momento de profissionalização e crescimento orgânico e inorgânico, mas nosso foco é muito na exportação. Este ano, nosso faturamento é 65% mercado externo e 35% mercado interno”, afirma.

O CEO ressaltou a importância da verticalização da produção, com dois confinamentos e capacidade para 50 a 60 mil cabeças, garantindo eficiência e otimização estratégica. “A China continua sendo o principal destino, mas a diversificação é necessária. O Sudeste Asiático, incluindo Indonésia, Vietnã, Malásia, Singapura e Filipinas, é um mercado com baixo consumo per capita e grande potencial de crescimento”, explica e enfatiza a melhoria genética do rebanho e a expansão de raças, como Angus, para atender nichos de mercado gourmet e consolidar a carne brasileira no exterior. “Investimos na ponta, levando o produto ao con-

sumidor. A demanda internacional é crescente, e a carne brasileira é necessária para abastecer esses mercados”.

Durante o painel, Perosa questionou Mariana Inocente sobre os desafios de exportar para diferentes regiões e a importância das certificações internacionais, incluindo o Halal, cada vez mais relevante no Oriente Médio e em outros mercados. “Vejo um trabalho muito assertivo da ABIEC, juntamente com o governo, de abrir novos mercados. Junto a isso, temos os mercados secundários, como miúdos, e regiões em crescimento no Oriente Médio oferecem uma segunda opção para exportação”, afirma.

Alisson Navarro complementou que a indústria brasileira está extremamente preparada para atender a demanda global. “Não existe no mundo uma indústria tão preparada quanto aqui no Brasil. Nossa diversifica-

## BRASIL POSSUI ACESSO A MAIS DE 150 PAÍSES, COM OPORTUNIDADES AINDA EM NEGOCIAÇÃO COM JAPÃO, TURQUIA E COREIA DO SUL

ção não se limita a países habilitados, mas inclui potenciais mercados como Japão, Coreia do Sul e Vietnã”.

**UM DOS DESAFIOS.** A infraestrutura logística, reconhecida como um dos pontos críticos para a competitividade do setor, também foi debatida. Pedro Bordon destacou que o gargalo não é exclusivo da pecuária, mas do agro como um todo. “Existem iniciativas da indústria privada, como a JBS assumindo o aeroporto de Itajaí, ou projetos de transporte ferroviário e cabotagem em Rondonópolis. Mas, sem dúvida, é necessário um trabalho conjunto entre governo e iniciativa privada para eliminar esse gargalo e tornar a produção ainda mais competitiva”, afirma.

Alisson Navarro complementou, ressaltando a importância de portos com calados maiores, ferrovias e rodovias eficientes para reduzir custos e aumentar a competitividade. “A logística evoluiu, mas ainda há muito a

percorrer. Hoje, a relação entre governo e iniciativa privada, especialmente via associações, tem sido muito positiva, abrindo novos mercados e atendendo à demanda crescente de China, Sudeste Asiático e Oriente Médio”, diz.

O painel também abordou oportunidades menos exploradas, como o mercado africano. Mariana explicou que, hoje, a exportação para a África se concentra em produtos de menor custo, como rins, fígado e papila, devido ao poder aquisitivo da população. No entanto, ela destacou que, à medida que a China eleva seu padrão de consumo e cresce em volume, a África poderá se tornar um destino importante para produtos de volume, abrindo novas frentes para a pecuária brasileira.

**BOAS NOVAS.** Perguntados sobre a perspectiva futura do percentual de exportação, os painelistas reforçaram um cenário de estabilidade com potencial de crescimento. Mariana afirmou que a Ramax mantém como estratégia crescer nas exportações, certificando novas plantas e expandindo para mercados fora da China, como Oriente Médio e Chile.

Alisson ressaltou que, mesmo com aumento de demanda externa, o percentual de mercado interno tende a se manter estável, dado o consumo consistente e o poder aquisitivo do Brasil. Ele destacou a importância de equilibrar produtos processados e carne in natura, aproveitando sinergias da fusão de empresas e mantendo competitividade global.

Já o CEO do Frigorífico Estrela compartilhou sua visão otimista para o próximo ano, destacando a evolução das plantas frigoríficas, aumento da eficiência produtiva e perspectivas de rentabilidade para toda a cadeia. “O Brasil não vira as costas ao mercado interno, mas também está atento às oportunidades de exportação. Vejo um ano muito positivo, não só em volume, mas em rentabilidade para a cadeia como um todo”, conclui Pedro.

Perosa encerrou agradecendo aos painelistas, destacando a relevância das contribuições de cada um e o papel de Plínio Nastari - presidente e CEO da Datagro Consultoria - na evolução histórica da pecuária brasileira, com iniciativas como o Indicador do Boi Gordo da Datagro, que reflete os grandes avanços e a expansão global da carne brasileira. ■

# AGV EM NOVA FASE

EMPRESA RESGATA **25 ANOS DE HISTÓRIA** E PROJETA FUTURO COM FOCO EM CLIENTES, PESSOAS E TECNOLOGIA

**CAROLINE MENDES, DE CHAPECÓ (SC)**  
caroline@dc7comunica.com.br

Poucas marcas constroem um protagonismo no setor de saúde que perdura por mais de duas décadas. A AGV é uma delas. Fundada em 1998, cresceu de forma acelerada, protagonizou aquisições, passou por reorganizações internas e consolidou-se como referência em logística voltada para saúde e nutrição animal. Em

2025, retorna ao mercado com novo posicionamento e identidade visual, carregando a credibilidade construída em 25 anos de trajetória e a força de um time de 8 mil colaboradores distribuídos entre Brasil e Colômbia.

Maurício Motta, executivo que construiu grande parte de sua carreira na empresa e agora retorna como presidente, sintetiza esse momento como “um relançamento com narrativa inédita, que valoriza o passado, mas olha para o futuro com intensidade”. O retorno da marca, segundo ele, mobilizou tanto clientes quan-

to colaboradores: “O time se emocionou, o mercado reagiu com entusiasmo. Muitos disseram que estavam felizes em poder voltar a mencionar a AGV entre seus pares e parceiros”.

**ESTRUTURA EM MOVIMENTO.** A retomada não se limitou ao reposicionamento da marca. A AGV redesenhou sua estrutura organizacional, buscando maior agilidade em decisões e foco segmentado em cada área de atuação. A divisão comercial, por exemplo, foi reestruturada com foco total em saúde e nutrição animal. Adicionalmente, foi criada uma diretoria dedicada a novos negócios para dar mais velocidade a projetos de expansão. A área de operações, coração da companhia, ganhou reforços em lideranças e em programas que visam a otimização absoluta no nível do serviço.

A gestão de pessoas também passou por uma reestruturação para garantir uma visão mais estratégica da jornada do colaborador. O impac-



to no ambiente de trabalho foi imediato: “Em dois meses de nova marca, o que mais ouvimos foi que a energia mudou”, conta Mauricio.

**TECNOLOGIA COMO ALICERCE.** A inteligência aliada à tecnologia ocupa espaço central na nova estratégia. O TechLab, laboratório de inovação tecnológica, reúne quase 40 profissionais dedicados exclusivamente a projetos disruptivos. Entre os focos estão automação de processos, rastreabilidade avançada de cargas por meio de um Super App, modelos de picking mais eficientes e uma torre de controle – batizada de Centro de Excelência Operacional – que integra o ciclo de pedidos, armazéns e transportes.

A aposta em inteligência artificial já rende frutos. A conferência de vacinas, por exemplo, passou a ser feita com tecnologia de visão computacional, garantindo precisão na checagem de caixas e gelo. “Estamos promovendo uma mudança de patamar em tecnologia para os próximos dois anos”, reforça o executivo.

**ALCANCE GEOGRÁFICO.** Com mais de 100 operações, sendo, no Brasil, 35 centros de distribuição e 37 operações in house, e mais 33 na Colômbia, a AGV se consolida como uma das operadoras logísticas mais capilarizadas do setor de saúde nos dois países. Essa presença nacional permite que a AGV atue no país como um especialista local em escala, combinando o profundo conhecimento do território com a governança e a solidez de uma grande corporação, uma vantagem competitiva difícil de ser replicada.

**COMPROMISSO SUSTENTÁVEL.** O compromisso com ESG é um eixo estratégico, tornando-se uma consequência direta da eficiência de seu modelo de negócio, uma vez que a consolidação de cargas e o uso de armazéns multicliente reduzem naturalmente as emissões de CO<sub>2</sub> e o consumo de energia. O recente reconhecimento com o selo prata do GHG Protocol atesta a transparência deste processo, que se completa com iniciativas como projetos de aterro zero e a implementação de frota elétrica.



## PILARES ESTRATÉGICOS

A nova marca está ancorada em cinco pilares:

- 1 Foco no cliente (abordagem cliente-centricity):** decisões voltadas à experiência e às necessidades do cliente;
- 2 Presença e expertise territorial:** alta capilaridade e domínio do território no Brasil e na Colômbia;
- 3 Responsabilidade com a cadeia:** excelência em cada etapa, garantindo o mais alto nível de serviço;
- 4 Pessoas:** valorização e desenvolvimento de talentos;
- 5 Mindset Tecnológico:** soluções que trazem eficiência operacional contínua.

Esses fundamentos guiam o crescimento da empresa e reforçam sua posição de referência em saúde e nutrição animal.

A agenda também contempla aspectos sociais, desde programas internos de engajamento até relações de respeito e valorização de colaboradores. A combinação de sustentabilidade, tecnologia e cuidado com pessoas é a base que sustenta as ações da empresa no presente e orienta sua visão de futuro.

**FUTURO PROJETADO.** Para os próximos anos, a AGV projeta crescimento sustentado em inovação tecnológica, excelência operacional e fortalecimento da cultura organizacional. O propósito declarado é simples: ser a melhor opção logística para o mercado de saúde no Brasil e na Colômbia, ampliando diferenciais competitivos e mantendo a credibilidade que marcou sua história. “Nosso recado ao mercado é claro: a AGV volta mais forte, com um time preparado, estruturado e motivado. Queremos ser cada vez mais propositivos, trazendo ideias, iniciativas e soluções que antecipem as necessidades dos clientes”, resume Mauricio.

A empresa que marcou gerações no setor se reposiciona como protagonista de um novo ciclo, reforçando a ligação entre tradição e inovação – uma AGV renovada, sem perder a essência que a consolidou como referência em logística para saúde. ■

# NOVAS CORRENTES DA AQUICULTURA BRASILEIRA

IFC BRASIL 2025 EVIDENCIA PROTAGONISMO, SANIDADE E ESTRATÉGIA EM MEIO À NOVA ORDEM GLOBAL

CAROLINE MENDES, DE FOZ DO IGUAÇU (PR)  
caroline@dc7comunica.com.br

Foz do Iguaçu voltou a ser o ponto de convergência da aquicultura nacional. De 2 a 4 de setembro, o International Fish Congress & Fish Expo Brasil (IFC Brasil 2025) reuniu produtores, autoridades, pesquisadores e lideranças do agronegócio para discutir competitividade, sustentabilidade e futuro do setor.

Em uma edição marcada por diagnósticos francos e propostas concretas, o evento mostrou que o Brasil busca não apenas ampliar sua produção, mas também consolidar bases técnicas e políticas para sustentar o crescimento da piscicultura nos próximos anos.

**RECONFIGURAÇÃO GLOBAL E RESPOSTA BRASILEIRA.** O cenário internacional dominou as discussões. O eco-

nomista Marcos Jank definiu o momento atual como uma “nova desordem mundial”, apontando o aumento da volatilidade e a necessidade de uma estratégia mais assertiva do agronegócio. Segundo ele, o país precisa “sair da dependência da escala e das vantagens naturais” e avançar em competitividade regulatória, inovação e diversificação de mercados.

Essa leitura dialoga com as ações recentes do governo brasileiro. Durante a 13ª Sessão do Subcomitê de Aquicultura da FAO, o país apresentou o ProAqui e o Plano Clima 2025-2035, sinalizando compromisso com práticas sustentáveis e adaptação às mudanças climáticas. As medidas reforçam a busca por uma aquicultura moderna, resiliente e apta a competir no mercado global.

Em paralelo, o desempenho comercial segue em alta: as exportações da piscicultura bateram recorde no primeiro trimestre do ano. No entanto, entidades como a CNA alertam para riscos sanitários e pedem maior atenção à entrada de tilápias importadas, vista como ameaça ao equilíbrio produtivo interno.

**PROTAGONISMO EM MOVIMENTO.** A tilápia manteve o posto de principal espécie da aquicultura brasileira e foi destaque nos encontros preparatórios do IFC. A organização promoveu reuniões com cooperativas e produtores para discutir o fortalecimento da cadeia e o papel da espécie como vetor de inserção internacional.

No evento principal, a abertura mar-

**Faça sua pergunta pelo aplicativo IFC Brasil**

**Plano de biosegurança - Princípios gerais**

1. Identificação dos perigos

- Entendendo a transmissão da doença

Quais fatores de risco existem na sua criação?

2. Análise do risco

- Impactos para a sua fazenda

3. Determinar quais medidas de biosegurança são necessárias

**Ações: Estabelecimentos**

**Faça sua pergunta pelo aplicativo IFC Brasil**



MARCOS JANK, ECONOMISTA, DEFINIU O MOMENTO DO CENÁRIO INTERNACIONAL COMO UMA "NOVA DESORDEM MUNDIAL"



cou a assinatura de um protocolo de cooperação entre o Sebrae e o IFC, voltado ao apoio técnico e à capacitação de pequenos e médios produtores. A parceria busca impulsionar a adoção de boas práticas de manejo, inovação tecnológica e sustentabilidade econômica nas diferentes regiões do país.

A Amazônia também ganhou destaque. Representantes da região reforçaram o potencial das espécies nativas e a importância da valorização de cadeias locais, capazes de gerar renda e ampliar a oferta de produtos sustentáveis. Para os participantes, descentralizar a aquicultura e integrar novos polos produtivos é passo essencial para consolidar o protagonismo brasileiro.

**SANIDADE SOB ATENÇÃO.** O controle sanitário foi um dos eixos centrais do IFC 2025. Em painel técnico com representantes do MAPA, ADAPAR e autoridades internacionais, o debate girou em torno de medidas práticas para pre-

**CESAR PINZON, DA COLÔMBIA, RELATOU EXPERIÊNCIAS COM SURTOS DE STREPTOCOCCUS, QUE EM ALGUNS CASOS CAUSARAM MORTALIDADE DE ATÉ 80%**

**ALLAN ROGÉRIO DE ALVARENGA, SECRETÁRIO ADJUNTO DE DEFESA AGROPECUÁRIA DO MAPA**

venir doenças nos sistemas de produção. O secretário adjunto de Defesa Agropecuária do MAPA, Allan Rogério de Alvarenga, sublinhou a importância do registro e da rastreabilidade: "O registro é a base para entender a dinâmica da produção e reagir rapidamente diante de anormalidades."

Da Colômbia, Cesar Pinzon relatou experiências com surtos de *Streptococcus*, que em alguns casos causaram mortalidade de até 80%. Ele reforçou a necessidade de comunicação e coordenação entre os elos da cadeia: "Doenças não se combatem sozinho. É preciso alinhamento entre governo, empresas e pesquisa."

O fiscal da ADAPAR Claudio Sobezak acrescentou que ainda há carência de laboratórios e ajustes regulatórios nos estados, destacando que "a governança sanitária exige suporte técnico eficiente e políticas exequíveis para o produtor." O painel evidenciou o consenso: a biossegurança é condição indispensável para garantir competitivi-

## CAMINHOS E COMPROMISSOS

Mais do que diagnósticos, o IFC Brasil 2025 foi espaço de construção de agendas. Entre as ações encaminhadas estão:

- 1 Fortalecimento da cooperação entre Sebrae e IFC para capacitação técnica;
- 2 Atualização da lista nacional de doenças de notificação obrigatória;
- 3 Criação de comitês técnicos com representação da academia, do setor produtivo e de órgãos de defesa;
- 4 Incentivo à valorização de espécies nativas e cadeias regionais;
- 5 Difusão de protocolos sanitários testados em campo.

Esses pontos reforçam o movimento de articulação entre tecnologia, regulação e mercado – pilares essenciais para o amadurecimento do setor.

dade e estabilidade na cadeia aquícola.

Ao final do congresso, a mensagem foi clara: o Brasil tem potencial para se firmar como protagonista global da aquicultura, mas ainda precisa avançar em organização institucional e estrutura técnica. A consolidação desse caminho dependerá da capacidade de transformar boas ideias em políticas duradouras e resultados práticos. ■

**CLAUDIO SOBEZAK, FISCAL DA ADAPAR, ACRESCENTOU QUE AINDA HÁ CARÊNCIA DE LABORATÓRIOS E AJUSTES REGULATÓRIOS NOS ESTADOS**





altemir.gregolin2@gmail.com

# IFC BRASIL: UM GRANDE PARCEIRO DA AQUICULTURA BRASILEIRA

O International Fish Congress & Fish Expo Brasil – IFC Brasil, sétima edição, realizado entre os dias 2 a 4 de setembro em Foz do Iguaçu – PR, foi mais uma edição de sucesso e mostrou a força do setor, apesar dos desafios do momento, especialmente do tarifaço imposto pelos EUA ao Brasil, que resultou na taxa de 50% sobre o pescado brasileiro exportado para aquele país.

A realização do congresso pela parte da manhã e a feira à tarde foi acertada, pois concentrou os debates em um turno e a visitação à feira em outro. Além disso, o congresso em formato de painéis possibilitou o aprofundamento das discussões, o que agradou muito o público presente. Entre os painéis, merece destaque o debate sobre o cooperativismo na piscicultura com a participação das cooperativas Copacol, CVale, Coopavel, Lar e Primato, sob a coordenação do Presidente da Ocepar, José Roberto Ricken. Foi também relevante a palestra de Marcos Janke do Insper sobre as mudanças globais e as estratégias de mercado para o Brasil. Igualmente importante foi o painel sobre mercado com a participação do MAPA, APEX Brasil e empresas do setor. E as dezenas de painéis de conteúdo técnico.

A feira contou com muitos lançamentos de novas tecnologias para a produção aquícola e para a indústria de processamento, dando uma demonstração de que o setor vem se modernizando e ganhando cada vez mais competitividade. Merecem destaque as inovações no melhoramento genético de tilápia e do tambaqui, o uso de nano bolhas para melhor oxigenação d'água, o uso da inteligência artificial em tecnologias para a piscicultura e a indústria, os avanços em nu-

trição para alcançar melhor desempenho e mais saúde animal, entre outras.

Foi também relevante e de grande impacto as ações relacionadas à gastronomia e ao consumo de pescado. A cozinha show, com a presença de chefes renomados, teve auditório lotado o tempo inteiro e mostrou a diversidade de pescados e de alternativas de preparo. O festival da tilápia e do tambaqui foram um sucesso, movimentando as duas primeiras noites do evento. E para coroar o encontro, tivemos por parte da Deputada Rocio do Paraguai, o anúncio da aprovação na Câmara dos Deputados daquele país, do projeto de lei que autoriza a produção de tilápia no reservatório de Itaipu, uma demanda tratada há 15 anos.

O IFC contou com a participação de mais de 2.500 inscritos, sendo três vezes mais aquicultores que a edição anterior, mais de 120 marcas de empresas, incluindo empresas do Brasil, EUA e Espanha, 52 conferencistas de 7 países - França, EUA, Inglaterra, Colômbia, Chile, Paraguai e Brasil e mais de 30 horas de conteúdo.

O IFC Brasil cumpre mais uma vez com o seu propósito de contribuir com o desenvolvimento do setor no país e o de ser um ator relevante na construção do objetivo maior, transformar o Brasil em um grande produtor mundial de pescado. Reunir os melhores especialistas para discutir os temas centrais do desenvolvimento do setor, expor o que tem de melhor em tecnologias e realizar negócios é a verdadeira vocação do IFC Brasil.

O IFC Brasil foi criado e se fortalece a cada edição sob o conceito de ser um evento de cadeia, rico em conteúdo e grande em negócios, e reunir ao mesmo tempo e no mesmo lugar o setor produtivo, governos e academia para que

os três atores se aproximem, interajam e produzam soluções inovadoras para o desenvolvimento da atividade.

Nos 7 anos de realização do evento, sua evolução foi permanente. O IFC Brasil foi palco de mais de 400 conferencistas nacionais e internacionais de 35 países, mais de 200 horas de conteúdo, 130 marcas de empresas expostas a cada edição, R\$ 80 milhões de negócios em média por edição, com destaque para as duas rodadas internacionais em parceria com a APEX Brasil, que abriram o mercado externo para várias empresas e juntas geraram mais 26 milhões de dólares em vendas. Além disso, contou com a apresentação de mais de 600 trabalhos científicos.

Nestes sete anos de IFC Brasil, a produção de pescado foi se transformando, tecnificando, ganhando escala e desbravando novos mercados. A cadeia produtiva foi se organizando e verticalizando e novos investidores entraram na produção, na indústria e ao longo de toda a cadeia de suprimentos como na nutrição, genética, sanidade e equipamentos. A produção, o consumo e as exportações cresceram e as entidades nacionais se fortaleceram. O setor está mais maduro, mais articulado e mais protagonista, colocando o Brasil na pegada de outras proteínas, que é o de ser grande na produção de pescado e estratégico na segurança alimentar global. E nos orgulhamos de participar ativamente, lado a lado do setor, nesta caminhada.

Enfim, o IFC é a expressão do setor e fruto da crença de muitos. Por isso, nossos agradecimentos especiais a todos os parceiros, patrocinadores, expositores e congressistas. Nada seria possível sem a participação e o entusiasmo de todos. ■

**FENACAM 2025**  
FEIRA NACIONAL DO CAMARÃO

**11<sup>a</sup>**  
**14**

DE NOVEMBRO  
DE 2025



CENTRO DE CONVENÇÕES  
DE NATAL/RN - BRASIL



**O mais relevante evento técnico  
do setor Carcinicultor e Aquicultor  
da América Latina!**

**Conexão, inovação e sustentabilidade**

*Venha aprimorar seus conhecimentos em carcinicultura,  
aquicultura e, vislumbrar um mar de oportunidades!*

**XXI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CARCINICULTURA  
XVIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE AQUICULTURA**

<b>Tipo de inscrição</b>	<b>Até 31/10</b>	<b>Após 31/10</b>
Não sócio ABCC	R\$ 600,00	R\$ 700,00
Sócio ABCC	R\$ 500,00	R\$ 600,00
Estudante	R\$ 200,00	R\$ 250,00

**FAÇA PARTE!**



[fenacam.com.br](http://fenacam.com.br)





# DESEMPENHO DAS FAZENDAS DE CAMARÃO “MINH PHU LOC AN E OTANICS” - VIETNÃ

## DIEGO MAIA ROCHA

**M**inh Phu Seafood Group é a maior empresa do setor carcinicultor do Vietnã, atuando de forma integrada: produção de pós-larvas, cultivo, processamento e comercialização de pescado, com destaque para os camarões (*P. vannamei* e *P. monodon*), sendo a maior exportadora de camarão do país, com 54.722 ton / US\$ 556 milhões em 2024.

Nesse contexto, o grupo possui uma estrutura própria de produção com cerca de 900 hectares de fazendas intensivas e semi-intensivas (Minh Phu Kien Giang com 600 ha e Minh Phu Loc An com 300 Ha) que produzem 13.000 toneladas ano. Além disso, possui também uma grande área (20.000 hectares) com cultivo de camarão orgânico, com uma produção de 35.000 toneladas/ano, em modelo de parceria com pequenos produtores.

No ano de 2020, a Minh Phu tornou-se sócia majoritária (51%) da Otanics Technology (Criadora do Sistema Tomota) com o objetivo de transformar o processo produtivo de camarão em uma cadeia digital, aumentando a eficiência dos processos, reduzindo custos e incorporando tecnologia às suas parcerias.

**A visita foi realizada na área de P&D destinada ao Team Tomota:** O grande destaque dessa visita foi ver *in loco* a gestão do processo produtivo com o Tomota, cuja velocidade e integração das informações de monitoramento de parâmetros físicos-químicos, bacteriológicos, consumo de ração, estabilidade e qualidade de água, desenvolvimento dos camarões e custos de produção, permitindo uma maior compreensão dos processos produtivos e uma tomada de decisão mais efetiva.

**Infraestrutura:** A fazenda da Minh Phu em Loc An conta com área total de 300 ha, possuindo mais de 550 tanques circulares, incluindo a área de reservatórios, sendo que,

dentro dessa composição, foram destinados para pesquisa e desenvolvimento tecnológico da Otanics, uma área total de 24 hectares, dos quais 12 hectares (50%), se destinam ao tratamento de água e, os outros 50% (12 hectares) serão utilizados para a produção, envolvendo 72 tanques circulares (1.000 m<sup>3</sup>).

**Características das instalações:** Para cada módulo de 6 tanques circulares, há uma área de 1 ha para tratamento d'água, dividido em 2 viveiros, o primeiro com 0,6 ha e o segundo com 0,4 ha. Os tanques circulares têm área de 834 m<sup>2</sup>, com uma lâmina d'água de 1,2 metros de altura, perfazendo 1000 m<sup>3</sup>, cobertos por tela anti-pássaros e sombrites e, contando com um sistema de aeração misto: sopradores e aeradores, bem como, com o uso de filtros de 50 a 100 micras.

**Manejo de Água:** O tratamento inicial da água é uma das etapas de maior destaque durante o ciclo produtivo, sendo determinante, inclusive para saber se aquela água tratada, cujo processo é dividido em quatro etapas até a estocagem: decantação, tratamento químico, análises (bacteriológicas e virais) e filtragem, irá ser reutilizada ou descartada.

**Decantação:** Na primeira etapa, a água é transferida do canal da fazenda para uma lagoa de decantação, onde é tratada com permanganato de potássio (KMnO<sub>4</sub>) com uma dosagem de 3 a 5 ppm, com objetivo de reduzir a matéria orgânica, que decorrido 12 e 24 horas, aplica-se o PAC (Cloreto de Polialumínio) na concentração de 1 a 3 ppm, para floculação, sedimentação, redução da turbidez e remoção de metais, deixando a água descansando entre 48 e 72 horas, até o momento de ser transferida.

**Tratamento Químico:** Na segunda etapa, a água é transferida do reservatório de decantação para o de tratamento químico, aplican- ►

do-se ácido acético (CH<sub>3</sub>COOH) do tipo glacial, que possui a maior concentração de pureza (99,7%), numa dosagem de 20 ppm e, decorrido 2 horas, se aplica cloro, na concentração e 15 ppm.

**Análises:** Após o período de 24 horas da cloração, realiza-se a coleta de amostras de água, em quatro pontos do reservatório, analisando-se a concentração de *Vibrio*. Paralelamente, bem como, para testes de PCR, para identificar a detecção dos patógenos: WSSV, EHP e TPD.

**Filtragem:** Com a aprovação do resultado das análises, a água da lagoa de tratamento segue para abastecer os tanques circulares de pré-engorda e engorda, até a lâmina de 0,9 - 1 m, passando por filtragem de 50 a 100 micras.

**Condições da Água para Povoamento:** Nas etapas de correção e monitoramento dos parâmetros físico-químicos, mantém-se a alcalinidade entre 120 e 150 mg/L de CaCO<sub>3</sub>, bem como, se assegura que o pH permaneça com flutuações mínimas (8,1 a 8,2), para o que, utiliza-se probióticos, entre o 1º e 3º dia, visando a estabilização microbiológica inicial.

Outro ponto essencial nessa fase são as análises bacteriológicas, cujos resultados não devem exceder 200 UFC/ml na soma total. Caso os valores ultrapassem esse limite, se inicia o tratamento com o uso de Virkon Aqua, para reduzir a comunidade bacteriana, mantendo o controle sanitário do sistema, cuja aplicação pode variar de 1 a 3 ppm, dependendo do resultado das análises, sendo que, cada manejo, resultado do comportamento dos parâmetros dos viveiros, é registrado pelo aplicativo da Tomota.

**Manejo Nutricional:** Ao longo do processo produtivo, se aplica 4 tipos de rações diferentes, incluindo fase de pré-berçário, sendo que, na fase de engorda as rações possuem 40% de proteína com pellets de 1,6-1,8 mm, utilizando-se alimentadores automáticos, somente durante o dia, desligando-se a aeração 30 minutos antes, com checagem nas bandejas de referências 2 x ao dia, para ajuste da ração, em consonância com as biometrias e curvas de crescimentos.

**Drenagem e Renovação:** As drenagens se iniciam à partir do 5º dia, 1 vez por dia e, à partir do 25º dia, são 2 vezes por dia, podendo aumentar,



VISTA AÉREA DA FAZENDA MINH PHU – 300 HECTARES (650 TANQUES)



VISTA AÉREA DA FAZENDA OTANICS – 24 HECTARES (72 TANQUES)

dependendo da biomassa do viveiro. Embora não seja comum, a renovação da água dos viveiros pode se dar pela perda do volume de água ou por uma necessidade pontual de manutenção da qualidade da água, podendo chegar nessas situações, de 20 a 30% por dia.

**Dados de Produção:** A unidade de pesquisa da Otanics realiza experimentos com povoamentos diretos, utilizando pós-larvas com idade média de PL12, adotando sistemas de cultivo bi-fásicos, na 1ª fase, os camarões podem atingir entre 1,0 e 1,3 gramas em até 30 dias e na 2ª fase, atingem de 25 - 35 gramas, alcançando produtividades de 35.000 à 50.000 kg/há/ano.

Embora não seja uma prática rotineira, a unidade também realiza pescas parciais, principalmente quando

é identificado crescimento lento dos camarões até cerca de 15 gramas, justificando intervenções antecipadas.

**CONCLUSÃO.** A visita ao centro de desenvolvimento da fazenda Minh Phu Loc An, evidenciou que, diante dos desafios relacionados à competitividade e à convivência com donos, cinco pilares se destacam como essenciais para o sucesso na produção da “Minh Phu Loc An e Otanics”: pós-larvas SPF/SPR, tratamento eficaz da água, infraestrutura moderna, monitoramento contínuo e adoção de tecnologias inovadoras. ■

*Diego Maia Rocha, biólogo e diretor técnico da Synbiaqua (diegomaiarocha@synbiaqua.com.br)*

# A AQUICULTURA NO BRASIL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA UMA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL E LUCRATIVA

POR DANIELA NOMURA VARANDAS

**A**quicultura é uma das atividades zootécnicas que mais cresce nos últimos anos, e a Tilápia é a espécie protagonista nesse cenário. O Brasil é o quarto maior produtor de tilápia do mundo e com potencial de aumentar ainda mais sua produção. Fatores como o clima favorável, quantidade e qualidade de água, disponibilidade de excelentes matérias primas para a fabricação das rações e qualidade do material genético colaboram para que o Brasil esteja se destacando nessa atividade. Todavia, a intensificação da piscicultura contribui para o surgimento de enfermidades e aumentando os desafios ambientais.

A lucratividade é um dos objetivos para o empreendimento, mas em se tratando de tilapicultura, o equilíbrio entre a Sanidade e Produtividade é o grande segredo! Estratégias de manejo sanitário tem ganhado muito espaço, pois quando se tem maiores taxas de sobrevivência e mais saúde para aproveitar melhor a nutrição, o lucro é maior. Programas de vacinação e investimentos com o monitoramento sanitário, biossegurança e bem-estar animal são adotados nas principais fazendas, concomitantemente com nutrição ativa aproveitando como nutrientes os subprodutos da agroindustrial. A pesquisa científica é peça-chave nesse contexto. Estudos sobre fisiologia, nutrição, reprodução e enfermidades das tilápias são fundamentais para embasar estratégias produtivas, especialmente quando combinados com o conhecimento das particularidades regionais e das ferramentas disponíveis para lidar com os desafios locais.

Os aditivos são usados como ferramentas para otimizar o aproveitamen-

to das rações, melhorar a performance zootécnica, acelerando o crescimento e o rendimento de filés, mas também podem ser destinados a aumentar a resistência a doenças e potencializar a função das vacinas na produção de imunidade específica (anticorpos) e principalmente a ferramenta mais efetiva para reduzir o uso de antimicrobianos e promotores de crescimento. Diversos aditivos utilizados na avicultura e outras atividades zootécnicas estão sendo validados em peixes, ajustando as inclusões e recomendações de uso.

Os ácidos orgânicos, por exemplo, são amplamente utilizados na produção animal devido à sua versatilidade e variedade de aplicações. Podem ser fornecidos isoladamente ou em misturas, mas sua eficácia depende da estabilidade e da disponibilidade ao longo do trato gastrointestinal. Uma particularidade sobre os ácidos orgânicos é a disponibilidade para desempenhar sua função, visto que são voláteis e podem se perder no processamento de fabricação das rações, pelo calor no armazenamento e até mesmo após a ingestão do alimento não suportando as reações fisiológicas do animal (exemplo: pH mais ácido do estômago). Um dos produtos que tem apresentado maior performance tem sua composição exclusiva de ácido butírico protegido quimicamente por sal, resultando em aumento da capacidade de absorção de nutrientes pelos enterócitos, melhorando assim a conversão alimentar usando Butirex.

A combinação de ácidos orgânicos aos óleos essenciais também representa uma alternativa eficiente que garante uma melhor mistura na ração acabada, pois como são muito concentrados para inclusões baixas, quando asso-

ciados e com efeito sinérgico trazem a sinergia de atuação. A combinação entre os ácidos fumárico, láurico, benzoi-co, málico, cítrico com os óleos timol e carvacrol apresentam uma melhoria no desempenho zootécnico em tilápias assim como apresentou efeito bacterios-tático em ensaio in vitro frente a bactéria *Streptococcus agalactiae* lb, resultados testando o produto Vidara Acid FLB.

Outro grupo de aditivos amplamente utilizado são os derivados de parede celular de levedura. Já bem estudados na piscicultura brasileira, vêm ganhando novas abordagens com a utilização de carboidratos refinados. Suplementações com produtos como o **Celmanax** têm demonstrado melhorias significativas na saúde intestinal, favorecendo o crescimento de bactérias benéficas e reforçando a resposta imune das tilápias.

Por fim, a melhor estratégia para enfrentar os desafios da tilapicultura é adotar um manejo sanitário e alimentar, pensando sempre em manter o equilíbrio entre a produtividade e o meio ambiente! Escolher o melhor alimento e usar os aditivos estrategicamente para a imunidade, prevenindo as possíveis enfermidades e mudanças climáticas. ■

**Daniela Nomura Varandas**, zootencista, mestre em Aquicultura gerente comercial Aqua - Vidara do Brasil



# SISTEMA MULTIFÁSICO REVOLUCIONA A PRODUÇÃO DE CAMARÃO NO CEARÁ E FORTALECE A CARCINICULTURA BRASILEIRA

ANDRÉ LUÍS PENHA DE SENA

A carcinicultura brasileira vive um momento de transformação marcado por avanços técnicos, maior profissionalização e busca por sustentabilidade. Nesse cenário, o sistema multifásico de cultivo se consolida como uma das inovações mais relevantes, elevando a produtividade, reduzindo riscos sanitários e fortalecendo a competitividade. No Vale do Rio Pirangi — que engloba os municípios cearenses de Fortim e Beberibe —, a técnica vem sendo aplicada com sucesso, reposicionando o Ceará como referência nacional e internacional na produção de camarão marinho.

Diferente do modelo tradicional

de ciclo único, o sistema multifásico — também conhecido como trifásico — divide o cultivo em três etapas: berçário, pré-engorda e engorda. Essa segmentação permite que a pós-larva passe por fases intermediárias de adaptação e fortalecimento, chegando ao viveiro final como juvenil mais robusto e uniforme.

O principal ganho é que o sistema possibilita mais ciclos anuais: ao reduzir o tempo de engorda, torna-se viável aumentar o número de cultivos ao longo do ano, ampliando a produtividade geral das fazendas.

Na prática, produtores relatam que camarões podem atingir mais de 10 gramas em apenas 35 dias na fase

final de engorda. Além disso, a taxa média de sobrevivência gira em torno de 80%, enquanto o fator de conversão alimentar (FCA) varia entre 0,8 e 0,9 — resultados muito superiores aos dos cultivos convencionais, em que o FCA oscila entre 1,2 e 1,3.

**RESULTADOS NO CAMPO.** A adoção do sistema multifásico trouxe ganhos expressivos no Vale do Rio Pirangi. De acordo com a Pesquisa da Pecuária Municipal (IBGE, 2023), Fortim produziu 3.656,9 toneladas de camarão, ocupando a 9ª posição nacional, enquanto Beberibe registrou 2.555,6 toneladas, ficando em 17º lugar.

Mais do que os resultados locais, o Ceará consolidou-se como líder absoluto da produção brasileira. Em dez anos, o volume produzido mais que dobrou: de 35,3 mil toneladas em 2014 para 83,7 mil toneladas em 2024, um crescimento de 136%. Em relação a 2023, o avanço foi de 15,2%. Hoje, o Estado responde sozinho por 57,1% de todo o camarão cultivado no país, o equivalente a 146,8 mil toneladas.

Esse salto também se refletiu na economia: o valor da produção cearense alcançou R\$ 1,6 bilhão em 2024, alta de 23% em comparação ao ano anterior, estabelecendo um recorde na série histórica da PPM/IBGE. Esses números demonstram como a inovação tecnológica, aliada ao empreendedorismo local, tem sido decisiva para o crescimento e fortalecimento da atividade.

**DESAFIOS ESTRUTURAIS.** Apesar dos avanços, a carcinicultura brasileira ainda enfrenta desafios importantes. Segundo Rocha e Jansen (2024), o país possui aproximadamente 3.500 fazendas de camarão, mas apenas 35% contam com regularização ambiental. Além disso, micro e pequenos produtores representam cerca de 85% das unidades produtivas e ainda enfrentam dificuldades de acesso a crédito, assistência técnica e tecnologias modernas.

Para que a modernização seja contínua, é fundamental ampliar políticas públicas voltadas ao licenciamento ambiental, criar linhas de financiamento específicas para o setor e estimular a pesquisa aplicada, garantindo que os benefícios da inovação cheguem também aos pequenos e médios produtores.

## BIOSSEGURANÇA: UM DIFERENCIAL ESTRATÉGICO

Outro grande mérito do sistema multifásico está na sua contribuição para a biossegurança. Ao reduzir o tempo de permanência dos animais em cada etapa, o modelo limita a exposição a enfermidades que historicamente comprometem a carcinicultura brasileira.

### ENTRE AS PRINCIPAIS DOENÇAS ESTÃO:

- 1 Síndrome da Mancha Branca (WSSV), responsável por altas mortalidades em surtos;
- 2 Mionecrose Infecciosa (IMNV), que compromete a musculatura;
- 3 Infecções bacterianas como a vibriose;
- 4 Infecções parasitárias como a gregarina (microsporidiose).

Para enfrentar esses riscos, produtores têm investido em boas práticas de manejo, monitoramento rigoroso da água, seleção de larvas de alto padrão genético e nutrição balanceada. Essas medidas aumentam a resistência dos camarões e reduzem a necessidade de intervenções emergenciais.

Nesse processo, a Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC) e a Associação dos Produtores de Camarão do Ceará (APCC) desempenham papel essencial, promovendo treinamentos, eventos técnicos e protocolos de biossegurança que fortalecem toda a cadeia produtiva.

**CONSUMO INTERNO EM EXPANSÃO.** O consumo de camarão no Brasil também cresce em ritmo acelerado. Entre 2016 e 2023, o consumo per capita saltou de 200 gramas para 1,1 kg, segundo dados da ABCC. Embora expressivo, o índice ainda é modesto quando comparado a países onde o camarão já ocupa lugar consolidado na dieta da população.

Esse potencial de expansão depende da valorização da produção nacional, associando-a a atributos como qualidade, rastreabilidade e responsabilidade socioambiental. Cada vez mais atento à origem dos alimentos, o consumidor brasileiro tende a valorizar produtores que adotam práticas modernas e sustentáveis — fator que pode impulsionar ainda mais a presença do camarão no mercado interno.

**EFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO.** O sistema multifásico vai além de uma técnica de cultivo: é um divisor de águas para a carcinicultura brasileira. Sua aplicação em Fortim e Beberibe demonstra que é possível unir eficiência produtiva, biossegurança e sustentabilidade, consolidando o Ceará como líder incontestável e referência internacional.

Mais do que modernizar a produção, o multifásico fortalece a competitividade regional, estimula a profissionalização das fazendas e projeta o Estado como protagonista em um setor em plena expansão e cada vez mais estratégico para a economia nacional. ■



*André Luís Penha de Sena é empresário da carcinicultura com mais de 20 anos de experiência no setor aquícola. Atua no desenvolvimento de tecnologias sustentáveis, gestão de fazendas de camarão e na promoção da aquíicultura brasileira como referência internacional*



# PROPAGANDA E MARKETING, A ALMA DO AGROTROPICAL BRASILEIRO

Neste ano no Rio + Agro, grande evento do agroambiental tropical brasileiro para o mundo inteiro, no Rio Centro, encerramos esse grande show do agronegócio brasileiro com um painel sobre “propaganda e marketing”. E homenageamos o maior acadêmico vivo da história da administração de marketing do Brasil, o Prof. Dr. Marcos Cobra. Uma vida dedicada a academia na direção da cadeira de marketing da FGV, com dezenas de livros escritos e chamado de “Kotler brasileiro”, em reverência ao maior autor mundial de marketing, o americano Philip Kotler.

Foram milhares de executivos formados por este mestre. E qual o motivo desta homenagem além da justa honraria que o Prof. Marcos Cobra merece? Simplesmente por que precisamos compreender o que marketing e propaganda de fato significam. Quer dizer trazendo a imagem da esfinge de Tebas: “decifra-me ou te devoro”; ou deciframos essa secular sabedoria do legítimo sentido da consciência da administração de marketing e do papel da propaganda ou jamais iremos obter valor percebido dos legítimos feitos do agro tropical e ambiental brasileiro.

Marketing significa antever, auscultar, identificar e dar visibilidade aos sonhos, desejos, angústias, necessidades humanas muito antes de serem demandadas pelo mercado ou por pessoas e consumidores. Ninguém pediu nada do que hoje faz parte da sociedade de consumo. Mesmo ninguém pediu nada do que a ciência e a tecnologia hoje oferecem no universo do agronegócio. Foram alguns poucos e visionários que enxergaram antes, teceram com os conhecimentos disponíveis, inventaram as sementes, os fertilizantes, as vacinas, os arados, os pulverizadores e tratores, os suínos híbridos, o

plântio direto, a tropicalização do zebu. E graças a esses pioneiros nos institutos agronômicos, nas universidades e na Embrapa, concebida por Cirne Lima em 1970 com mais meia dúzia de visionários e empreendedores, criamos e realizamos a maior revolução da paz no planeta terra: a revolução criativa do alimento, da energia, das fibras, do meio ambiente tropical do mundo: o agro brasileiro sustentável e tropical.

Portanto temos marketing? Sim, temos. A criação de produtos, de métodos, de sistemas de produção, da genética. As cadeias produtivas ainda que muitas aos trancos e barrancos se orquestraram num sistema denominado em Harvard pelo Prof. Dr. Ray Goldberg de “agribusiness”, fizemos. Quando mostramos o crescimento da proteína animal no Brasil tropical, no fornecimento para o mundo, nos modelos ilpf em desenvolvimento, no sistema agroflorestal, no sucesso cooperativista, na resiliência e competência de produtoras e produtores do Brasil, mostraríamos tudo aquilo que o consumidor do mundo deseja. A pergunta é: mostramos? Não. Nos falta de forma absurdamente clara a estratégia brasileira de propaganda para os mercados globais e para conquistar corações e mentes mundiais.

Numa conversa com o sábio Prof. Marcos Cobra, já no auge da sua sabedoria transcendental, ele explica que agora, já passando pela IA, precisamos desvendar a IE. Quer dizer além da inteligência artificial, no invisível dos algoritmos que nos permitem um avanço sobre os clássicos 4 A’s de Raimar Richers, onde análise, adaptação, ativação e avaliação ganham extraordinária velocidade e instantaneidade, precisamos doravante da IE - inteligência espiritual. Fidelidade de pessoas. Conquista de preferências acima de pre-

ços e de conveniências. As marcas com profunda identidade de poder afetivo. Portanto é a arte suprema da persuasão que acelera a paixão e pode nos colocar num efetivo grau de sermos eleitos com agregação de valor.

Somos percebidos? Não. Em pesquisa que realizamos na Europa, com apoio da Serasa Agro, somente 8% da população tinha alguma noção de agro brasileiro. Desta forma, podemos ter uma excelente realidade mas se não tivermos a sua justa percepção trabalhamos com dois tipos de deficits: 1 - econômico financeiro. 2 - total vulnerabilidade a ataques de fake news e da desinformação.

Marketing agora está na velocidade dos algoritmos. Ótimo. Mas na sua essência continua sendo a competência de criar o que ninguém ainda pediu. Porém não temos mais tempo para que os clientes descubram por si próprios as vantagens embutidas e muitas vezes invisíveis na nossa carne, nas nossas frutas, nossos grãos, nosso algodão, celulose, café, etanol, açúcar, e num gigantesco diferencial agroambiental tropical brasileiro, onde seres humanos se misturaram vindos de todas as nações e se reuniram criando a mais espetacular sociedade tropical planetária, produzindo alimentos agora, para o mundo inteiro.

Os valores do agro brasileiro hoje carecem da boa e da legítima propaganda com arte, música, cultura, terroir, a divina arte que toca o coração da alma do agronegócio, o tropical, o nosso. Para o mundo todo.

Nossa homenagem ao mentor e mestre eterno Prof. Dr. Marcos Cobra.

Vamos desvendar o talento da propaganda e da administração de marketing no sistema do agribusiness. Doravante um total “health system” e um [www.agricitizenship.com](http://www.agricitizenship.com).

Então AVE agronegócio brasileiro e na avicultura, sem dúvida, AVEnegócio. ■

# O melhor dos dois mundos para uma **genética suína insuperável**



## TN70


- Reconhecida como a **melhor matriz do mundo**
- Alta produtividade
- Baixo custo de produção




## TN DUROC

- A **melhor conversão alimentar** do mercado
- Máxima rentabilidade
- Carne de **qualidade superior**

 [topignorsvinbrasiloficial](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)



Surpreenda-se com  
nossos melhoramentos  
genéticos.

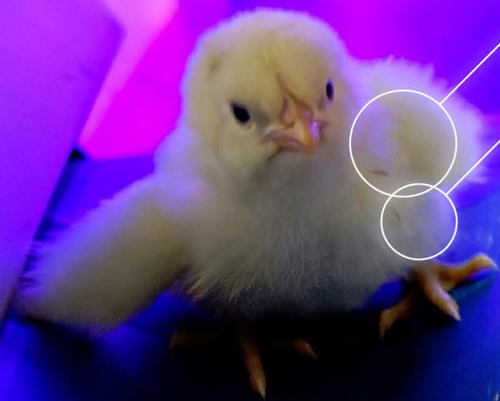
# Genesis<sup>®</sup>

GENDER SORTING SYSTEM

ESCANEE O  
QR CODE E SAIBA  
MAIS NO SITE



CEVABRASIL@CEVA.COM



Male ♂	Female ♀
✓	✗
FLOCK ACCURACY: 97%	

**PRECISÃO** desde o princípio é nossa prioridade,  
Ceva **GENDER SORTING SYSTEM** para frangos de corte.



CEVA.COM